

SIP  
EXCLUSIVO:  
ESTADÃO  
QUASE ESMAGA O  
EX!

40 páginas

\$ 6

novembro  
1975

# EX-16

2ª EDIÇÃO  
20.000  
EXEMPLARES

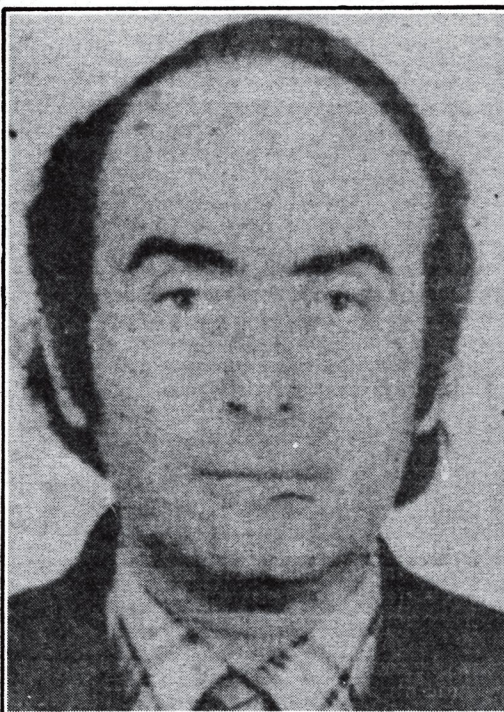
... FOTO E LIBERDADE DE IMPRENSA

# LIBERDADE ABRE AS ASAS SOBRE NÓS

LEIA EDITORIAL NA PÁGINA 5

**A MORTE  
DO  
JORNALISTA  
VLADIMIR  
HERZOG**

páginas 33 a 40



**NÃO PERCA:**

Piroli, o escritor  
fedido de Minas  
(página 30)

O bispo de São Félix  
(página 12)

Jornalista joga  
sangue no ventilador  
(página 29)

Mulher boa, para  
um nazista, é a mãe  
(página 10)

**LACERDA ATACA TV-GLOBO E PEDE ASILO A CUBA**

Páginas 11 e 23



## ESTUDANTES, FILÓSOFOS, ÍNDIOS, ELEITORES, DEPUTADOS,



### Estamos Com o Medo

A verdade é que quase todo mundo se contenta com heróis: heróis de 1917, heróis de Woodstock, heróis de maio de 68, heróis que foram e voltaram, heróis nacionais e importados, herói-vizinho-meu que apanhou, e olha, cara, sou amigo dele, ele dançou e saiu de lá fudido; herói que a gente julga adormecido e depois ouve ele dizer que vai levando, herói que fala direto, que cita nomes e datas, que se expõe, que diz as coisas como são, e a grande maioria de nós com aquele puta medo de se expor (porra, eu me incluo) fica, esperando que um dos grandes tome alguma iniciativa, que diga alguma coisa que a gente quer ouvir, que a gente quer dizer mas não tem coragem; ficamos aí, esperando a reportagem, esperando a letra da música que a gente precisa sacar nas entrelinhas, esperando declarações; ficamos aí, vibrando com os Camões do Estado (72-73), deliciados com os livros retirados de circulação (mais um tema pros papos), escandalizados com aquela música que censuraram a letra e no disco só saiu instrumental; e se depois de tudo isso, o grande tá de saco cheio de falar sozinho (ou a gente nem sabe o que é que pintou de ameaça particular pra ele) então... é, o caetano não é mais o que era.

Cê olha em volta e tá todo mundo sentindo a merda feder, a merda do lado de fora, a merda que tá dentro da cuca da gente. Gente que chega lá do exterior (e eu tive lá) não entende, não entende porque tudo parado, não entende as aberrações.

Isso é Brasil, América do Sul, 1975 (quase 76). Não é Estados Unidos da segunda metade da década de 60, não é Paris de 68; é parte disso, é diferente, é um pouco mas é muito mais; puta merda, os chavões tão gastos, as drogas tão gastas (que é que adianta só explorar o mundo de dentro, se o mundo de fora tá, querendo ou não?). O som tá gasto, definindo, às vezes com uns arranques que fazem lembrar últimos suspiros; o que se lê tá gasto, o que se vê tá gasto, o que se ouve tá gasto, o que se vê tá gasto; repito: a gente tá em 1975! E isso que atormenta a gente: a impossibilidade de trazer soluções de fora, de outras épocas. O momento é outro, e é isso que desespera, não ter nada pré-fabricado, nada pronto para servir, entende? Porra, a gente precisa criar a solução da gente, e isso é muito mais difícil, criar as coisas da gente, com palavras, gestos da gente mesmo, sem fantasias, principalmente sem fantasias. É preciso sintetizar, juntar reconhecer a individualidade da situação, senão a gente corre o risco de ficar repetindo frases escritas em 1848, ou palavras de profetas que viveram 3 mil anos atrás. Como era mesmo? Krishna dividiu o mundo em 4 classes"... No Brasil nunca ninguém viu alguém morrer de fome..." Quem falou foi aquele cara dos Hare-Krishna de São Paulo, foi o que tava escrito no Ex. Ora vá, tomar no cu, não dá pra ver mesmo: corpo astral não morre de fome, e o cara que vive de tra-

balho, feijão e arroz lá tem tempo de fazer ioga?

Hoje tá todo mundo no mesmo barco, nem dá mais pra ter muita divisão ninguém sabe direito o que o outro pensa, ninguém fala, mal dá pra entender, cada um reage à sua forma e a gente tem que descobrir. Se fala do amor; não jogo ele fora não; tá todo mundo sabendo da falta de afeto, do medo de se dar, de se abrir, se mostrar, quero conhecer e amar quem tá do meu lado e me saca, tenho raiva de quem me aperta a garganta, que me sufoca, que não enxerga as coisas mudando. O eterno movimento dos barcos movimento movimento dos barcos movimento movimento.

E para onde vai essa energia toda que a gente tem dentro da gente? Se perde, se dissipa, é reprimida, mil tipos de energia reprimida, mil tipos de energia pra se liberar, a voz da gente é falar algo, em todos os lugares, não se esconder só no Riviera, Mais Um, etc.

Olha, é começar pela gente mesmo, a gente já sabe a rotina do operário, mas começa por ela muita gente já tentou e não deu certo. Não adianta se querer ser o que não é, é assumir a classe-média, os grilos-classe-média, começar aqui mesmo, em casa. É perder o cagaço de escrever um artigo sobre prisão - até quando, cacete, até quando esse puta medo, essa paranóia? Pelo menos já é alguma coisa dizer alto: A GENTE NÃO FALA PORQUE TÁ COM MEDO - pra não pensarem que tá todo mundo quieto porque concordou. Medo das coisas que a gente conhece, que viveu, que ouviu contar, que imaginou, que nem imagina! Medo de ser parado na rua e ter esquecido o documento em casa. Medo da mão da arbitrariedade porque quem manda é ela mesma.

a) George, SP

### Uma Aula de Fucô

Muitos dezenas de estudantes e professores da USP foram recentemente presos. Talvez sejam torturados - se é que já não o estão sendo nesse momento. Suas vidas estão ameaçadas. Uma universidade que não é plenamente livre não passa de uma empresa de servilidade. Não dá para lecionar sob o tacão de botas, não dá para falar diante do muro das prisões; não dá para estudar quando as armas ameaçam. A liberdade de expressão e de pesquisa são sinais de garantia de liberdade dos povos. Na defesa dos direitos, na luta contra as torturas e a infâmia da polícia, a luta dos trabalhadores e intelectuais se unem à dos trabalhadores manuais. A USP sabia que sua luta de hoje relaciona-se à luta pela liberdade em todos os países do mundo. Presto minha homenagem à sua coragem e me associo de bom grado às decisões que vocês possam tomar para conseguir que a justiça não seja aqui uma palavra ultrajada.

A) M. Foucault (filósofo francês que, a 23 de outubro último, suspendeu os cursos que estava dando na Universidade de São Paulo, até que sejam libertos seus colegas presos)



"por uma corrida de taxi não paga..."

### Impossível Estudar

Desculpem o jeito que vai esta carta, mas eu preciso escrever rápido senão acabo me arrependendo e isto ficará, como muitas outras coisas, guardado atrás dos olhos e ouvidos e distante das mãos.

Como vocês querem que eu seja politizado num país onde existe AI-5 e 477? No dia 20 de outubro disseram que iam dissolver uma classe do cursinho do Colégio Objetivo. O pessoal aceitou e se encaminhou às classes designadas onde era impossível estudar por causa do excesso de gente. Voltamos a nossa antiga sala e nos recusamos a sair. O diretor não veio falar conosco pois estava em "reunião". Marcada reunião para o dia seguinte, o sr. Jorginho (o diretor) apareceu e a primeira coisa que falou foi que o pessoal do colégio não pode reclamar (ele não disse pode, disse deve evitar), entrar em conflito, pois o 477 tá aí.

O que poderíamos responder? O que podem os estudantes dizer? Deixemos de perguntas. Não haverá respostas mesmo. Porque nesse mundo brasileiro a cultura é medida por capacidade de ganhar dinheiro. 80% dos estudantes fazem faculdade visando a si próprios e à maneira mais fácil de ganhar dinheiro.

Me chamo Mario Roberto Fortunato, moro em São Paulo e estudo no melhor colégio do mundo inteiro, o Objetivo (de ganhar dinheiro).

### Talidomida 477

O Pasquim vem, constantemente, exigindo dos leitores que lhe escrevem, que se politizem, atribuindo-lhes, inclusive, um chamado "índice de politização".

No entanto, politizar o estudante paulistano ou carioca é, de certa forma, até fácil, o que não acontece em cidades como Bauru que mantém um número incrível de estudantes universitários: mais ou menos 10.000 residentes aqui ou não, que estão completamente incipientes no tocante à política. Para alguns, (como é o meu caso) é justa a ignorância aos problemas brasileiros, já que sou um exemplo dos 50 ou 60% destes universitários; os quais trabalham durante 8 h. por dia e o completam (o dia) com 4 h. na escola (inclusive aos sábados). Isto exige do estudante qualquer tempo para inteirar-se das atividades daqueles políticos a quem, levados por uma campanha um bocadinho romântica diante da realidade, elegeram e acreditaram. E são justamente estes 50 ou 60% os maiores interessados nas manobras da política nacional pois são normalmente os primeiros atingidos.

Como sanar um problema desta natureza se a própria escola não oferece meios para por o universitário a par dos meios políticos? Será o monstruoso 477 uma espécie de talidomida deformadora da consciência de nossa?

Não seriam vocês os indicados para imaginar soluções para problema tão delicado, todos sabemos, mas cabe aos órgãos de imprensa apontar os deslizes, as falhas da nossa política. Não é assim tão fácil diriam outros, mas a vocês que nasceram com esse rejeito, com um idealismo fundado neste propósito, podemos

pedir. E cabe aqui meus elogios a este "nani-quismo" que se agiganta e que tem força para pelo menos por em pauta com mais constância, esta situação, a fim de que isto leve os "indicados" a se verem encorralados pela opinião mais importante: a do povo.

a) Fernando "VASQS", Buru SP

PS.: Estamos, cá em Bauru, confeccionando uma revista. Terá o nome de O Grifo e será uma revista de humor, não exclusivamente. Nela abordaremos arte e assuntos sociais em geral, enfim será cultural. Conterá também opiniões pessoais de um velho colonista político. Não poderemos contar com o mesmo teor político de um EX (motivos de força maior) mas é uma revista cultural, e cultura é humanismo, humanismo é reivindicação social, olhem nós na política.

### Pau no Pasquim

Companheiros do EX:

Espero que dê tempo de enfiar isso no nº 16, que, no momento, é o único capaz de abrigar esse repúdio ao seminário O Pasquim, cujo comportamento nas últimas semanas aproxima aquele outrora combativo semanário de publicações que ele anedoticamente combate, como Manchete e O Globo.

Todos sabemos que de achacadores como Sérgio Jaguaribe, um contador de anedotas; Ziraldo Alves Pinto, reproduzidor da Disneylândia, especializado em vender personagens ao governo e promover o "Brasil Grande"; Ivan Lessa, Sérgio Augusto..., dos quais Millor Fernandes se afastou por razões políticas, para não ser convivente com a convivência - destes realmente só se podia esperar a omissão em circunstâncias como esta.

Mas vemos agora que a omissão se transforma em colaboração. A veledade pequenoburguesa dos redatores, portanto, não é essencial. Da mentira às capas com mulheres seminuas para aumentar a vendagem (qual a diferença de Manchete?) estamos diante de um jornal estelionatário. Para usar uma expressão de interesse de seus redatores, um jornal, sem mercado, pois seu papel é melhor cumprido pelas publicações da Editora Bloch - incluindo as fotonovelas.

Neste momento deve-se confrontar O Pasquim com o próprio Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, jornais que não fugiram: compreenderam inclusive a essência jornalística dos fatos e, em editoriais (JB e Folha SP), emitiram opinião contrária aos acontecimentos. Evidentemente, estes jornais não mudam sua estratégia; O Pasquim aparentemente manteve a sua: a colaboração.

O selo indicando que O Pasquim está "sem censura prévia", o slogan "Um jornal a favor da imprensa livre e dos jornalistas idem" merecem explicações. A conclusão inevitável é que sem censura prévia o jornal é isso mesmo. Dona Linda Nurmi jamais nasceu no Rio; brotou de alguma gaveta de alguma agência de fotos; a Espanha (por que tanto interesse?) está a milhares de quilômetros; Glauber Rocha que pare com as frescuras e faça logo seus filmes pra AERP. Quanto aos jornalistas livres, que o jornal deseja? Aceitar os princípios de certas religiões, de que o homem só é livre quando morto?

Desoladamente,

Sérgio Buarque de Gusmão



# leitores

## CINEASTAS, JORNALISTAS, UM ASSUNTO SÓ: REPRESSÃO.



ensaio fotográfico...

### Estilo Inquisição

Detenho-me nessas considerações, antes de marcar meu protesto e do meu partido, o MDB, dentro de uma linha de coerência à sua programática, ao retrocesso da ampliação da censura-prévia à imprensa, nos últimos dias.

Quando do centenário do grande órgão liberal O Estado de S. Paulo, prometido o término da censura-prévia, verificou-se que jornais como Opinião, Movimento, Ex, na linha dos semanários, e A Tribuna da Imprensa, do Rio, e o Jornal de Brasília na linha dos diários, continuam sofrendo censura-prévia. Veja, a mais assídua revista de informações do País, jamais se libertou de uma censura que a faz cada vez mais difícil de ser mantida.

Num panorama assim tão turvo, quando o Presidente Geisel, num rasgo - muito ao seu feitio - de coragem e altivez de atitude, abriu o verbo do governo à Nação, chamada à realidade do seu sacrifício ante recessão do capitalismo mundial, continuam no País as perseguições a jornais e jornalistas, no melhor estilo dos tempos da Inquisição.

Nunca se pode exigir muito dos organismos policiais, mas jamais se pode confundir-los com os órgãos de segurança do governo, embora sempre nos defrontemos com revelações e excessos policiais em nome dos últimos.

E ninguém nunca conseguiu eliminar a imprensa do caminho de defesa da liberdade popular, razão básica, até, de sua existência. Censurá-la é, pois, tentar tapar o sol com a peneira. As vezes queima mais que a descoberto.

**a) Deputado Milton Steinbruch, Brasília N.R.** - O Ex não é semanário, nem está sob "Censura Prévia".



de Walter Ghelman, Rio.

### Índio Reclama Do Mau-Humor

Os colonizadores quando chegaram à América, encontraram terras férteis, montes ricos em madeira e animais de peles valiosas, minas imensas em riquezas de ouro, prata e outros minerais preciosos. Nós cultivávamos e trabalhávamos nossas comunidades, defendíamos nossos povos, não temendo a nada.

Nós os indígenas empregados, se algum dia o chefe ou o patrão amanhece de mau humor, somos rechaçados. Ele não tem interesse em que o índio aprenda e siga progredindo. Estamos cansados de sofrer tanta injustiça, hoje nós tratamos mal porque nós temos medo, porque parecerá que o índio não tem nenhum direito de ser humano.

E nós não somos animais, nem filhos débeis, para viver trabalhando sob a tutela dos patrões, dos missionários, ou dos funcionários que nos emprestam as ferramentas, para nos tirá-las quando eles decidem. Exigimos a segurança e liberdade de trabalho de que deve gozar todo ser humano no século XX.

Milhões de nossos irmãos regaram a terra americana de suor e sangue, trabalhando como animais, em nossos bosques, em nossos campos, para que outros levem nossas riquezas a outros continentes.

E é esse sangue derramado de nossos antepassados que hoje nos empurra e nos obriga a nos comprometermos e exigir ante o mundo justiça para esta situação.

Igrejas de diversos credos; governos de distintos países; organismos internacionais de defesa dos direitos humanos e trabalhistas. Se o trabalho é a continuação da obra criadora de Deus, se o trabalho é o engrandecimento das nações, se o trabalho é uma das mais elementares liberdades de que deve usar o homem,

então, se o trabalho é a própria vida do homem; que resposta dão a esta declaração que resume uma situação de tremenda exploração em que estamos os índios desde há 5 séculos. Por ele é vontade do Parlamento do Cone Sul:

1. Se ponha fim à discriminação do índio com relação às tarefas que nos determinam na divisão do trabalho. Que se pague efetivamente e que não se pague nunca mais em vales.

2. Não se reserve com exclusividade ao indígena as tarefas mais desagradáveis e que exigem um maior desgaste físico.

3. Que o produto do trabalho realizado pelos indígenas nas reservas estatais e missões religiosas deve pertencer em sua totalidade a nossos irmãos e não ser empregado em gastos burocráticos dos agentes protecionistas. As reservas e missões organizadas como empresas produtivas devem ser administradas por nós os índios, ou pelo menos com nossa direta participação.

4. Que é desejo dos povos indígenas que se adotem medidas econômicas tendentes a evitar que os aborígenes nos vejamos a abandonar as nossas comunidades; com este fim que se criem fontes de trabalho para as comunidades.

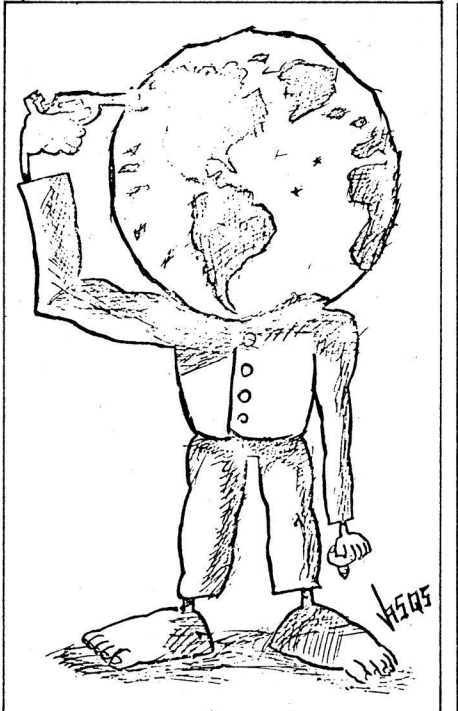
5. Que nas terras onde habitamos os indígenas exigimos que os governos provejam os meios necessários para que sejam as próprias comunidades as que explorem as riquezas naturais que existirem em nosso próprio benefício. Em caso de ser isto totalmente impossível, por tratar-se de jazidas sujeitas a legislações especiais, que as comunidades recebam uma participação dessas extrações.

(Parlamento Índio Americano do Cone Sul, Conclusões Sobre o Trabalho)  
**a) Revista Macaxeira, Porto Alegre.**

### A Gente Insiste

Deixamos coletivamente o Jornal da Cidade. Doe o que o jornal era exatamente o que a gente tinha pensado em fazer, a única coisa que estava importando profissionalmente pro nosso grupo aqui no Recife. A gente tinha conseguido abrir o jornal para a cidade, os recifenses participavam dele, telefonavam dando sugestões, escreviam, vinham à redação. Só que o jornal tinha um dono que não falava a mesma língua da gente. Ele realmente nunca conseguiu entender a diferença entre o jornal dele e o nosso: sabia apenas que o dele não dava dinheiro. Daí resolveu fazer o inevitável: mudar tudo, vender pra quem tinha dinheiro pra comprar. E aí não interessava mais a gente. Mas tudo bem, até que ele durou muito, não é? 49 números! Mais do que a gente nunca imaginou sequer pensar...

Quer ser repórter hoje em dia está virando romantismo. A reportagem está sendo banida do jornalismo. Mas a gente insiste, mesmo que o espaço esteja cada vez mais apertado.



esparsas. O objetivo inicial é um mapeamento completo do estado. O trabalho seria dividido em 3 etapas: Grande Recife, Zona da Mata, Agreste e Sertão. Vamos atacar o Grande Recife. Fotografando, aplicando um questionário-padrão e depois um depoimento. Para isso, estamos contando com total apoio de Hermilo Borba Filho. Por enquanto é isso. Gostaria de dizer mais coisa. Mas vejo que o mais importante é o trabalho.

**a) Ivan Mauricio, Beth Salgueiro, Recife**

### Salão de Humores

Faço cartuns há alguns tempo, sem no entanto ter publicado regularmente em nenhum jornal ou revista. Recentemente com o cartum INPS, que aí lhes envio, tirei 1º lugar no I Salão de Humor de Sorocaba e mais recentemente expus no II Salão de Humor de Piracicaba. Agora estamos transando aqui em Bauru uma revista humorística, que está para sair. Assim que isso acontecer nós lhes enviaremos um exemplar.

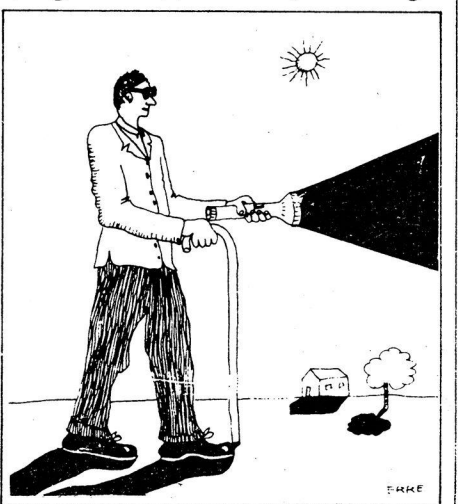
**a) Gilberto Maringoni Oliveira, Bauru SP**

### A Força é Menor

Muito boa essa do Ex-15. Uma carta, forte (de Décio Bar), com cheiro de competência e domínio dos problemas enfocados. Uma carta valente e visceral que me colocou na máquina, para respondê-la.

Mas aqui também pintou um lance diferente que quero ter contar: foi o organizado um Festival S8 e 16 por Centros Acadêmicos, Assembléia Legislativa e fornecedores. Tudo bem, todo mundo com cabeça começou seu filmezinho (eu fiz 2 animados curtos, só pra dar força). No dia da estréia (eram 2 noites de gala), um aviso na porta deixava todo mundo no ar: por motivos de força maior, etc, etc, a Censura tava com eles. Mais de 40, pelo que fui descobrindo. Isso faz uns 20 dias e até agora ninguém sabe de nada. Eles levaram, no mínimo 2/3 da possível produção de cinema amador de Porto Alegre, de um ano.

**a) Rogério Raupp Ruschel, Porto Alegre.**



**ex**  
JORNAL DE TEXTO,  
FOTO, QUADRINHOS E O DIABO.

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupom. Seu cupom vale para o Ex e para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

Nome \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_  
12 EDIÇÕES (R\$ 7,00) 6 EDIÇÕES (R\$ 3,50)

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda.

VOCÊS NÃO  
SOMOS  
TRANSFORMANDO  
O MUNDO  
PRASISTENTE  
PODE ESTABELEÇER  
DA NOSSA  
SOCIETADIA  
CONSUMO



# QUANDO MENOS SE ESPERA, CHEGA O NATAL



anos de vida (Ex-1, novembro de 1973). Nós sabemos que o bolso da cambada amiga dói com uma facada dessas, mas lembre-se de nós nesse Natal.

Estamos vendendo uma média de 18 mil exemplares. A \$ 3,30 o exemplar (dos \$ 6 do preço de capa, \$ 2,70 vão para a distribuidora e para as bancas), são \$ 59.400. Nosso custo industrial, só gráfica, é de \$ 40.000. Sobram \$ 19.400. Com duas páginas de anúncios pagos, temos \$ 30.000. Desconte outros gastos (filmes, condução, material de redação, aluguel, luz, água). Agora, dê uma olha no Expediente, veja quantos somos. E imagine o estapeio na hora de distribuir a grana que sobra. Parece aquela casa onde não tem pão: todos chamam e ninguém tem razão.

Lembre-se de nós. Se puder, compre 2, compre 3 Ex nesse dezembro. Dê um presente aos amigos, outro a nós. Ajude a esgotar nossa 17ª edição. Venha de lá um pedacinho do seu 13º, prá gente botar na rua nosso 18º mais aliviados.

E, se for possível, um Feliz Natal prá todos nós.

**ex-** JORNAL DE TEXTO,  
FOTO, QUADRINHO  
E O DIABO.

|                                        |                                            |                                               |
|----------------------------------------|--------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| A<br>LUTA<br>DOS<br>JOVENS             | <b>A<br/>EXPLOÇÃO<br/>PELO<br/>COLAPSO</b> | MDB<br>DENUNCIA<br>OS<br>RADICAIS             |
| <b>CRÍTICA</b>                         |                                            |                                               |
| <b>DEUS<br/>AJUDE<br/>O<br/>BRASIL</b> |                                            |                                               |
| A<br>RESPOSTA<br>DE<br>ULISSES         | ESPAÑA:<br>A LUTA<br>CONTRA<br>O TEMPO     | MULHER<br>O GRANDE<br>COMPRADOR<br>DE ILUSÕES |

## Fora Das Bancas. Até Quando?

O semanário *Crítica*, do Rio, não aparece nas bancas do país desde o dia 20 de outubro, quando deveria ter saído seu nº 63. O fato tem 3 versões: segundo Alberto Dines (Folha de SP, 2/11 na coluna "Jornais dos Jornais"), o jornal parou por motivos financeiros; segundo a redação de *Crítica*, foram "problemas internos" e segundo um funcionário da Editora Abril, trata-se da censura prévia, instalada no jornal depois do nº 62.

A versão de censura é negada por Santos um dos jornalistas da equipe de *Crítica*:

- Paramos para reformular o jornal, porque estava fraco. Nada que ver com censura. O diretor principal, Geraldo Melo Mourão, deve voltar de viagem daqui uns 15 dias e daqui mais umas 3 semanas voltamos às bancas. Com cara nova.

A Distribuidora Abril não sabe quando vai receber para distribuir o *Crítica* que deveria ter distribuído no dia 20 de outubro. A partir dessa segunda-feira, de segunda em segunda recebe apenas avisos de novos adiamentos. Um funcionário da Distribuidora, acha que o nº 63 não sai "talvez por que eles não conseguiram o número de páginas suficientes liberadas pela censura prévia que entrou talvez por causa da matéria que eles deram no nº 62, sobre contratos de risco. Talvez esse foi o estopim. No dia em que essa nota é redigida, 2ª feira, 3 de outubro, a Distribuidora Abril recebeu de *Crítica* um novo comunicado de adiamento da circulação do nº 63.

## ANÚNCIOS FÚNEBRES



**I. LESSA  
C. MARQUES**

Os editores e funcionários da Ex- Editora cumprem o dever de comunicar os falecimentos.

## EXPEDIENTE

Ex Editores: Hamilton Almeida Filho/Narciso Kalili/Mylton Severiano de Silva/Paulo Patarra/Amâncio Chiodi/Dácio Nitrini/Palmério Dória de Vasconcelos/Armando Machado/Percival de Souza/Luis Guerrero/Alexander Solnik/Hermes Ursini/Vanira Codato/João Antônio/Cláudio Favieri/Jayme Leão/Cida Spinola/Jota/Hilton Libos/Marcia Guedes/Mônica Teixeira/Ivo Patarra/Gustavo Falcon/Agliberto C. Lima/Luis Pontual/José Trajano/Elvira Alegre/Gabriel Romeiro/Demócrito Moura/Valdir de Oliveira/Luis Câmara Vitral/Beth Costa/Joel Rufino dos Santos/Marília/Chico Caruso-Edison Brenner/Elifas Andreato/Norma Freire/Otávio Ribeiro/Carlos Lacerda/Sérgio Buarque/Adélia Borges/Randau Marques e Vladimir Herzog.  
Ex Editora Ltda. Rua Santo Antônio, 1.043. SEP 01314, SP. Nenhum direito reservado. Direitos de reprodução da revista argentina *Crisis*, cedidos gratuitamente. Tiragem: 30 mil exemplares. Distribuição Nacional: Abril S.A. Cultural e Industrial, SP. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda., rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, SP.



ALEGRIA! CANTE COM EX OS 86 ANOS DE REPÚBLICA

# Hino à República

Letra: Medeiros e Albuquerque (1867-1934)  
Música: Leopoldo Miguez (1850-1902)

Seja um pálio de luz desdobrado  
Sob a larga amplidão destes céus  
Este canto rebel que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperança de um novo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por ele lutando surgir.

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Nós nem cremos que escravo outrora  
Tenha havido em tão nobre país...  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tiranos hostis.  
Somos todos iguais! Ao futuro  
Saberemos, unidos, levar  
Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, avante, da Pátria no altar.

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Se é mister que de peitos valentes  
Haja sangue no nosso pendão,  
Sangue vivo do herói Tiradentes:  
Batizou este audaz pavilhão!  
Mensageiros de paz, paz queremos.  
É de amor nossa força e poder;  
Mas, da guerra nos transes supremos,  
Heis de ver-nos lutar e vencer.

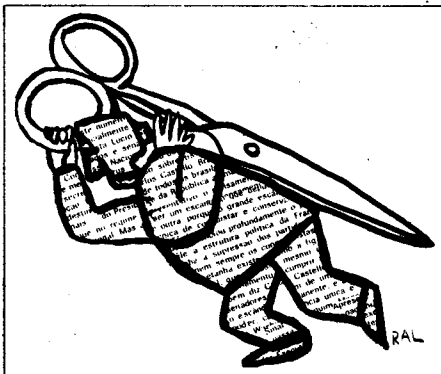
Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Do Ipiranga é preciso que o brado  
Seja um grito soberbo de fé!  
O Brasil já surgiu libertado  
Sobre as púrpuras régias de pé!  
Eia, pois, brasileiros, avante!  
Verdes louros colhamos louções!  
Seja o nosso País, triunfante,  
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.



## O MAIS NOVO REITOR DO PAÍS PERSEGUE ATÉ A SOMBRA



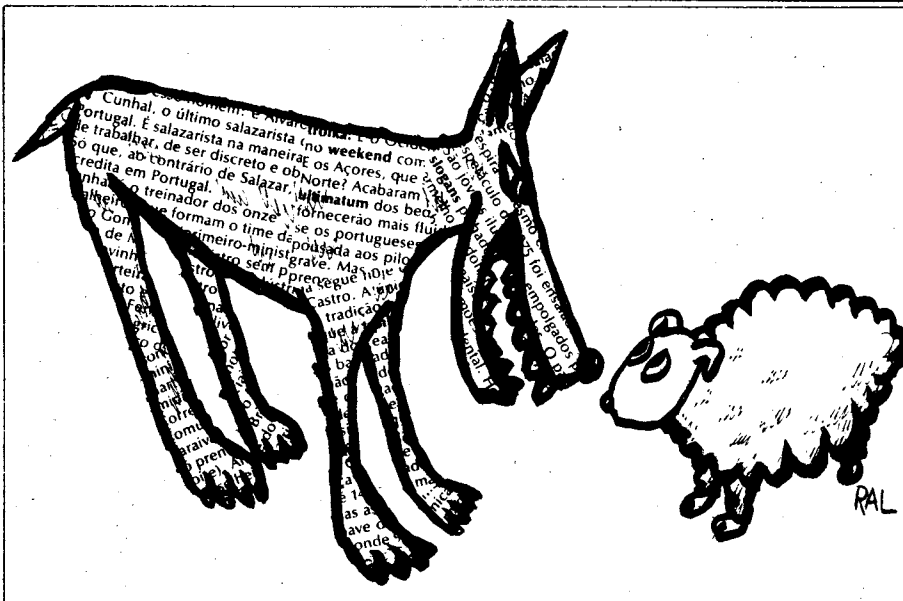
**Milagre Brasileiro: humorista vive disso desde os 16 anos, no Nordeste!**

O RAL (Romildo Araújo Lima) é um cara que sobreviveu fazendo cartum no Nordeste e ainda está vivo. Vai fazer uma exposição no fim do mês para ajudar o filho de nascer. Pediu para ele fazer uns cartuns sobre imprensa, que seguem junto com seu depoimento:

Até os 15 anos morei em Arcoverde, sertão de Pernambuco. Copiava gibi e desenhava em carvão nas calçadas. Eu vendia também gibi na feira. Tinha fixação em desenho de Zorro pulando de um precipício. Gostava de Mandrake e Fantasma. Lá, as revistas da Ebal eram uma raridade. Eu usava para vender de segunda mão. As revistas vinham de trem. A gente ficava esperando. Com 13 anos, vi um anúncio da Escola Panamericana de Arte. O anúncio era bonito, tinha promessa pro cara ficar empregado numa editora. Meu pai pagou o curso e fiz em dois anos porque o correio atrasava muito. Na verdade, o diploma recebi, mas cadê onde publicar os quadrinhos? Vim morar no Recife. Mandeí novos trabalhos para as editoras. Desta feita, um pouco esclarecido, os quadrinhos abordavam a eterna temática nossa: o cangaço. Antes, influenciado pela temática importada, só fazia cowboys. Os desenhos foram devolvidos com o conselho de "praticar mais, usando modelos vivos, como fazem os profissionais". O sonho estava virando pesadelo - e por mais que me beliscasse, não acordaria: o pesadelo era a infinita realidade batendo nos seus 16 anos. Parei de fazer quadrinhos.

Em 1967, um irmão meu, o Ruy - que por sinal era quem bolava minhas cartas para as editoras - me aconselhou a fazer piadas. Meio sem jeito, fui tentando, até que surgiu o primeiro cartum. Criei o primeiro e saí correndo por dentro de mim mesmo: havia descoberto o humor. Consegui, depois de cartas e cartas para as revistas de piadas do sul, publicar os primeiros desenhos profissionalmente nas revistas da Editora Edrel ("Mil Piadas", "Garotas e Piadas", etc.). Durante quatro anos que colaborei com essa editora, houve fases de euforia: quando via os desenhos publicados; e desespero quando a compensação financeira que era pouca atrasava paca. Eles começaram a pagar \$15 por página, em 1969. No último ano que mandei, final de 1972, eles pagavam \$35 por página. Cada página tinha uma média de nove quadros. Eu sentava na prancheta e dizia: Tem de sair. Comecei a produção até 200 páginas, mais de 1.500 piadas. Havia as pressões dentro da família (até o Ruy) e fora de casa: pois a maioria, apesar de admirar os trabalhos, me desestimulava: "não tem futuro", "num dá dinheiro", "melhor arranjar emprego em escritório, banco".

Aí veio o Pasquim. Comecei a mudar muita coisa dentro da minha concepção de humor, antes engraçadinho, alienado. Daí pra cá publiquei também na Revista Vozes; Enciclopédia del Humor (Colômbia); Visão; e Jornal da Cidade. E participei do IX e X (1972/1973) Salon International de la Caricature (Mon-



treil/Canadá); Exposition International de Caricature Berlin (1975); Exposition International de Caricature Athenes (1975); e dos salões nacionais de Sorocaba/Piracicaba (1975). Hoje, aos 24 anos, ex-primeiranista de Direito (1972) e Jornalismo (1975) descobri o verdadeiro significado daquele sinal defronte as escolas: ATENÇÃO, ESCOLA.

Ivan Maurício - Recife.

**Em Londrina, alunos e mestres em pânico nas mãos do genro de Ney**

O ginecologista Oscar Alves, 38 anos, o mais jovem reitor do Brasil, gosta de segurança. Assim que pegou a Universidade de Londrina, no Paraná, o genro de Ney Braga, ministro da Educação, tomou a liberdade de criar a AESI - Assessoria Especial de Segurança e Informações. Função: "localizar os elementos contrários às disposições regimentares".

A AESI organizou um fichário, instituiu a "sindicância interna", para tomar depoimentos de professores e alunos, e uma guarda secreta, cujos integrantes quase todos conhecem na Universidade. E mais: uma Comissão Especial examina agora a implantação do projeto de resolução 169, uma espécie de complemento do decreto 477. A originalidade do projeto do ginecologista está no artigo 2, que prevê até suspensão dos alunos que se apresentarem nos trabalhos escolares "em desacordo com a moral ou a decência". O mesmo acontecerá com quem "desobedecer a determinação superior não manifestante ilegal". Assim, o aluno pode ser punido por fumar "em lugar não permitido", ou por ter cabelo comprido, ou aparecer, na aula sem gravata, etc.

Outra ambição de Oscar é ter o controle absoluto das informações que saem da Universidade - 554 professores, 6.471 alunos. Ninguém pode falar sem autorização dele. Mas às vezes não dá. Em setembro, 40 funcionários do Hospital Universitário, entre auxiliares de enfermagem e atendentes, paralisaram o trabalho por 1 hora, reivindicando o pagamento de aumento já concedido (ganham 488 cruzeiros). Dois repórteres do jornal londrinense Panorama - Valdir Coelho e Jaelson Lucas - acabaram sendo detidos pelo administrador do hospital, Ivo Cristofoli, que chamou duas rádio-patrulhas.

Depois chegou o assessor de imprensa do reitor, Roberto Coutinho Mendes, acusando os repórteres de "invasão de domicílio", mas disposto a esquecer tudo se eles não publicassem nada. Os repórteres não aceitaram a proposta. Ficaram esperando o fim de uma reunião do assessor de imprensa com dois agentes da Polícia Federal. Depois foram liberados.

Apesar dos esforços de Oscar e seus auxiliares, têm saído denúncias nos jornais londrinenses, atribuídas a "fontes desconhecidas", noticiando dezenas de contratações de professores sem concurso, todas baseadas em indicações políticas ou familiares. Só em agosto a Reitoria anunciou 38 contratações desse jeito.

No mesmo mês, sem causa justa, Oscar demitiu o professor Tsutomu Hideshi, do Departamento de Patologia Aplicada do Centro de Ciências e Saúde, alegando que "ele não era conveniente para a Universidade". Hideshi pediu abertura de inquérito para que possa se defender, se existe alguma coisa contra ele, mas até agora não foi atendido.

Os professores do Centro de Saúde também protestaram contra a demissão. Ainda mais porque havia informações seguras de que viriam outras. Chegaram a mandar um pedido de esclarecimento ao reitor, que não tomou conhecimento.

Depois, no dia 11 de outubro, o diretor do Centro, Nelson Rodrigues dos Santos, foi preso pelas autoridades militares, que ainda não deram o motivo. O Diretório da Universidade de Londrina, que representa os 6.471 estudantes, mandou um documento de protesto ao presidente da República:

"Esta prisão acontece em meio a um clima de pânico na comunidade, onde ocorreram diversas prisões".

Mas, até agora, os professores não tomaram qualquer decisão. Talvez porque, em todo lugar que se reúnem para discutir o assunto, lá estão os guardas de segurança de Oscar.

**Estudantes baianos gozam de total liberdade (quando estão no banheiro)**

"Triste sina/ser poeta de latrina". "Os contestadores de latrina são autênticos revolucionários de merda".

Duas confissões, dois desabafos entre os muitos - políticos, literários, sexuais - dos banheiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Universidade Federal da Bahia. O ideário político-poético-contestador dos futuros cientistas humanos em exposição e invenção permanente não traduz mais, com tanta exatidão, a psicologia dos universitários baianos.

Não que tenham desaparecido de vez os poetas e contestadores. Certamente continuam existir. Prova disso é a intensa literatura de banheiro. Desde de 23 de setembro, contudo, os universitários resolveram criar novos canais de expressão e modificar o quadro político da Universidade.

Protestando contra "o baixo nível de ensino e o jubileamento" (instrumento

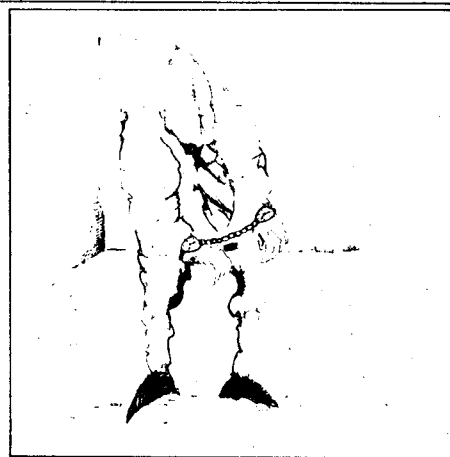


ILUSTRAÇÃO LAURO

usado para desempregar estudantes), os alunos da Faculdade de Geografia e Geologia paralisaram as atividades didáticas da escola. Pra usar uma imagem nada tropical, a coisa cresceu como uma bola de neve. Até o dia 17, 32 dos 43 cursos da UFBA, englobando até a distante Faculdade de Agronomia de Cruz das Almas (a 2 horas e meia de Salvador), estavam "paralisados". Ou seja: a maioria absoluta dos 8 mil universitários do Estado resolveu rever a lamentável situação do ensino enfraquecido pela falta de verbas, pela evasão e detenção profissional dos professores pessimamente remunerados.

O movimento grevista, através da Assembleia Geral dos Estudantes, reivindicava a suspensão do jubileamento, o atendimento às exigências de cada escola quanto ao nível dos cursos, o abono das faltas, a reposição das aulas e provas perdidas durante a paralisação. Estas as reivindicações principais.

Embora se coloque como um movimento exclusivamente reivindicatório, em alguns documentos, críticas "à filosofia tecnicista da Reforma Universitária e aos instrumentos de exceção: o Decreto 477 e a Lei 5540".

Os diálogos com o reitor interino, Augusto Mascarenhas, mostraram-se infrutíferos. As bancadas do MDB e da Arena na Assembleia Legislativa deram apoio ao movimento estudantil. O cardeal Dom Avelar Brandão Vilela apareceu com uma espécie de mediador público entre a direção da Universidade e os estudantes. No meio do movimento, o representante do MEC, Edson Machado, esteve 2 vezes com os universitários. A quase 1 mês do início do movimento na Geociências e de sua propagação, as exigências dos estudantes estão praticamente sem resposta. Pairam ameaças: ano perdido para todos, reprovação em massa, etc, e outras mais sussurradas, veladas, de caráter pouco estudantil. Os universitários continuam a frequentar suas escolas, estudando as questões e procurando soluções junto às autoridades.

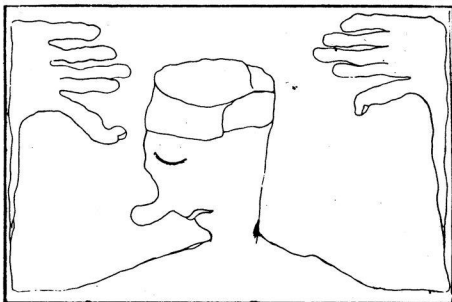
Primeira página quase que diária nos jornais baianos, o movimento estudantil é o de maior amplitude desde 68 - quando estavam em moda, com a vantagem de estar livre de "uns cascudos". Vê-se depois disso, que o porta-voz ou os escrevinhadores de banheiros na UFBA, já não são aquilo que outrora chamávamos "legítimos representantes" dos estudantes. Duas confissões, dois desabafos empurrados para baixo, sem muita força de expressão depois que a "paralisação" minimizou a importância do ideário político dos banheiros do campo, mural derradeiro, muro das lamentações.

20 de outubro - Todas as escolas amanheceram "guarnecidas" por policiais militares e as rádio-patrulhas permaneceram em constante circulação pelos campus. Na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, os estudantes insistiram em permanecer em reunião, mesmo após a advertência do Secretário da Segurança Pública, e foram dispersados. Boa parte deles tentou nova reunião no Campo Grande e foi dispersada novamente. A curva da coisa começa a declinar e a opção foi voltar às aulas.

Gustavo Fa'cón



## SANTA EDWIGES, PERDOAI 21,5 BILHÕES DE DÓLARES!



José Julio de Azevedo, poeta, cartunista, louco, estudante sem escola, tentando não-ven- cer na vida. Ex-estudante de Economia, ex- repórter do Panorama-Londrina, colaborador do Viver/Londrina. Tem um livro de poesias editado, "Havia um Caminho no Meio das Pedras". É de Cambé. PR.

## Decreto-Lei nº 477, De 26 De Fevereiro De 1969

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o parágrafo 1º do artigo 2º do Ato Institucional n. 5 de 13 de dezembro de 1968, decreta:

Art. 1º) Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público, ou particular que:

I - alicie ou incite a deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe nesse movimento;

II - atente contra pessoas ou bens tanto em prédio ou instalações, de qualquer natureza, dentro do estabelecimentos de ensino, como fora dele;

III - pratique atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não autorizados, ou dele participe;

IV - conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, distribua material subversivo de qualquer natureza;

V - sequestre ou mantenha em cárcere privado diretor, membro de corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, agente de autoridade ou aluno;

IV - use dependência ou recinto escolar para fins de subversão ou par a praticar ato contrário à moral ou à ordem pública.

Parágrafo 1º) As infrações definidas nesse artigo serão punidas:

I - se se tratar de membro do corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino com pena de demissão ou dispensa, e a proibição de ser nomeado, admitido ou contratado por qualquer outro da mesma natureza pelo prazo de cinco (5) anos.

II - se se tratar de aluno, com a pena de desligamento, e a proibição de se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino pelo prazo de três (3) anos.

### CANTE COM EX

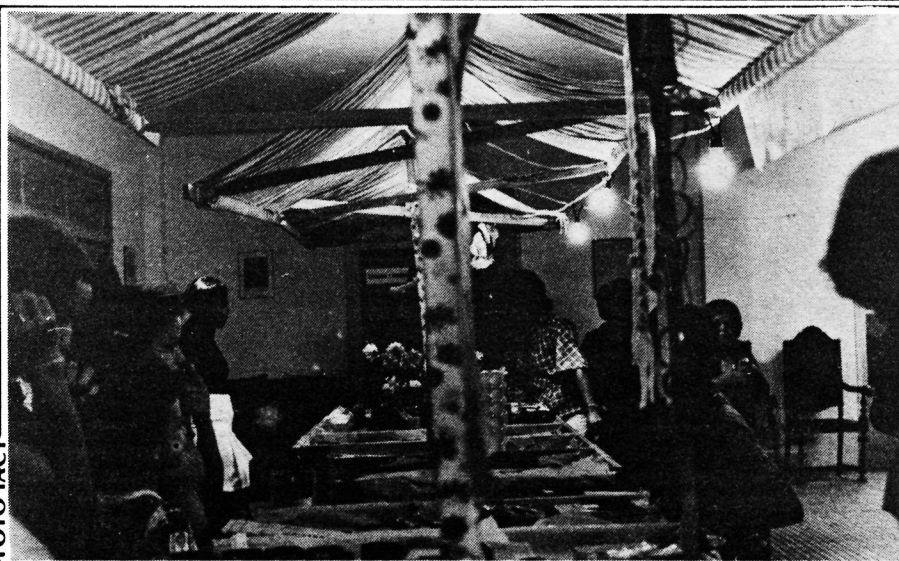
## Uma de 1938

Yes, nós temos bananas!  
Bananas pra dar e vender.  
Banana, menina, tem vitamina,  
Banana engorda e faz crescer.  
bis

Vai para a França o café, pois é!  
Para o Japão o algodão, pois não!  
Pro mundo inteiro,  
Homem ou mulher,  
Banana pra quem quiser.  
estribilho

Mate para o Paraguai, não vai!  
Ouro do bolso da gente, não sai!  
Somos da crise, se ela vier,  
Banana para quem quiser.  
estribilho

João de Barro  
Alberto Ribeiro



## Graças à Santa, o Nome Da Doutora Não Ficou Sujo Na Praça

Santa Edwiges ainda acaba virando preferência nacional. Ela é a protetora dos endividados. Há alguns anos, tinha apenas um cantinho na capela do Hospital São Francisco de Paula, no bairro carioca de São Cristóvão. Hoje tem um edifício de 6 andares - a igreja fica no último - concluído em 1972, no mesmo bairro. E a santa que mais cresce no Brasil.

A construção do edifício, só com o dinheiro dos fiéis, mostra que "a santa funciona", como diz o relações-públicas da Igreja, Walter Nicelli, de 54 anos, solteiro. Ele também é relações-públicas do Mobral e do Exército, no bairro, além de locutor do Estádio de São Junário, do Vasco da Gama. Nicelli tem um grande herói: ele mesmo

- Neste bairro sou o o que o Pelé é para o futebol brasileiro!! Embora a santa seja forte, Nicelli não deixa de sugerir que muito do sucesso dela se deve ao trabalho que ele faz há 10 anos. Foi de lá para cá que o número de devotos começou a aumentar. O pároco da Igreja de Santa Edwiges é Gino Rigetti, italiano de 60 anos, um desses padres que ainda falam do inferno.

- Padre Gino, quando ela começou a ser adorada no Brasil?

- Adorada não, meu filho. Adorado é o bezerro de ouro. Santa Edwiges é venerada - diz com doçura eclesiástica.

- Segundo o padre, que veio da Itália em 1958, "não tem registro de início a veneração da padroeira dos endividados, pelo menos no Brasil". Sabe apenas é que já não tem mais tempo de ler as cartas que chegam a os montes de todos os lugares do país, pedindo a intervenção da santa.

Na comemoração do seu dia (16 de outubro), cerca de 20 mil pessoas foram rezar na igreja. Era na maioria gente da Zona Sul que subia a rua Fonseca Teles em automóveis de vários tipos, táxis e até carro oficial. Explica Nicelli.

- A maioria dos nossos frequentadores são da classe média. Há muita gente rica também. Os pobres são pouquíssimos, porque devem ter outros meios para resolver seus problemas. Também não falta gente famosa: o tenente Bandedeira, o ex-deputado Eurípedes Cardoso de Meneses, o Ivon Curi...

Entre os fiéis, Julia de Melo, advogada de 40 anos, disse que abriu prestações em várias lojas, "mas se atolou mesmo" no Ponto Frio Bonzão, uma das maiores lojas do Rio (slogan: *Tem tudo o que o amor pode dar*). Se não fosse a santa, Julia entrava na lista do Serviço de Proteção ao Crédito.

- Arranjei uma porção de casos para defender e pude pagar tudo.

Maria Cerqueira, 32 anos, é uma das quase 200 mil pessoas que estão com as prestações do BNH atrasadas. Na verdade é o marido que deve. Mas foi ela que

teve a idéia de apelar para Santa Edwiges. "E parece que as coisas estão melhorando".

Em São Paulo, a santa tem um cantinho à esquerda de quem entra na igreja de N.S. do Rosário, no largo do Paissandu centro da cidade. Mas, do jeito que está sendo procurada, vão ter que construir uma igreja inteirinha para ela, como aconteceu no Rio.

- Nem N.S. do Rosário, protetora dos negros, recebe mais velas que ela - diz Maria Benedita, que toma conta da banca de velas e santinhos.

O santinho de Edwiges custa Cr\$ 1 e também é o mais vendido. No verso, traz a oração, mas é preciso fazer também a novena. Foi assim que Cecília Sieczlea, uma poloneza de 45 anos, há 33 no Brasil conseguiu pagar as prestações que devia ao Mappin, uma das mais poderosas lojas do Brasil, a 200 metros da igreja de N.S. do Rosário. Ela foi entrando no Crédito Automático da loja, comprando tudo em nome da filha - "uma televisão aqui, outra geladeira ali" - e quando viu não dava mais pra pagar. Ainda bem que, depois da novena, o filho arrumou um emprego melhor como mecânico e a pensão do marido aumentou.

- Se não, o nome da minha filha ia ficar sujo.

Mas, afinal, que santa é essa? É a padroeira da Polônia, uma rainha do século 13, canonizada pelo papa Clemente IV. Casou-se aos 12 anos com Henrique, duque da Polônia e Silésia. Teve 7 filhos, e quando completou 20 anos, ele e o duque resolveram não ter mais nenhum. Como não havia métodos anticoncepcionais, fizeram um voto de continência e passaram a viver só para Deus.

Fred Jorge (aquele que fazia rocks e versões para Celly Campello, Tony Campello, Sérgio Murilo, Carlos Gonzaga e outros), num livretinho vendido a \$2, conta por que ela é a protetora dos aflitos e endividados:

"Tornou-se logo uma figura conhecida na região. Saía caminhando pela aldeia procurando viúvas e órfãos para praticar a caridade. Não desamparava ninguém. Bastava saber que em alguma parte havia alguém precisando de proteção, para imediatamente ir levar donativos e palavras de consolo. Era grande o número de seus protegidos.

"Não raro, trazia-os para comerem consigo e com seus familiares em sua própria mesa no castelo.

"Tendo tudo para viver faustosamente, Edwiges levava uma vida de sacrifícios e abstinência.

"Seu santo nome é invocado por todos aqueles que procuram trabalhar para pagar suas dívidas. É a protetora dos bons negócios."

A oração a Santa Edwiges é a seguinte:

"Vós, Santa Edwiges, que fostes na terra amparo dos pobres e desvalidados, socorro dos endividados, no Céu, onde gozais o eterno prêmio da caridade que praticastes, confiante vó-lo peço, sede a minha advogada, para que eu obtenha de Deus a graça de ver paga a dívida brasileira de 21,5 bilhões de dólares, e por fim a graça da salvação. Amém."

Palmério Dória



### FALA O POVO

## Por Uma Nova Superpotência, Os Estados Unidos Da América do Sul

Eu Acuso!

**Estudando o Apocalipse - o livro profético, vê-se que o Cavalo Preto Mercador, um dos 4 do Apocalipse, que ali está caracterizado por ter danificado o óleo e perdeu o domínio do trigo, vai entrar em confronto com o Cavalo Vermelho Revolucionário, que "tirou a paz da Terra" e construiu "a grande espada" (poder militar atômico). Disso resultará que o Cavalo Amarelo Popular, que "tem domínio sobre a 4ª parte da população da Terra", acabará sendo o herdeiro das destruições, se elas não forem impedidas a tempo. Só depois disso é que o Cavalo Branco Inofensivo, que vai surgir "coroadado pela palavra e por sua inclinação pacifista", é quem "sairá para vencer", tornando-se a 2ª super-potência do planeta, já que a 1ª será o cavalo amarelo, com sua potencialidade demográfica.**

No jogo de xadrez mundial entre o Ocidente e o Oriente, a rainha preta já foi comida. A rainha branca, que é o vale Paraná-Amazonas, e que pertence a todos os países da América do Sul, com exceção do Chile, é a pedra que vai ser disputada no próximo grande lance. Trata-se de uma questão de vida ou morte, porque ninguém vencerá uma guerra mundial, convencional e depois atômica, sem as riquezas dos vales do Amazonas e do Prata-Paraná. O Vietnã Sul Americano só poderá ser evitado, se surgir a nova grande potência, os Estados Unidos da América do Sul. Torna-se necessário começar a contornar os mal-entendidos e dar impulso à união. A condição de comando geo-político do Brasil que lhe permite fazer o que bem entender no Rio Paraná, o coloca em posição de grande responsabilidade na construção dessa super-potência.

O fato é que os 3 imperialismos, o capitalista, o social e o sionista, estão ameaçando o nosso planeta. Só a realização do eixo anti-atômico Estados Unidos da Ásia, como polo humanista, e Estados Unidos da América do Sul, como polo auto-defesa, mostram a saída para o impasse gerado na corrida atômica.

Coronel Rolim de Moura



## FOTOGRAFO APAVORADO: QUEM ME PROTEGE DA POLÍCIA?

## CLASSIFICADOS

Marinaldo Guimarães  
apresenta

# NOVOS BAIANOS

**De 5 a 9 de novembro**

4ª, 5ª e 6ª: 21 horas

Sábado: 21:30 e à meia-noite  
(sessão maldita)

**Domingo: 21 horas**

**TEATRO @ BANDEIRANTES**

Av. Brig. Luis Antônio, 1411  
Tel.: 36-4376

## CLASSIFICADOS DE IMPRENSA

## OTTO: Contra as Usinas Nucleares!

**ABERTURA**

**CULTURAL**

**TEATRO**  
**DO CENTRO DO POVO**

Por este meio, damos  
 esta comunicação pública  
 ao teatro cultural.

Por este meio damos

**COM LUGAR RESERVADO  
 PARA O COMITÊ DE  
 FOMENTO DO TEATRO**

02-100

**JEAN-PAUL SARTRE: NÃO TENHO NADA MAIS A DIZER A BURGUESIA**

FORO DE LA AMERICA

JOSE ARREOLA

BASTOS REQUEM O CAPITALISMO

MILITANTE

RESISTENCIA DE NO APOYARLOS

RESISTENCIA ECOLOGICA

VER PAGINA 2

JOSE ARREOLA

O SINALEMA

# JORNAL DA PRAIA

ANOI-N:1 NATAL 21-9-75 CR\$300

**CONDE  
DRÁCULA  
NA PRAIA  
DOS ARTISTAS  
(PG. 11)**

# RECIFE, UMA CIDADE VIOLENTA

**Estudantes  
brincam  
de trânsito**

**Hare, Hare.  
Eles chegaram**

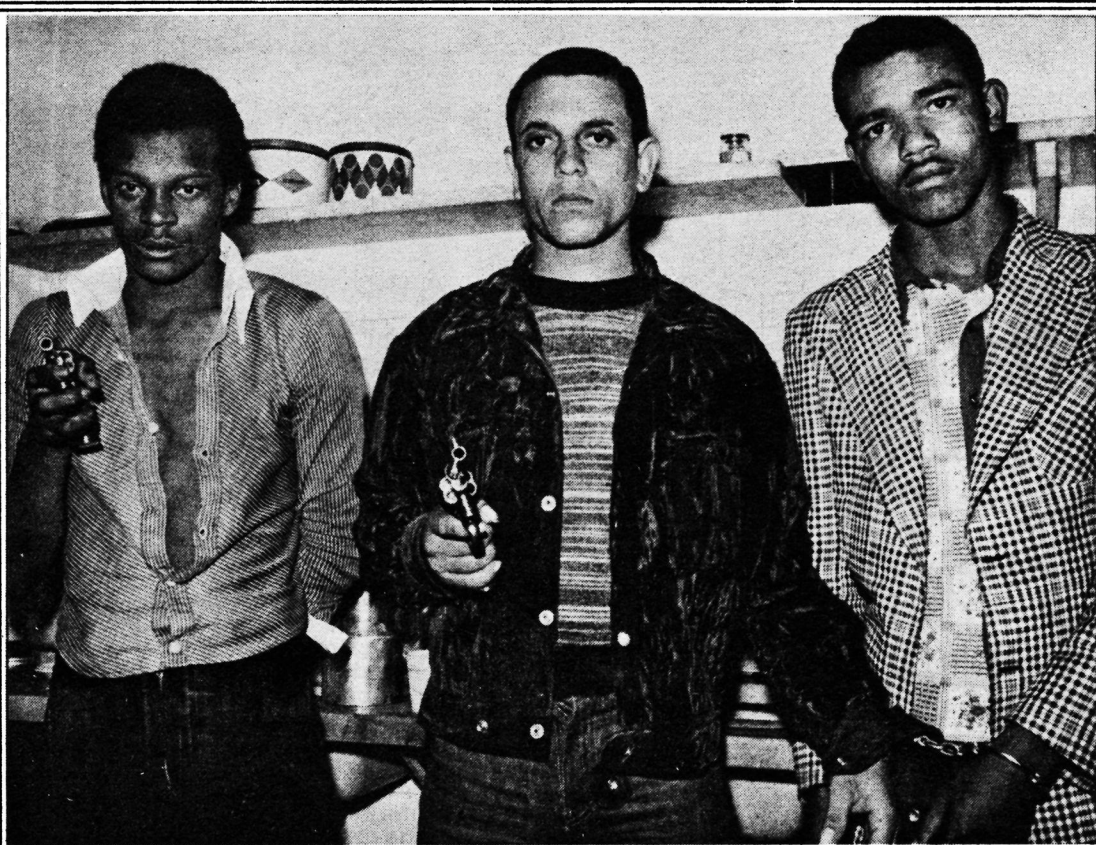
**Os caminhos  
para a  
Pós-Graduação**

## Afogados é uma zona

Assombração, Ratoeira, Fatorias,  
Mercadão, Convívio.  
Rua, Super 8, Mari,  
Branco pra desenhar.

# CLARIM

**"Clarim" é o mais novo jornal de Campinas. O nº 0 tem desemprego, hospício, valsa, assombração, desenvolvimento, etc. Este mês sai o nº 1.**



**Se o Do Meio  
Aperta  
o Gatilho,  
Adeus Fotógrafo!**

*Fui na 15a. delegacia (rua Groelândia, Jardim Paulista), entrei numa sala e vi uns caras tomando uma prensa. E os tiras discutindo se os caras eram bandidos ou não. O tira preto dizia que não eram; o branco dizia que eram, conhecia eles. Os tiras me botaram pra fora, como é que vai entrando sem avisar? Me desbaratinaram, dando um tempo pro delegado chegar. O delegado chegou, viu que eu era da Folha de SP e maneirou. Autorizou a fotografar os bandidos (?).*

Aí começa a segunda cena: os caras mostrando os bandidos. “Olhe pra máquina aí! segura firme o revólver!”, dizia o tira. Botou os caras tudo juntinho preparando o cenário à base de porrada. Fiz a foto e saí rapidinho. Voltei pro jornal. Entregue o filme e no dia seguinte vejo a foto publicada: só então noto duas balas no tambor do 38 que o tira tinha dado pro bandido posar! Moral da história: quando a polícia chegar, chame o ladrão!

## Amancio Chiodi

BAIXA SOCIEDADE

# Anunciamos Hoje o Cadáver De Amanhã

**Hélio dançou** - Na véspera natalina de 73, Hélio Rubens de Carvalho, notório *caranguejeiro*, *escafedeu-se do xilindrô* de Suzano (SP). Hélio, a seguir, mandou uma cartinha para o meretíssimo capa-preta da II Vara Auxiliar do Júri, *inocentando o doutor Paranhos da acusação* de ter presuntado um certo Dedê, nas águas prencos cristalinas do rio Sapucaí. Considerando-se que Hélio era a testemunha principal e o capa-preta acusador parecia chamar-se Sidon, de tão vaselina, o doutor Paranhos, aquele que se diz injustamente acusado de integrar esquadrólogos fileiras de antanho, livrou-se da gaiola. E Hélio? Teve que puxar para o interior e, este ano, foi recompensado: passou a integrar um cartaz a cores como um dos dez mais perigosos bandidos da metrópole. A bem da verdade, Hélio continuava a mandar suas carangas para aquele vizinho país que, se acabar a muamba e o fumacê, fecha para balanço. Aliás, mais

**Brasília e Fuscão.** E cubram-se os donos de Passat: os paraguaios gostaram muito do carro e... já viu, né? Agora, Hélio vai mofar uins bons tempos ad galleran, tomando café de canequinha.

**Data-vênia piou** - Na coluna anterior, contei alguns casos do Caveirinha, bandidão pirado de Santos, e informei que um data-vênia integrava a quadrilha, com anel no anular e tudo. E disse que o bicho ia dançar. Uma semana depois que o Ex ia para as bancas, o doutor Radion já puxava corda, apesar da barba que deixou crescer para desbaratinar. Aliás, o número de adevo puxando corda ultimamente não é sopa - os qui-procós continuam a estourar.

**Edmundo pirou** – Depois que o **Galinha** passou a biritar demais no hotel de seu Guedes, chutaram-no para a **Penita**. Ultimamente, o secretário do diretor estava sendo o Edmundo comportado jovem que galgou o posto de confiança. O bicho tanto pediu que o meretíssimo corregedor concordou em mandá-lo para a Colônia Penal de Bauru, onde faltavam dois anos para serem curtidos. E não é que o Edmundo queimou o chão? Esta pegou mal, porque ele vai ter que viver pirado... se vacilar, dança. Lamentável, Edmundo: você assim prejudicou toda a turma.

**Diplomas** – Foi com o máximo prazer que estive na Casa de Detenção para participar da solenidade de entrega de diplomas de madureza para uma patota. Infelizmente, o maior hotel da América Latina continua aumentando o número de hóspedes – quase 5.900 ao final de outubro e, ao que tudo indica, 6 mil até dezembro.

**Presunto na Zona Norte** - Ao que tudo indica, aqueles chafras que fritaram três moçoilos numa rua de bairro elegante, em abril, fizeram uma caca no menos apazível Jardim Ceci, buraqueira da Zona Norte paulista. Ali, numa tenebrosa noite, as metranças pipocaram e imediatamente, das alturas, São Pedro sacou dois cartões vermelhos - como diria o Beija-Flor. Na verdade, foi tudo bronca porque, dias antes, dois vagues haviam faturado o supermercado de um japa, perto dali, e mandado arrebitos para cima de dois chafras que tentaram impedir o pinote.

No banguê-banguê do Jardim Ceci, os chafras dizem que receberam azeitonas primeiro. Teriam se limitado a dar o troco. Mas, seguramente, um dos falecidos era barra limpa, o que complica a coisa consideravelmente. Ressaltamos na ocasião: na rua Argentina, todo mundo bufou, porque a patota era de alta. Mas

**nesse caso, como é de baixa, não se deu maior importância. É sempre assim...**

**Fumacês sifu** – A turminha que gosta de debruçar-se sobre o implacável artigo 281 do vastíssimo cardápio penal, precisa saber dessa: os homens de capa preta do Palácio de Têmis, além de canetarem o ser que porta ou usa a erva, estão aplicando uma multa. Isso mesmo: multa. E não é fácil: no caso de um ano de jaula, por exemplo, o cara tem que pagar cerca de 26 quilos de alcatra, sem osso. A única concessão que os meretíssimos fazem é parcelar esse tutu, dividindo as 26 milhas em prestações não muito suaves de 500 e poucas gramas mensais. E se não pagar, já viu: fim de **sursis** e chumbo. A única saída é o cara provar que é um infeliz e conseguir atestado de pobreza. Mas nem sempre o cara é durão; daí corre o risco de ver a multa convertida em pena. Como já escrevi aqui, o barato sai caro pacas. Cubram-se!

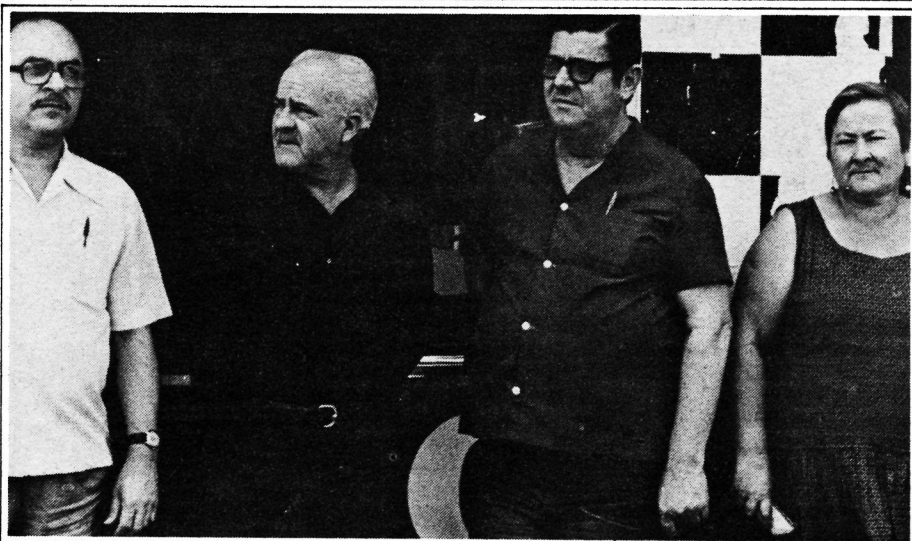
**Caça às bruxas** - Os sherloques estão dando em cima dos desmunhecantes seres que pululam em torno do Hilton Hotel e adjacências. Isso porque estabeleceu-se entre eles e o mulheril motorizado uma feroz concorrência: houve um dia em que o time dos desmunhecados e a mulherada trocaram unhas e puxões de cabelo atrás do Ginásio Caetano de Campos, na disputa do monopólio do trottoir.

**Fumeta inocente** – O meu considerando meretíssimo da Vara nº 23 me chamou para contar uma incrível: um tira do Carrão engrossou com um bebum, dentro de um boteco, que não se importou muito com o clássico “sabes com quem falas?” Resultado: o coitado foi grampeado, ao mesmo tempo que lhe intrujavam um naco de canabis. Na presença do capa-preta, o tira justificava o flagra: “tava no bolso da camisa do fumeta, Excelência”. Mas foi aí que o meretíssimo, com notória perplexidade, constatou que o infeliz trajava uma camisa sem bolso. O meretíssimo não teve dúvidas: absolveu o bebum, a essa altura sóbrio, e entubou o rato.

**Carta da cadeia - Fininho** me escreve da Penita: "desculpe se me dirijo a você, mas não tenho a mais ninguém que possa fazer algo por mim". **Fininho**, na carta, pergunta: "a Justiça é para todos ou só para os menos afortunados? Eu não tenho condições de pagar um advogado bom, e também não tenho orientação suficiente para desmascarar essa farsa; espero que você perca uns minutos de teu precioso tempo e venha até aqui." **Fininho** me conta, ainda, que guarda consigo uma Bíblia que lhe entreguei,



## E QUEM TOMA CONTA DO NOSSO QUARTEIRÃO? NINGUÉM.



Empadinha, Vicente e D. Maria: "não precisamos de inspeção"

foto de Cláudio Favieri

quando consegui localizá-lo no Paraguai, anos atrás. Boa, **Fino**. Vou visitá-lo brevemente, para ver como andam os boxixos. Inté.

Caveirinha foi-se - **Israel Assis Machado**, o Caveirinha, foi devidamente frito na Guanabara, por sherloques paulistas. O moço, desde que dera o pirandelo do presidio santista, havia se mocozado no Morro da Providência, sob os auspícios, de uma vasta curriola bandidal. O falecido Caveira fora recebido com todas as honras, ganhando duas 45 de presente e mais 5 quilos de alcatra de vagau Vanil, para aguentar a mão até o próximo escuruncho. O data-vênia Radion havia lhe dado um banho, depois de terem faturado juntos o restaurante Lago Azul, na via Anhanguera, e - além disso - o adevo dedodurou a fera num aponto feito no Hotel Salvador. Os sherloques paulistas estavam no pé do Caveirinha há muito tempo. Ele cochilou e o cachimo caiu, como diria o Osmar. Foi-se. Na Penita, seus íntimos amigos ficaram tristonhos. Punham fé no Israel, esperando um pinote. Agora deverão mofar no xadrez pro resto da vida, por que todos eles estão com muita corda para puxar.

• **Bola preta** - No feriado de 7 de setembro, como deveis saber, um Passat vermelho e sem placas pegou a menina Bartira, de 4 anos, na Praia Grande. O acompanhante do piloto desceu, tentou desenganchar a menina do parachoque e, como não deu, mandou o motorista queimar o chão. Assim, a menina foi arrastada por 3 quilômetros e morreu. Agora, meio mundo tem é dó dos caras do carro - isto é, são dois matutos bonzinhos, filho não sei de quem, boa gente, plantam café. Ficaram assustados, coitados e fugiram. Podem observar que é sempre assim: o cara usa a caranga para matar e mutilar e, depois, tadinho dele, é tão bonzinho. Por mim bola preta para os matutos interioranos. Eu tenho dó é da mãe da menina que se foi.

A propósito, um bizu interessante: atualmente, em São Paulo, os vagaus que escuruncham, de dia e de noite, oferecem menos perigo que os motoristas. Simplesmente porque matam e ferem infinitamente menos. Com uma diferença: para o assassino, não tem colher: 5 anos e 4 meses de galera e fim de papo. Para o assassino do volante, não: homicídio culposo, sursis etc. e tal. É o fim da picada.

Percival de Souza

## Inspetor De Quarteirão Era No Tempo De Pau No Bexiga

O coronel Erasmo Dias, Secretário da Segurança Pública de SP, é o maior defensor do decreto que instituiu a volta do inspetor de quarteirão, extinto desde 1959. O decreto foi assinado em

setembro último pelo governador Paulo Egídio.

Na rua Santo Antônio, Bela Vista, quarteirão entre as ruas 13 de Maio e Dr. Luis Barreto (onde fica a redação do Ex), o bar mais movimentado é o Pássaro Preto, que tem uma vitrola eletrônica e um pássaro preto andando pelo balcão. Lá se reúnem os velhos moradores do tradicional bairro do Bexiga, todos do tempo em que havia inspetor de quarteirão. Eis o que eles acham:

- Lembro de um inspetor chamado Gardino. Andava com 3 capangas e não gostava de preto. As 10 da noite, tocava todo mundo pra casa. (Antonio Agilera, 50 anos de Bexiga)

- Inspetor de quarteirão andava de pau na mão, qualquer rodinha separava na paulada. Também, todo mundo brigava; o Vicente Gaeta, valente, só batia em velho. Hoje não. Até o sargento, que vivia brigando, agora ficou manso. (Empadinha, 50 anos de Bexiga)

- Tinha o preto Charuto, que gostava de bater em policial, 2 metros de altura e sapato 50. Tinha também briga de rua contra rua, com estilingue, briga de todo jeito. (Januário Federi, 55 anos de Bexiga)

O Chico Barbudo trocou titoteio com a polícia porque não queria pagar o imposto da casa. Ele atirava e a mulher carregava a espingarda. (Prefiro não dar o nome, 50 anos de Bexiga)

- O inspetor de quarteirão era útil, hoje não, hoje o pessoal é mais civilizado, tem recursos... antigamente era tudo pobre, sem cultura, baixo nível. Só não havia roubos porque ninguém rouba de pobre. (Bano, 51 anos)

- Que briga vai ter hoje? Nem beber se bebe, até isso tá caro. (Prefiro não dar o nome)

- Não precisa mais dessas coisas de inspetor, não! (Vicente Tufano, 56 anos de Bexiga, dono do Pássaro Preto)

Ivo Patarra

CANTE COM EX  
Uma De 1945

Chegou o samba minha gente/  
lá da terra de Tio Sam/  
com a novidade E ele trouxe uma  
cadência/

que é maluca pra mexer/  
toda a cidade

O Boogie-woogie, boogie-woogie,  
boogie-woogie

A nova dança/  
que balança mas não cansa  
A nova dança que faz parte/  
da "Política da Boa Vizinhança"

E lá na favela toda batucada/  
já tem boogie-woogie

Até as cabrochas só dançam, /  
só falam no tal boogie-woogie

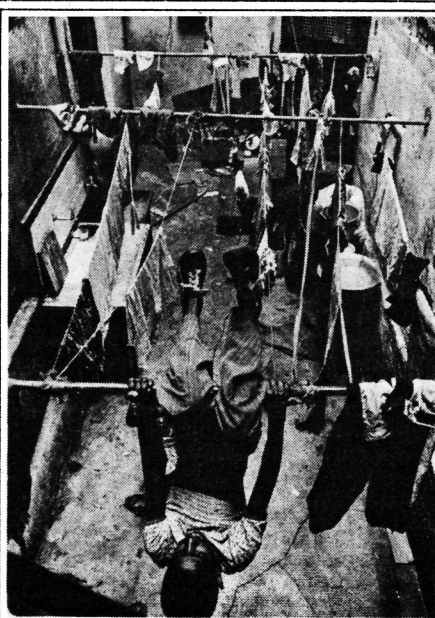
E o nosso samba/  
foi por isso que aderiu

Do Amazonas ao Rio Grande, /  
São Paulo e Rio

O boogie-woogie, boogie-woogie,  
boogie-woogie

A nova dança que surgiu

(Boogie-Woogie na Favela - Denis Brean)



## Como é o Seu Pedaco? Fotografe, Leve Ao Museu Prá Gente Ver.

Fotos de gente, poluição, violência, trânsito, lixo, fotos de profissionais ou amadores, equipados com Nikon ou Olympus-Pen. Vale tudo, desde que retrate a realidade da Grande São Paulo. O Museu de Arte de SP. quer essas fotos para expor no fim do ano. Está convidando fotógrafos de bairros finos e da periferia, estudantes e operários, pais-de-família e ovelhas-negras, patrões e empregados, para que todos deem sua opinião fotográfica do que é a Grande São Paulo. As fotos devem ser enviadas para o Museu, av. Paulista, 1578, tamanho mínimo 18x24, com nome e endereço do autor no verso, até 20 de novembro. Há uma verba para eventuais aquisições. A coordenação da exposição é de Claudia Andujar.

## PRETO É GENTE



## Clementina de Jesus

Uma vez disse Villa-Lobos: "Eu sou o folclore". Clementina poderia dizer o mesmo. Passou a infância debruçada nas cantigas de sua mãe, nas modas tiradas por seu pai violleiro, nos cantos de senzala que povoaram seus antepassados. Clementina é uma reserva dinâmica de um tipo de música que praticamente se extinguiu no Brasil, e por um fatalismo especial foi a ela reservada a honra de preservar e legar à posteridade esse trabalho.

Herminio Bello de Carvalho

## CLASSIFICADOS DE IMPRENSA

UMA MÚLTIPLO JORNAL DA IMPRENSA NACIONAL  
CLÁUDION, FENIX & CILIBO FORTI

**VIETNAM**  
BALANÇO BALA POR BALA.



Primeira remessa: **O MUNDO ENCANTADO DO QUATRO BICOS.**

"Um jornal que respeita a grande imprensa como se fosse sua mãe" é o lema do nº 1 de "Scaps", lançado em Curitiba por L.C. Rettamoza e Vaz. A grande reportagem é a respeito de um bordel de luxo, o 4 Bicos. Também vendido em Stª Catarina e SP.

## BRASIL MULHER



O 1º jornal feminista do Brasil é de Londrina. "Brasil Mulher" pretende "ser mais uma voz na busca da igualdade de perdida", quer leitores masculinos e se considera incorporado à "imprensa democrática". Editado por Joana Lopes, está no nº 0; o nº 1 sai em novembro.

## COMPLEMENTO

Escrevemos a você, para solicitar que faça uma assinatura de "Complemento" (35 cruzeiros por ano). No mínimo, você estará ajudando o jornal a manter sua independência. Pois, nosso pessoal não depende do "Complemento": Está se sustentando às custas do jornal tradicional, mas buscando na pequena imprensa a compensação intelectual, a fuga aos rígidos padrões comerciais, a luta pela plena liberdade de imprensa, a defesa da cultura nacional e até um jornalismo mais próximo do homem, livre das imposições empresariais e da padronização do noticiário determinado pelas agências nacionais e estrangeiras.

Por isso, sofremos as mesmas restrições publicitárias de anunciantes e agências que preferem investir nos órgãos tradicionais. Mas contamos com a sua colaboração. Para receber "Complemento" durante um ano, basta enviar um cheque visado em nome de "Complemento Editorial" - Rua Frei Gaspar, 104, sala 35 CEP 11.100 - Santos / SP.

Agradecemos muito, por isso. José Rodrigues. ATT. Junto ao cheque, favor devolver este cupon preenchido:

NOME .....  
PROFISSÃO .....  
RUA .....  
Nº .....  
BAIRRO .....  
CEP .....  
CIDADE ..... u004ESTADO .....



## CAMPANHA DO III REICH: FAÇA UM FILHO E PODE MORRER.

## CLASSIFICADOS

revistas de arquitetura, HQ, arte, decoração, cinema, moda, aviação, automobilismo, fotografia, ciências e, naturalmente, os The One Show, Graphis Annual e Moden Publicyt da vida.



**AGENCIA LOOK**

- Av. São Luiz n.º 258  
- loja 27 - galeria Zarvos  
esq. r. da Consolação  
- São Paulo.

**ATENÇÃO** - basta dizer que leu este anúncio para você ganhar 10% de desconto. Oferta válida somente para o mês de novembro.

RODRIGO FARIAS LIMA E FLÁVIO BRUNO APRESENTAM:

**VIVA O CORDÃO ENCAINADO!**

de Luiz Marinho - direção de Luiz Mendonça  
O espetáculo teatral que ganhou 2 prêmios Molière Rio 74.  
Trinta atores e músicos.  
Tania Alves também está no cordão!  
de 3a. a 6a. às 21 horas. Sábado às 20 e 22,30.  
Domingo às 18 e 21 horas.  
TEATRO APLICADO  
AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 931 -  
fone 36-4496.

**A LIVRARIA CHRIS**  
tem: números atrasados de EX e Crisis, Cadernos de Crisis, Revistas de Arte e Comunicação, enfim tudo em revistas nacionais e estrangeiras.  
Av. Paulista nº 809



ILUSTRAÇÃO DE MARILIA

## Mulher Boa, Em Tempo De Nazismo, é a Mãe

A luta contra a falta de filhos, iniciada pelos nazistas desde que chegaram ao poder, concentrou-se primeiro em torno da mulher emancipada. Era preciso, a todo custo, forçá-la a reintegrar-se no lar, segundo a velha teoria dos três "K": Kuche, Kinder, Kirche (cozinha, crianças, capela). Numa época em que as mulheres conquistavam o direito de voto e lutavam por sua libertação, o Partido Nacional-Socialista publicava, em janeiro de 1921, edital em que se comprometia a "excluir para sempre as mulheres de toda e qualquer posição importante no domínio da política".

A partir de 1933, houve o cuidado de modificar os programas das jovens escolares: lugar de mulher era em casa e não na universidade. Em junho de 1936, uma lei proibiu às mulheres o exercício das funções de juiz, promotor e vários outros cargos elevados na magistratura. A mulher, segundo os nazistas, só era capaz de julgar de acordo com os seus sentimentos, era incapaz de fazer justiça de acordo com o partido. As médicas casadas também perderam o emprego, "diante da necessidade de se dedicarem à produção de filhos".

Por mais surpreendente que isso possa parecer, a maioria das mulheres acabou por considerar que o culto da maternidade, apesar de todas as desvantagens da discriminação contra o sexo feminino, era um bem necessário à pátria. A fim de mostrar seus sentimentos antiburgueses de verdadeiras nacional-socialistas, procuraram assemelhar-se ao ideal feminino de loura reluzente, de ancas largas, cabelos atados na nuca ou entrançados em coroa na cabeça. Nos ônibus de Berlim, as moças maquilhadas eram tratadas como "putas". A esbeltez também era combatida. Todo mundo sabe que as mulheres excessivamente magras não podem ter muitos filhos.

O aniversário de nascimento da mãe de Adolf Hitler - 12 de agosto - foi escolhido para a "festa das mães alemãs". Nesse dia, as mães de muitos filhos eram condecoradas, com grande pompa, com

a Cruz de Honra da Mãe Alemã, que tinha 3 categorias: cruz de bronze (4 a 6 filhos), cruz de prata (6 a 8 filhos) e cruz de ouro (8 filhos ou mais).

Em agosto de 1939, 3 milhões de mulheres tinham sido condecoradas com a "Ordem da Coelha", como dizia o homem da rua. Nessa época, a preocupação com a "fecundidade" era tão forte que nenhuma mulher, dentre as 18 milhões de alemãs dedicadas à educação dos filhos, foi enviada a trabalhar nas fábricas, antes de 1943. Começou então uma luta violenta contra o homossexualismo, a prostituição e o aborto, que dava campo de concentração e até pena de morte.

Por não participar do esforço demográfico, os lares sem filhos, as mulheres estérteis e até as mulheres "demasiado velhas para engravidar" também foram alvo dos eugenistas nazistas. Das 16 milhões de mulheres casadas até o final de 1938, 22,5% não tinham filhos. Por isso foi criada nova lei sobre o divórcio, em 1938. Assim, de 42 mil em 1932, o número de divórcios passou a 62 mil em 1938. Os tribunais, mediante simples declaração do marido acusando a mulher de esterilidade, podiam decretar o divórcio.

O casamento, tal como a Igreja defende, torna-se rapidamente, no espírito da SS, o inimigo da fecundidade. Um dia, Himmler fez esta confidência ao seu massagista finlandês, Dr. Felix Kersten:

"Depois da guerra o código matrimonial será modificado a fim de legalizar a bigamia. O casamento é obra diabólica da Igreja. As suas leis são imorais. Na bigamia, cada mulher será para a outra um estimulante a fim de representar, para o marido, a mulher ideal, sonhada, a imagem e semelhança das atrizes de cinema".

Em outubro de 1939, Himmler publicou o seguinte édito:

"Para além dos limites das leis, dos costumes e das opiniões burguesas, talvez necessários, cumpre hoje às mulheres e moças de puro sangue alemão a nobre tarefa de pedir aos soldados que partem para a frente - e isto quer elas sejam casadas ou não - que as façam mães. Uma tal concepção não será empreendida com espírito frívolo, mas com a grande consciência do dever que deve animar um soldado que não sabe se voltará a ver, um dia, o céu de seu país." (Condensado do livro *Em Nome da Raça*, de Marc Itillel)

## Experimento leva você à terra do

# Malboro



Experimente viajar com a gente. A terra do Malboro, é mais 60 outros países. Você mora com uma família do país hospedeiro, faz curso de línguas, ou frequenta o campus de uma Universidade. Basta falar ingles ou outra língua, ter entre 15 e 30 anos, e naturalmente, um pai legal que financia o Programa.



**EXPERIMENTO DE CONVIVÊNCIA INTERNACIONAL**  
órgão consultor da UNESCO  
BRASIL

**ESCRITÓRIO NACIONAL**  
S. Paulo - Rua Barão de Capanema 340 tel: 81.5497  
Escritório Regionais - Belo Horizonte, tel: 24.1865; Curitiba, tel: 22.3344;  
Londrina, tel: 22.0519; Rio de Janeiro, tel: 224.0828 224.1233; Porto Alegre, tel: 22.5948.



## 55: LACERDA QUASE DÁ O GOLPE E PEDE ASILO A CUBA

Insurge-se o general Lott contra o presidente da República

## REVOLUÇÃO NO RIO



O general Teixeira Lott não se conformou com a solução dada ao caso do coronel Mamede

Chefes do exército não se conformaram com a substituição do ministro da Guerra — segundo um comunicado hoje dado à publicidade — Esperam a solidariedade da Marinha e da Aeronáutica — Solidário com Lott o marechal Mascarenhas de Moraes

RIO, 11 (Meridional) — Urgente — Às 6 horas da manhã de hoje, do Ministério da Guerra, recebemos a seguinte nota: "Tendo em conta a solução dada pelo presidente Carlos Luz, no caso coronel Mamede, chefes do Exército, julgando que tal ato, positiva provocação aos chefes do Exército, que via postergados os princípios disciplinares, decidiram

SOLIDÁRIOS COM O MINISTRO DA GUERRA. RIO, 11 (Meridional) — Também o ministro da

Guerra recebemos mais os seguintes informes: "O senador Nereu Ramos, presidente do Senado,

cerca de 5 horas, esteve no Palácio da Guerra, hipotecando solidariedade ao gal. Lott. Também o gal.

credenciaram como intérprete dos anseios do Exército objetivando o retorno da situação aos quadros normais do regime constitucional vigente. "Acreditamos na solidariedade dos companheiros da Marinha e da Aeronáutica e apelamos aos governadores dos Estados solicitando apoio a essa atitude. — (a) GAL. LOTT."

Flávio de Cunha, com o mesmo objetivo, esteve no Ministério da Guerra. A mesma atitude teve o marechal Mascarenhas de Moraes. Este el-

to patente do Exército, depois de visitar o gal. Lott, deixou o Palácio da Guerra rumo ao Catete.

NOVO CHEFE DE POLÍCIA

RIO, 11 (Meridional) — (Concili na pag. 12)



Começo de raia no "Municipal"

URGENTE PRESOS CAFÉ E CARLOS LUZ

RIO, 11 (Meridional) — URGENTE — O gal. Henrique Teixeira Lott, antes de sair, deixou o posto de Guerra em virtude do presidente Carlos Luz ter decidido atender seu pedido no sentido de gal. Mamede retirar-se do Rio, assumindo o comando geral das tropas nesta Capital em Vila

## NOVA HISTÓRIA

## Lott Não Quer Café; Carlos Quer Chupar Cana e Assobiar.

**Chuva** — A terra fofa abria-se em valas. Estava tudo empapado. O tropical Aurora dos políticos, o chale preto da viúva Canrobert Pereira da Costa. Pingavam os negros ciprestes e o verde das fardas. Só os coveiros da chuva — os formigões não lhes subiam pelas pernas. Nisso, o Coronel Bizarria Mamede, amigo do morto, abriu um discurso — três páginas datilografadas em espaço dois. Não sondou a caverna escura do Nada, a face da Morte. Desceu foi o pau no sistema eleitoral vigente. Ele e a UDN achavam que Juscelino Kubitschek e Jango não deviam tomar posse: não haviam alcançado "maioria absoluta" no pleito de outubro. De onde Mamede tirou essa idéia? Não foi certamente de Xenofonte. Era o dia primeiro do mês de novembro de 1955.

**NOSTALGIA** — Novembro de 1955... Dorothy Dandridge flertou com Ibraim Suede no "Snack-Bar" do Country. O Cineac ("Você me encontra às 3, no café, que nós vamos lá, eu falo com ele e está tudo arranjado. Se você quiser, depois vamos ao Cineac, assistir aos desenhos" — programa de funcionário público, segundo o humorista Sérgio Porto)... O Cineac mostrou vários dias a nossa sensacional vitória sobre o Paraguai, 3 a 1, Sabará, Didi, Vavá, Pinga e Escrinho (quando Zizinho entrou, porém, é que nossos inimigos começaram a arrastar a cachorrinha). Lembram de Martine Carol em "Amores de Carolina"? E de Silvana Pampanini em "O.K. Nero"? No Recife, abrindo os Jogos Olímpicos da Primavera, desfilaram as misses de todo o país: estavam realmente lindas nos seus maiôs de catar pimentas. Seus autores prediletos: Jorge Amado e Exupéry. "O aumento do custo de vida no Brasil é uma consequência lógica do desenvolvimento do país..." (Isso é 1955, hein!)

**O GOLPE MAL DADO** — Choveu desde o discurso de Mamede. Dez dias depois ainda chovia, grosso e cinzento. O Presidente Café Filho, sentindo os ossos empapados, decidiu fazer três coisas: entregar logo a Petrobrás, breca a eleição de JK e Jango, e, depois descansar. O Ministro da Guerra, Gal. Lott, tinha-lhe pedido que punisse Bizarria Mamede, pelo discurso político e inconstitucional no túmulo de Canrobert. Café não puniu, passou o governo ao presi-

dente da Câmara, Carlos Luz, e, indignado, baixou ao hospital do IPASE. Que fez Carlos? Bem, Carlos Luz era homem da UDN e queria, também, entregar a Petrobrás e breca os eleitos de outubro. Demitiu Lott, nomeou o Gal. Fiúza de Castro para a pasta vaga e começou a conspirar, de dentro do Catete, com Carlos Lacerda, o Brigadeiro Eduardo Gomes (Ministro da Aeronáutica) e os Almirante Pena Boto e Amorim do Vale (Ministro da Marinha). Não esqueceu, naturalmente, de instruir o chefe de polícia, Menezes Cortes: como na última cena de "Casablanca", recolhesse "os suspeitos de sempre". O golpe começara a se mover, como uma aranha no escuro.

**O GOLPE BEM DADO** — Em São Cristóvão, Lott, o Ministro da Guerra demitido (por ser nacionalista e defensor da posse aos eleitos), fitava a parede do seu quarto. De repente parou de fitar, ergueu-se de um pulo, vestiu a farda, fez meia dúzia de telefonemas, partiu para o palácio da Guerra. Operários noturnos caminhavam para a gare da Central do Brasil. Despachou ordens, lacradas, para comandantes e oficiais da sua confiança (nacionalistas e/ou legalistas): impedissem, a qualquer custo, a ação da Marinha e da Aeronáutica. Ocupou, logicamente, o Departamento de Polícia Federal. Só uma grande unidade fora do Rio não lhe prestou imediata solidariedade. (Lott dirigira-se a todas em nome da disciplina, ferida por Mamede, e da legalidade, ameaçada por Carlos Luz.) O Presidente da República ligou para Lott: que estava fazendo? Lott nem atendeu, mandou dizer que estava muito ocupado (sic). Ao saber que o Brigadeiro Eduardo Gomes fora para Cumbicás, SP, ordenou que tropas de Minas fossem para lá, cercá-lo. Na frente política, convocou os líderes do Congresso e avisou-lhes: Carlos Luz está deposto, a situação está sob nosso controle, procedam à escolha de outro Presidente, de preferência o Nereu Ramos, vice-presidente do Senado.

De fato, às 3 da manhã... Bastava plenamente vitorioso o Movimento de Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes. A legalidade tinha sido resguardada, com o sacrifício de algumas horas dramáticas, de profunda expectativa. Felizmente, pudemos tudo concluir sem que houvesse derramamento de sangue. (Gal. Lott a Manchete, 19/XI/55). O contra-golpe movera-se, também no escuro, como a serpente de Loch-Ness.

**A NAU DOS INSENSATOS** — O cruzador queria fugir. Um cargueiro americano ia saindo da baía da Guanabara precisamente naquele instante. O comandante do cruzador obrigou-o a lhe dar cobertura contra o fogo da fortaleza da

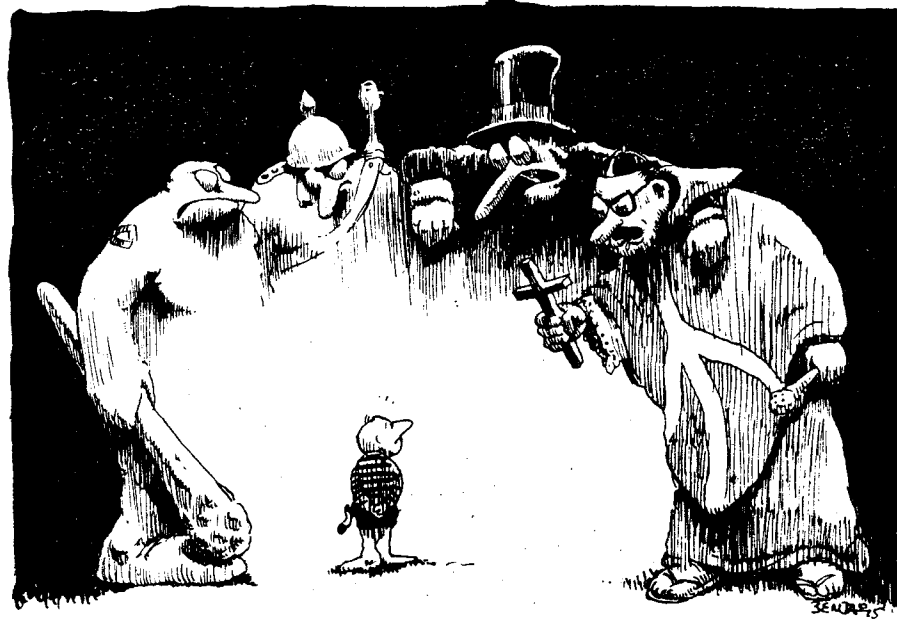


ILUSTRAÇÃO DE BENJA

Lage. Aproveitando-se do nevoeiro, ziguezagando, encostaram os dois barcos à fortaleza de Santa Cruz, aquém dos seus tiros. E passaram a barra. O nome do navio americano a História não guardou. O cruzador fujão era o "Tamandaré". Passageiros: Carlos Lacerda, o ex-presidente Carlos Luz, almirantes Pena Boto e Silvio Heck, ex-ministros Prado Kelly, Munhoz da Rocha e o Cel. Jurandir Bizarria Mamede (o do discurso pluvioso), e outros. (Napoleão escreveu aos seus veteranos: "Bastará dizerdes: eu estive na batalha de Austerlitz; para que vos respondam: eis um bravo!") Os políticos que andaram no Tamandaré, dia 10 de novembro de 55, ficaram por muito tempo marcados. Apenas, no seu caso, talvez não coubesse o adjetivo final da exaltação napoleônica.)

Os passageiros do Tamandaré iam de crista baixa. Talvez, à mesa do comandante, provando frutas e café, falassem do serviço que não completaram. Seu golpe saiu pela culatra, como as vezes acontecia com os principiantes na boa e velha Chicago de Fitzgerald. Por que haviam falhado? Como diligente mãe que descobre maconha na bolsa da filha, se perguntavam, no convés do Tamandaré: mas o quê, Santo Deus, mas o quê fizemos de errado? A resposta, iam tê-la dentro de poucos anos.

(Em tempo: ao regressar do cruzador, Carlos Lacerda, aconselhado por amigos, teria pedido asilo à embaixada cubana).

Joel Rufino dos Santos

## Poetas De 8 Anos Cantam Dores De Quem Já Viveu Toda a Vida

Tristeza, amor, morte, polícia, miséria: são temas das poesias de 45 portugueses entre 8 a 14 anos, favelados, filhos de pescadores, de vendedoras de peixe, de ladrões de coisas essenciais ao dia-a-dia. Os primeiros alunos da professora Rosa Colaço, em Lisboa, nos tempos do Salazarismo. Numa escola em que o diretor avisava logo que a delegacia de polícia estava no fim da rua, caso surgisse algum problema que não pudesse ser resolvido pela régua.

A régua, a professora Rosa mandou jogar fora no primeiro dia. E depois, como eram todos — ela e os meninos — "pobres e sozinhos", ficaram amigos. A professora conta: "Conheciam as mil maneiras de escapar dos policiais, de sobreviver. Os dias eram-lhes duros e comprados com muita coragem e destemor. Por isso custei a entender — entendi? — como a poesia foi para eles violenta e fácil.

Pediam para fazer poemas, como quem pede pão."

Em 1960, Rosa expôs a primeira coletânea dos textos, em Lisboa. Depois, publicou um livro, uma homenagem-testemunho, de onde foram tirados estes poemas:

## O AMOR

O amor é como duas borboletas que estivessem sobre uma rosa, a mais linda de todas do jardim. O amor tem que haver. Se não houvesse o amor não havia nada bonito. O amor são duas estrelas a brilhar, a brilhar. A rosa e o sol são amor. O amor é a poesia. O amor são dois passarinhos a construir a sua casinha. O amor é não haver polícias.

Inácio Silva Cruz, 10 anos

## NATAL

Estou farto de ser pobre e de viver numa barraca de lata agora sinto que morro sinto a morte a chegar vejo tudo perdido é permanente este rio pobre só sinto que morro a morte é fria mas viver nisto, não. Estou só. Fica este poema para quando me encontrarem terem vergonha desta miséria.

Vitor Pinho Moreira, 8 anos

## NÓS SOMOS TRISTES

Na noite de carnaval eu muito triste, e via todas as pessoas magoadas. E a cor do céu também estava aborrecida. E os homens das laranjas sem apregoar. E eu não sabia o que tinha sido. Mas quando a minha mãe voltou, disse-me: os policiais voltaram a bater nos vendedores. E eu disse pá minha mãe: que chatice! e a minha mãe, deu-me um beijo.

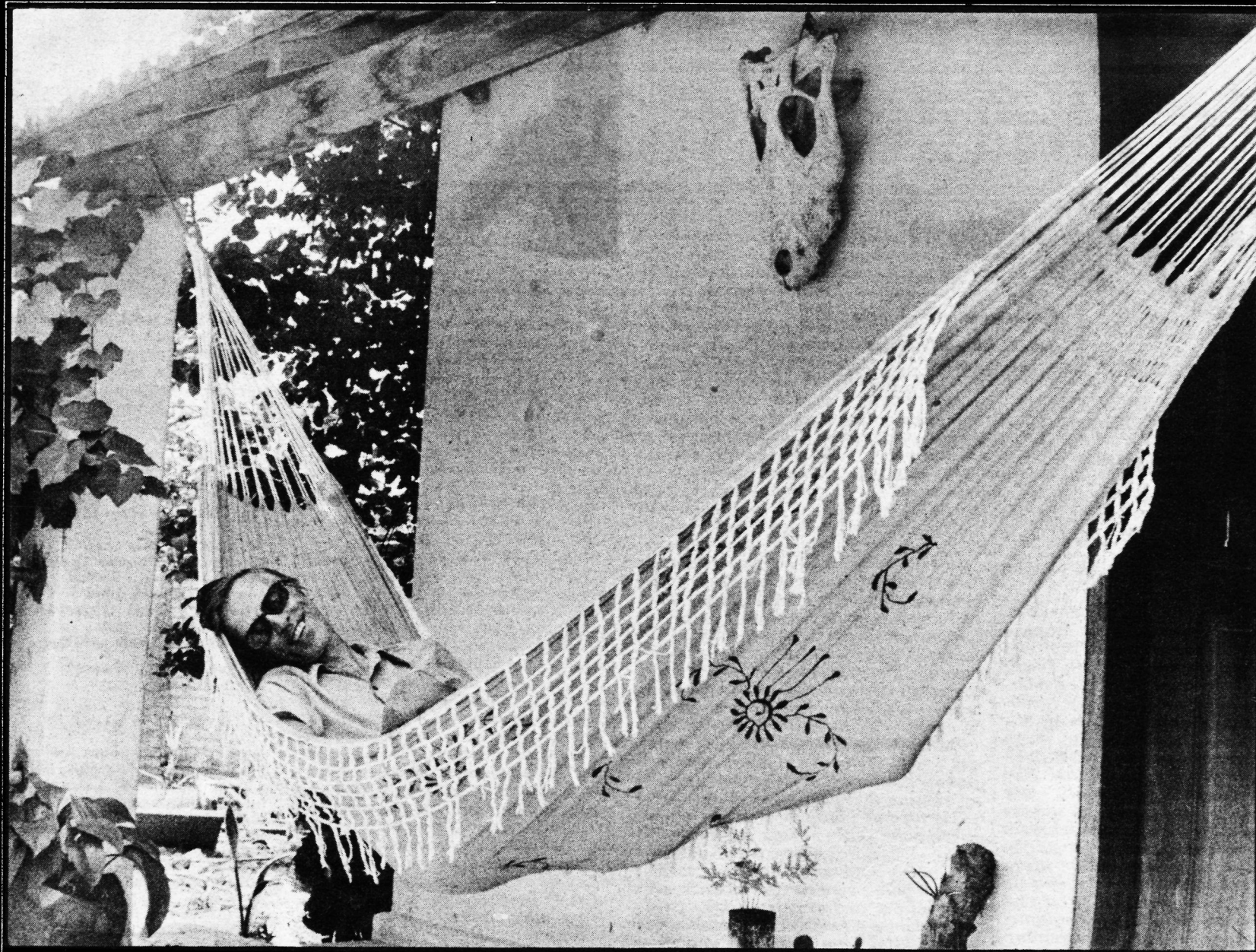
Jorge, 8 anos

Vou viajando num barco de morte vou andando sem andar não tenho passaporte não tenho luar.

Antonio Joaquim, 8 anos



# DEUS É GRANDE



A mata cobre 150 mil km<sup>2</sup> ao norte de Mato Grosso, área equivalente a dois terços do Estado de São Paulo. São os 150 mil km<sup>2</sup> da Prelazia de São Félix, dirigida por Pedro Casaldáliga Pla, (foto) pastor de 70 mil almas, o primeiro bispo ameaçado de ser expulso do país.

Deus é grande, mas a mata é maior: foi o que os sertanejos começaram a falar, depois que a região do Araguaia foi destinada à criação extensiva de gado, com incentivos da Sudam, em 1966. Hoje, os 150 mil km<sup>2</sup> da Prelazia estão divididos em apenas 73 propriedades, as menores com 100 km<sup>2</sup>, outras com 500, 1.000, 2.000 km<sup>2</sup> – e uma delas, a Suiá-Missu, do grupo Liquigás, considerada a maior fazenda de gado do mundo, com 5.000 km<sup>2</sup> e aeroporto capaz de receber um Jumbo (300 toneladas de carne numa só viagem). A área média das fazendas é 2.000 km<sup>2</sup>, tamanho aproximado da Agropecuária Tamakavy, de Silvio Santos.

A mata passou a ser maior que Deus principalmente em 73, quando órgãos de segurança vasculharam a área da Prelazia (São Félix, Cascalheira, Serra Nova, Porto Alegre, Pontinópolis, Santa Terezinha, meio Parque Nacional do Xingu, 7 aldeias carajás e uma tapirapé). Padres, freiras, professores presos, posseiros perseguidos, o bispo confinado em casa, todos acusados de incitação à violência. Um simples slide com a palavra **mata**, usado num curso de alfabetização, foi considerado peça de acusação. Os conflitos, porém, já haviam começado em 66,

quando a maioria das fazendas se estabeleceu; e grandes proprietários, que haviam comprado as fazendas "no mapa", passaram a expulsar quem encontrassem em suas terras: índios ou velhos posseiros de até 25 anos atrás. A mata era grande: muitos se esconderam nela, alguns para sempre.

O conflito principal envolvia posseiros e a fazenda Codeara. Só entre 67 e 70, "a Codeara gastou 300 mil cruzeiros em repressão contra os posseiros de Santa Terezinha", diz o bispo de São Félix.

Pedro, o bispo de São Félix, 47 anos, nasceu em Barcelona, Espanha. Poeta, autor de 3 livros: Uriel, 1965; Clamor Elemental, 1971; e Tierra Nuestra, Libertad, 1974. Jornalista, diretor durante 4 anos da revista Iris, editada em Madri pelos claretianos. A guerra civil o atingiu em plena infância. Seu tio, padre, foi assassinado por anarquistas. "Minha família era tipicamente católica, de direita. Ajudei, naquela hora, mesmo sendo criança, a esconder padres e freiras". Entrou para o seminário logo após o fim da guerra, com 11 anos. Ordenou-se aos 21, como claretiano, e logo começou a trabalhar numa cidade operária, Sabadel. "Isso já me abriu uma grande consciência social." Chegou ao Brasil em 68, atendendo a apelos do Vaticano e à força de sua vocação missionária. Já tinha estado na África, onde introduziu os cursilhos de cristandade, na época tachados de "modernistas, comunistas, protestantes, anticlericais e iluministas".



O problema de escolha, diríamos, entre África e América, mesmo que a gente viveu sempre com África como sei lá, o primeiro amor, foi duro. Acontece que essa região, do Mato Grosso o, incluída a ilha do Bananal, estava praticamente desatendida em termos de Pastoral. Incidentalmente, uma vez por ano, passava um padre em algumas partes, rápido, e a Santa Sé, por meio da Nunciatura, vinha insistindo fazia uns 4 ou 5 anos com o nosso Instituto para conseguir missionários. Não foi fácil encontrá-los aqui no Brasil; um padre delegado do Brasil fez questão de encontrá-los na Espanha.

A respeito do Brasil havia para a gente uma certa distância pelo fato de não ser América espanhola. O idioma... a gente conhecia o Brasil muito superficial... era um pouco samba, um pouco Pelé, café... os grandes conglomerados, São Paulo... Brasília, arquitetura nova, modernista como se dizia... e um pouco o Nordeste. Certa literatura, enfim... Amazonia como o inferno verde e pouca coisa mais.

Vim ao Brasil no começo de 68, junto com outro colega, irmão naquela época, depois se ordenou de padre, padre Manoel López.

Chegamos... aliás com um contraste impressionante de temperatura... saímos de Madri a 11 baixo zero e chegamos a Rio de Janeiro a 38... Nos primeiros dias a gente achava que seria incapaz de suportar o clima. Depois, a gente se habituou. Viemos a esses calores da Amazônia, e a gente vai vivendo, né... com alguma malária, alguma verminose, passando calor... a gente vai vivendo... como outros muitos vivem faz séculos por aqui.

Viemos a Mato Grosso de caminhão, de Rio Claro até aqui, 7 dias na estrada. Carregando os nossos trens, como se diz na região, já com 2 índios xavante que nos acompanharam de Barra do Garças até aqui. A estrada Barra - São Félix estava se abrindo naquela hora. As máquinas, terra vermelha, o cerrado, a floresta já queimada em certos setores que foi como que um colapso pra minha capacidade de imaginar ecologia, de aceitar uma árvore caída ou queimada. As queimadas pareciam-me sensivelmente uma violação a uma população humana, inconcebível. E percebi posteriormente que todos os estrangeiros que chegam nesta região, passam mais ou menos por essa impressão também. A estrada era tão nova que as pontes eram pinguelas e tivemos até a sorte turística de que uma onça atravessasse diante de nós, pertinho do caminhão.

## Desgraça tocada pelo latifúndio

São Félix nasceu praticamente perto do ano 40. Fundado por um grupo de piauienses desgredado do grupo que comandava o famoso coronel Lúcio da Luz, fundador de Luciara (Lucia• Araguaia). Interessante saber que se escolheu o nome de São Félix como padroeiro contra os índios. Parece que no Piauí, em vários lugares, São Félix protegia mesmo contra os índios. Para nós, descobrir as intenções desse nome foi um colapso religioso, e depois de 2 anos conseguimos sem maiores iras de São Félix de Valois, mudar o patrocínio, transferindo para Nossa Senhora da Assunção. Aliás, São Félix de Valois é um desses famosos santos cassados.

A cidadezinha poderia ter aquela hora 700 pessoas, 3 jipes velhos, sem luz, sem escola, sem médico, sem telefone claro, sem outra estrada que essa que estava se abrindo, com uma fama mais ou menos merecida de cidade faroeste. A gente ouvia toda hora contar mortes, crimes acontecidos debaixo daquele pau a pique... naquele canto do rio... atrás daquela casa... uma situação, aliás, que hoje vem se mantendo em grande parte. E que é característica desta região e de muitas outras regiões do país. Explicável: pessoal flutuante, às vezes pessoal já refugiado nessas regiões por causa de algum crime, algum problema familiar.

grave, etc. Brasil, um país dessas dimensões, pode se permitir o luxo de ter como que fronteiras dentro do próprio país. Atravessar o Araguaia vem significando, até agora, em muitos aspectos, atravessar uma fronteira e partir para um

# "Cheguei mode a vê, e fiquei. S. Felix era coisa fina"

CONTINUA

outro mundo. Chamou-nos também bastante atenção no início que o povo falasse em "viajar para o Brasil", estando aqui no Mato Grosso.

Explicável também esse clima de faroeste pelas condições em que os grandes conjuntos de homens, peões, vivem. A peonada, como diz o povo numa expressão bastante despectiva, era de 2 mil, 3 mil peões nas grandes fazendas. E se despejavam em São Félix 600, às vezes 700, mil, mil e tantos peões. Enchiam essas pequenas pensões, esses botecos, essa rua toda do Pingo ou da prostituição. Depois de 3, 4 meses de mata, de pantanal, na derrubada, maltratados, com perigo de morte, com doenças, sem nenhum contato com família, com a vida, diríamos, ganhando muito ou pouco (geralmente era pouco, muitas vezes era nada) quando ganhavam sentiam a necessidade quase biológica de estourar, de torrar aquele dinheiro em 4 horas. E era a mulherada, a bebida, o tiro, a facada.

região e sobretudo para conhecer o pessoal. Aí começamos a descobrir que ninguém era daqui. Um detalhe curioso: na cidade vizinha de Luciara alguém era chamado de "Mato Grosso" por ser considerado o único adulto que tinha nascido na região. O resto do pessoal era vindo do exterior do estado: norte, nordeste, sobretudo, Goiás, norte do Goiás. Mesmo os vindos do Goiás, já anteriormente os pais, eles mesmos muitas vezes na infância, vieram do Maranhão, do Piauí, Ceará, Pará, de outros estados do Nordeste. A gente então se encontrava como que de improviso perante um povo nordestino. Um povo nordestino na Amazônia. Sertanejo, como eles chamam. A palavra sertanejo, depois, veio significar para a gente praticamente povo - povo maioria, povo-povo, desta região nossa da Prelazia. O povo de Deus no sertão.

Descobrimos as causas da vinda desse povo e esta região. Todos eles vinha tocados (outra expressão cheia de con-



Nos encontramos perante um mundo não só desconhecido como impossível. A área da Prelazia é de 150 mil km<sup>2</sup>, naquela hora ainda não constituída como tal, mas já sabíamos que ia ser constituída. 150 mil km<sup>2</sup> para quem vem da Europa são muitos quilômetros. Ficamos como que contemplando o mar.

Sentindo o mistério nas suas profundidades, sem imaginar por onde, como e de que jeito começar o trabalho pastoral. Éramos 2. Fomos alojados numa casinha à beira-rio, histórica, construída pelo Leonardo Villas-Boas.

Tivemos que enfrentar de algum modo a região, a pastoral da região. E no primeiro ano e meio decidimos pela desobriga tradicional praticante. Aquelas visitas do padre num ponto determinado do sertão, onde previamente avisados os moradores da redondeza, a 3, 4, 5, 10, 20 léguas, se reuniam 300, 400 pessoas, 200 animais, mulheres com crianças, mulheres grávidas, o padre passava 1 dia ou 2, confessando, batizando, casando, celebrando missa, distribuindo remédios, às vezes presenciando uma briga, uma facada, um rapto de uma moça, pedindo casamento "no que imo", como se diz na região, casar em cima da hora, a moça roubada, coisa que nós, evidente, de início rejeitamos. Mesmo sendo um sistema pastoral evidentemente ultrapassado, e com o qual a gente não podia concordar de jeito nenhum, serviu-nos para conhecer a

teúdo) pelo latifúndio, pelos donos, pelos senhores, pelos poderes. Tocados pelos donos dos engenhos, das fazendas, dos latifúndios que iam se abrindo no próprio nordeste, tocados às vezes pela seca também. Tocados pelo latifúndio que ia se abrindo no norte do Goiás. Quando eles foram saindo das terras do Norte, do Nordeste, saíram procurando as Terras Gerais, os Gerais, os Campos Gerais do Goiás, do Mato Grosso, as terras de ninguém, as terras devolutas, na consciência deles. Terras de fato de ninguém. Sem cerca, sem cultivo, evidente, sem uma picada ou pinicada, como se diz por aqui, iam se apossando das terras. Entravam, como reconhece com muita força a lei brasileira, no direito de posse, e começavam a plantar.

No norte do Goiás, como aqui no Mato Grosso, as plantações características de mandioca, milho, arroz, um pouco de batatinha doce, as frutas características (mamão, lima, laranja, limão) e as pequenas criações de galinha, porco, pato, com as facilidades de viver muito de caça e de pesca. Era uma terra virgem, uma terra livre. Para quem vinha do nordeste, era uma Terra Prometida. A gente tem dito várias ocasiões que atravessar o Araguaia era como atravessar o Mar Vermelho. Vindos de uma região de seca, chegavam numa região de mata, de córrego, de rios. Era outro mundo. Quem nunca teve terra própria, que já foi tocado da terra dos pais, chegava

## DECLARAÇÕES

Eu, Francisco Alves Feitoza, declaro que fui baleado, no dia 9 de agosto de 1970, 17,00 horas, pelo policial, André, de São Félix, que se encontrava bêbado. Atirou-me sem nenhum motivo, pois eu não estava desacatando a lei e não portava sequer uma arma. Fui baleado no pé e fiquei 9 dias com a bala no corpo. Durante esse tempo, o Sr. Antonio Santana fez alguns curativos. Depois, viajei para São Miguel, onde, finalmente, se extraiu a bala. A operação foi feita pelo Dr. Márcio e toda a despesa importou em \$ 2 mil, que até hoje tenho que arcar com sacrifícios.

Sou um pai de família, tenho dois filhos para criar e me acho sem condições de trabalhar, por causa do balaço que recebi. Minha mulher, àquela época, estava de resguardo, pois tinha dado à luz há apenas 10 (dez) dias, teve que quebrá-lo para trabalhar e cuidar da casa. Por isso, vive até hoje doente.

Quero Justiça: Declaro tudo que disse como verdade e dou fé.

Eu, Antônio Araújo Bezerra, declaro que no dia 25, Manuel, vaqueiro de Rondon Araújo, residente na ilha do Bananal, veio a São Félix fazer compras. Às 11 hs. da manhã foi preso pela polícia por levar consigo uma simples faquinha comercial. Permaneceu na cadeia desde às 11 hs. da manhã do dia 25 até as 9 horas da noite do dia 27. Durante este tempo, ficou sem comer, sem beber e sem as mínimas condições de higiene. Despido, foi barbaramente espancado e retiraram os \$20 que tinha no bolso.

Após sair da Cadeia, Manuel foi bater em casa e eu tive que dar dinheiro da passagem para que ele pudesse ir para sua casa.

Declaro tudo que disse como verdade.

Eu, Delmiro Rodrigues da Silva, declaro que no dia 27 de setembro de 1971, a polícia prendeu um rapaz por não ter pago uma dívida. Um amigo do detido intercedeu, pedindo à polícia que não batesse e não o levasse preso, pois seria padrinho de casamento.

Os policiais não atenderam e levaram os dois abraçados para a cadeia. Na cadeia foram espancados.

Declaro também que a polícia tem feito muitos roubos e anda a ameaçar com revólver. O soldado André espancou um rapaz e tomou o dinheiro dele.



mesmo encontrando dificuldades enormes, epopéias, por causa da bicharada, da total ausência de comunicações, na falta absoluta de assistência, encontravam, digo, terra, que era a obsessão. Terra e água, né. Como que os elementos básicos para a vida. Terra e água.

Fomos tomando os nomes, naquelas listas imensas de 100, 200 batizados, e era sempre os pais e os padrinhos do Maranhão, do Piauí, do norte do Goiás, do Pará.

## Relatórios, cartas, reclamações.

### Começa a luta.

Lembro o golpe, diríamos, definitivo, de consciência que recebi a respeito do problema dos posseiros; foi na vinda de 6 posseiros, um deles, jamais esquecerei, velho já, de cabeça branca, maranhense (olho de gato, como se diz na região) que vinham da Serra do Roncador. A Serra do Roncador atravessa a Prelazia como um espinho, né. E vinham procurando de mim uma resposta, uma saída, uma solução. Estavam sendo tocados das suas respectivas posses, por um agrimensor, corretor de terras, sei lá, e entraram numa fazenda daquela área. Eu me sentia ante uma pergunta pelo menos sem resposta no momento. Mas me senti confuso perante um desafio. Evidente que se nós queríamos nos encarnar como Igreja e queríamos trabalhar uma pastoral realista e queríamos responder ao que a gente já sentia ou pelo menos vivia teoricamente, uma evangelização libertadora, devíamos enfrentar esse problema.

Esse problema se concretizava numa palavra: terra. A teologia da terra, a pastoral da terra, o sacramento da terra, diria.

Tentei fazer alguma coisa, e começamos a tomar dados, a arquivar, a escrever. Os problemas, as situações semelhantes, iam se multiplicando.

Começamos a mandar cartas, documentos, relatórios, pedidos, reclamações, às diferentes autoridades estaduais e federais. Nosso conflito não foi diretamente nunca com o Exército ou Polícia, outras instituições do governo. Nosso conflito inicialmente se configurou com o latifúndio capitalista, que esmagava o nosso povo e impossibilitava o futuro do nosso povo. É uma questão de vida e morte que nós tentamos resolver. Automaticamente, como esse latifúndio capitalista vinha acobertado por um sistema, por um governo, por uns órgãos de segurança, da Polícia, nosso conflito foi se globalizando, não de nossa parte, mas da parte deles.

No norte do Mato Grosso, norte da Prelazia, já quase limitando com o Pará, o padre Francisco Jentel vinha trabalhando fazia quase 15 anos. E ele pertencia, até aquele momento, à Prelazia de Conceição do Araguaia. Foi da Prelazia de Conceição, da Prelazia da Cristalândia, e da atual Prelazia de Guiratinga que se desmembrou esta nova Prelazia de São Félix. Fundada, quer dizer, erigida, criada no ano 71, 23 de outubro. O padre Francisco nos tinha precedido nessa obsessão do contar, mais fundamentalmente de apelar para as autoridades superiores à base de documentos e de visitas. Padre Jentel foi incansável viajante à procura da justiça, da lei. Eu o acusei diante do tribunal da Auditoria Militar do Campo Grande como de super-legalista. Eu tenho desafiado e desafio qualquer um do Brasil que me apresente nesses últimos 10 ou 15 anos um homem de ação pública mais legalista do que o padre Jentel. Em todos os órgãos e ministérios mais ou menos relacionados com o problema terra e com esta região, os funcionários chegavam a se encher das visitas, da presença, das reclamações, dos detalhes do padre Jentel em busca da via da Justiça para o povo de Santa Terezinha na luta com a famosa, a famigerada (como diziam as emissoras) fazenda Codeara.

A gente começou a ter uma visão de conjunto. Estávamos dentro de uma área visada pelos programas especiais como sendo terra do gado. Lembro que, ao ser sagrado bispo, pensei mais de uma vez que acabaria sendo bispo de bois. E de vacas. (risos).

A Sudam mandava, fazia e desfazia

# "Trem prá comprar tinha era demais. Dinheiro que não."

CONTINUA

nesta área. Esta era estritamente área da Sudam. Para o latifúndio. Para o latifúndio do gado.

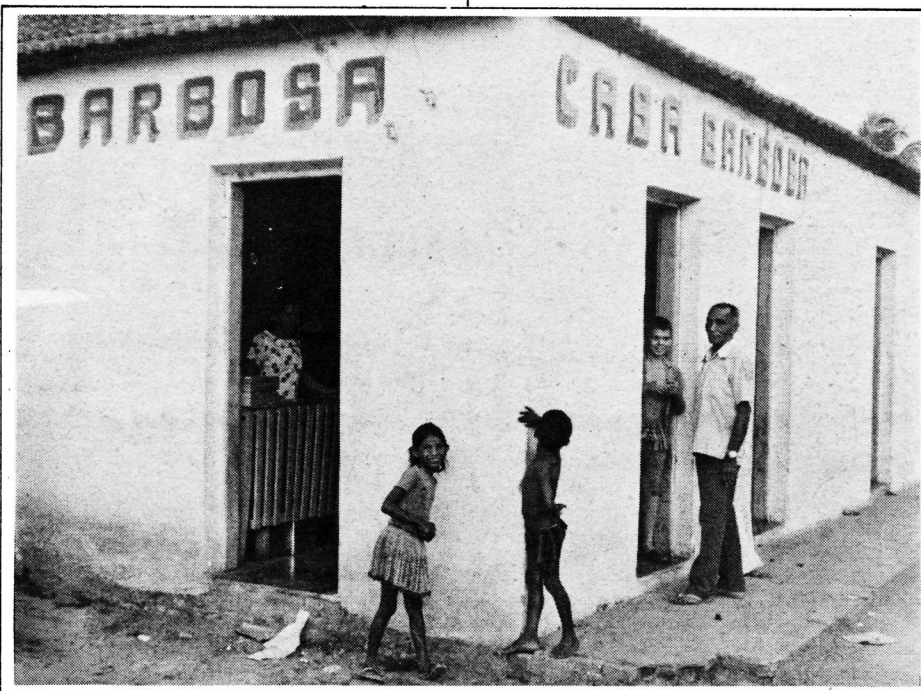
## Vaticano põe fé na Suiá-Missú

A grande fazenda, que naquela hora dominava, de nome e de fato a região, era a Suiá-Missu. Fazenda realmente imensa, com mais de 300 mil alqueires, 5 vezes o antigo Estado da Guanabara, uma fazenda cujas histórias iniciais são francamente tristes. Para os índios xavante, que foram tirados da área, da sede da fazenda. E que nessa viagem, transferidos por avião da FAB, morreram 60, por causa de sarampo, contato com os brancos.

Era notório e é, via testemunhos de

to a par do assunto. Tomei nota, passados alguns meses, não recebi resposta. Escrevi diretamente ao Núncio Villot, Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Villot. Depois de mais 3 meses, me respondeu através da Nunciatura, também com palavras bastante diplomáticas. Entendi que o Vaticano não teria ações na Liguigás. Talvez não teria já mais ações. É curioso porque o próprio diretor-superintendente da Suiá-Missu, Mário Gorla, teria dito para o secretário da CNBB, dom Ivo Lorscheiter que o Vaticano tinha de fato 8,5%. Foi o Vaticano acionista, deixou de ser, ainda é, indistintamente, sei lá...

Nesses dias a Suiá-Missu acaba de despedir todos os peões e praticante todos os pequenos funcionários. Está se dizendo que vai fazer uns 2 meses de revisão, sei lá. É triste advertir que vários deles tem sido despedidos sem nenhuma atenção dos direitos já adquiridos. Ainda anteontem, um deles daqui de São Félix,



muitas testemunhas vivas, presenciais, o que aconteceu na Suiá-Missu naqueles primeiros tempos, não só com os posseiros que foram tocados da área, como os peões. Peão era mesmo morto. Peão sumia. Peão era materialmente ameaçado de ser enterrado vivo. Gerente e jagunço eram a mesma coisa. A Suiá-Missu poderá se apresentar agora como fazenda-modelo nos aspectos de produtividade, né, de organização, e assim mesmo está em pecado original.

Naquela época, Suiá-Missu era dos Ometto, atualmente é do grupo Liguigás. Aliás, essa transferência de uns donos para outros, nistem custado certos desgostos. A Liguigás, grupo italiano, é considerada como um grupo com ações do Vaticano. Eu acredito que fosse verdade mesmo, em Europa essa era opinião geral, com notícias nos jornais, revistas econômicas, etc.

Quando a Liguigás comprou a Suiá-Missu - lembro, eu estava nessa hora no gabinete do ministério da Agricultura, e me disse um alto funcionário do gabinete que o presidente Médici estava assinando um decreto especial pelo qual um grupo estritamente estrangeiro podia comprar na íntegra uma fazenda.

Tenhamos saber o que havia de verdade nessa história do Vaticano ser dono da Suiá-Missu. Eu procurei pessoalmente o Núncio Apostólico. Acabava de chegar no Brasil e me disse com um sorriso diplomático que não estava mui-

falava com a irmã: 12 anos que vem trabalhando na Suiá-Missu; saiu, como entrou.

Começaram a abrir já, também, algumas fazendas nas áreas do Xingu. E nas proximidades da estrada nova iam surgindo as novas fazendas. Ultimamente essa estrada está materialmente coberta de fazendas. Da Barra até São Félix (700 km de distância - N.R.). Cada viagem que a gente faz de ônibus surgem lado a lado as novas placas. Pode-se dizer que na realidade não existe mais terra devoluta nesta região. Isso tem significado para nós um beco sem saída. Um desafio desesperante. Lembro que no Encontro da Pastoral da Amazônia, celebrado em fins de junho em Goiânia, perguntei concretamente a um dos diretores nacionais do Incra, presente umas horas na reunião: que perspectivas teria para os posseiros desse Polos-Amazônica oficialmente destinados só à pecuária ou à mineração. Ele me disse que não havia perspectiva nenhuma.

Devo dizer que nosso relacionamento com as fazendas não foi a priori um relacionamento de conflito. E evidente que desde o início achamos uma situação injusta. Porém, era essa a situação e devíamos trabalhar como que nós encontramos. E fomos celebrar missa nas fazendas... eu mesmo utilizei várias vezes os carros da Suiá-Missu, até algumas vezes o teco-teco. Mas fomos vendo que não dava para conjugar a celebração

## DECLARAÇÕES

O soldado Geraldo tomou o relógio de um rapaz de Santo Antônio e deu-o depois de presente à sogra.

Escutei a seguinte conversa do soldado Armando que falava ao Benigno:

- Benigno, cadê o dinheiro que tem por aí? Respondeu o Benigno: "O Dinheiro está por aí, em mãos dos peões!" Tornou o soldado: - Então, hoje vou enquadrar uns quatro peões para tomar o dinheiro.

Aconteceu um crime no "Pingo" (cabaré). O criminoso ofereceu \$1 mil para o sargento livrá-lo. O sargento achou pouco e exigiu \$2 mil. E toda a cobertura foi dada ao criminoso.

Um rapaz veio a São Félix se casar. Uma testemunha do noivo se encontrava num boteco, quando chegou o cabo e pediu-lhe para pagar 2 cervejas. O rapaz não quis pagar e o cabo prendeu-o. O noivo soube que a testemunha estava preso e pediu para que o soltasse. Prenderam também o noivo e tomaram o dinheiro dos dois.

Declaro tudo o que disse, como verdade.

Eu, Edimundo José dos Santos, declaro que vi 2 soldados pegando um rapaz, e dando pancadas nele, até sair sangue.

Declaro também que vi um outro rapaz espancado duramente. Escutei os gritos da cadeia.

Bateram numa mulher, só porque ela foi bater num filho.

Bateram num rapaz, que foi preso sem nenhum motivo. Batiam nele todos os dias, e o mandaram capinar. Esteve uns 8 dias.

Quando morreu um peão no cabaré, ele estava com \$725. Foi feito o enterro e os gastos foram \$ 125. E o restante do dinheiro ficou com o Sargento Abdias.

Joaquim Martins da Cunha, reesidente no Bairro da Lagoa, distrito de S. Félix, MT, declara que sua filha menor, com 14 anos de idade, fora aliciada. O Cabo Aristides, da polícia local, ao saber que ele, Joaquim, pretendia esclarecer o caso e tomar as devidas providências legais, foi à casa da menor, apanhou a menina, sem autorização do pai, e a mandou para S. Miguel do Araguaia. O cabo recebera dinheiro do criminoso para evitar contratempos com o pai da menina.

(de "Uma Igreja da Amazônia Em Conflito Com o Latifúndio e a Marginalização", de Pedro Casaldáliga, 1971).



da Eucaristia com aquele regime de escravidão que nas fazendas se dava. Quando falo em escravidão estou me referindo aos peões.

E a palavra não é metafórica. A própria Polícia Federal no inquérito que em parte se fez público, contra a Codeara, publicado nos jornais do país (fevereiro de 1971 - N.R.), denunciava o caso dos peões da Codeara como o maior caso de escravidão branca em toda a História do país.

Um historiador tem dito que os historiadores atuais do Brasil têm a vantagem de poder viver, numa época só, todas as épocas da História humana. Época da escravidão, época do feudalismo e as últimas épocas da História Moderna, da História atual.

Escravidão e Feudalismo foram o título "Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso" do primeiro relatório mais completo que mandei à Presidência da República, ao Ministério do Interior, ao Ministério da Agricultura, acho que ao Ministério da Justiça, ao Governador do Mato Grosso, à Presidência da CNBB e ao Núncio do Papa. Aliás, o Sr. Núncio me respondeu elogiando a preocupação pastoral... mas me pedindo que evitasse que o relatório aparecesse na imprensa do exterior, porque poderia ser utilizado para denigrar a imagem do Brasil. (Eu tenho enterrado vários peões nesse cemitério de São Félix, algumas vezes sem caixão, muitas vezes sem nome, um simples apelido de "Baiano" ou Zé ou Pretinho, etc...)

Não podíamos agir nas fazendas. Não tínhamos condições de resolver nenhum problema trabalhista dos peões, que ainda hoje continuam praticamente à margem das leis trabalhistas do país. Mas podíamos gritar, devíamos denunciar.

## Um livro que já foi público

Publiquei o livro, Uma Igreja da Amazônia Em Conflito Com o Latifúndio e a Marginalização Social em 23 de outubro, de 71. Pelo menos fizemos questões de que não fosse um livro teórico, apriorístico. A gente documentou seriamente o livro, e até agora ninguém, nem de organismos oficiais nem de donos ou particulares nos contestou aqueles dados. O livro é suficiente para ter uma idéia clara e profunda e dramática do que até aquela hora vinha sendo esta Amazônia Legal, mais concretamente esta região da Prelazia de São Félix. Porque nos limitamos praticamente ao que se referia à nossa região.

Esse livro já foi público. E esse livro já desencadeou uma perseguição, um repressão que nunca mais se fechou. Que foi crescendo até os momentos que estamos vivendo do intento de expulsão do país. O próprio general Canepa, naquela hora chefe da Polícia Federal me disse que se viu obrigado a proibir o livro. O Estado de São Paulo publicou um editorial violento, outros jornais do país reagiram de modo diferente, o Jornal do Brasil reagiu com um editorial bastante digno. O próprio presidente do Inca, naquela hora Moura Cavalcanti, aceitou as colocações e considerou que o livro era uma contribuição às preocupações do Inca. Falando em Moura Cavalcanti, falando em Inca, falando no Ministério da Agricultura, devo dizer que naqueles tempos, sobretudo quando já estourou em termos mais definitivos o conflito Codeara - Santa Terezinha o ministério da Agricultura estava em evidente tensão com o Ministério da Fazenda. Delfim Neto contra Cirne Lima. E acho que essa tensão favoreceu os nossos gritos, as nossas pretensões em favor deste povo. E em parte, se os posseiros de Santa Terezinha conseguiram alguma coisa mínima e ainda não definitivamente outorgada, talvez se deveu a essa tensão.

O confronto Codeara posseiros de Santa Terezinha vinha se criando fazia uns anos já. Mais concretamente a partir de 66, quando a Codeara como tal tomou conta da fazenda.

O padre Jentel tentou de muitos modos e maneiras dialogar, apelar para autoridades de diferentes organismos. E nunca conseguiu uma solução. Chegou um momento que depois de terem sofrido,

# "Agora vai ter até Bradesco, esse predio mais alto aí

CONTINUA

do, como consta em documentos mandados por nós para diferentes autoridades do país, depois de terem sofrido os posseiros os máximos vexames de parte da Codeara... roças queimadas... cercas, casas derrubadas, queimadas, animais dos posseiros castrados, posseiros perseguidos, ameaçados. A jagunçada apavorando o povo.

Chegou um momento em que a Missão, eu já sendo bispo, decidiu construir um ambulatório dentro das ruas de Santa Terezinha. Desde o início a Missão tomou conta do setor Saúde por causa de que não havia nenhum posto de saúde, nenhum tipo de assistência oficial em Saúde e nenhum hospital na região toda (fora o Hospital do Índio em Santa Izabel da Ilha do Bananal), em condições muito tristes sempre, pelo menos no que se refere ao atendimento.

Nós tínhamos um terreno, que já era de propriedade da antiga Prelazia de Conceição do Araguaia. Estávamos plena-

mentar novamente pelo menos apavorar aos pedreiros, pedi ao padre Jentel que comunicasse ao povo o que significava a construção do ambulatório. Que tomassem consciência. Não era evidentemente do interesse dos elementos da equipe pastoral; era uma obra em favor do povo.

O povo por iniciativa própria entendeu essa colocação. E com bastante ingenuidade se propôs defender a construção. Seguramente, nem eles nem nós imaginamos que a Codeara fosse reagir como reagiu.

Estava um grupo de sertanejos, posseiros, 15 naquela hora, com sua miseráveis armas, sustentando, garantindo, acobertando o trabalho dos pedreiros na nova construção do ambulatório, atrás, num bananal, dentro de uma **sanja** que foi considerada depois dramaticamente pela polícia, como sendo uma trincheira, né, de alguém que já tivesse feito estudos de estratégia militar,



mente legitimados para construir um ambulatório na rua. O povo estava sendo atendido a 1 quilômetro e meio da cidade, na antiga casa da Missão, lá no morro, perto do Araguaia e significava uma dificuldade tanto para os doentes quanto para a enfermeira.

Começamos a construir o ambulatório.

A Codeara sentiu que a construção de um prédio da Prelazia significava como que atentado contra sua cobiça de se apoderar da cidade toda de Santa Terezinha e transformá-la praticamente em sede da fazenda. Se a Prelazia se estabelecia dentro da rua, com prédio próprio, os outros moradores se sentiam fortalecidos, como que garantidos.

E, os pedreiros em santa paz, chegaram os jagunços da Codeara e com trator de esteira derrubaram a construção iniciada, os montes de alvenaria acumulada lá perto, tijolos, telha e entupiram um poço do quintal que dava água a vários moradores da rua.

Padre Francisco veio me procurar. O caso Codeara era um caso significativo entre os muitos na região e em muitas partes de toda a Amazônia.

Eu dei ordem ao padre Jentel de que se reiniciasse a construção. Não tinha sentido aceitar um tipo de desafio brutal, absurdo, contra toda a Justiça, contra todo o Direito, contra toda a Lei. Agora, pressentindo que a Codeara pudesse

de guerrilha, sei lá. Fizemos questão de demonstrar que o Padre Francisco teria estado na Argélia, enfim, não sei (risos)... quando posso demonstrar que padre Francisco nunca jamais atirou nem para matar um pássaro.

Chegaram! novamente os carros da Codeara, desta vez não só jagunços, estritamente jagunços, mas também com a polícia. Polícia Militar.

Vários, inúmeros e 2 capitães. O capitão Moacir comandando a operação. E carregando consigo um telegráfico do chefe da segurança que significou para nós uma revelação. Deveremos prender os pedreiros. E quando os primeiros jagunços entraram na área da construção os posseiros surpreendidos beatificamente descascando lima naquela hora começaram a atirar. E feriram alguns dos assaltantes.

## Um Visita Ameaçadora Na Aldeia Tapirapé

No dia 29 de setembro de 1975 chegaram à aldeia Tapirapé a Dra. Gisela, geóloga, o Dr. Alceu, do DGPC e o Sr. Quirino, agrimensor, todos da Funai, acompanhados do Dr. Eduardo, um dos Diretores da Companhia Tapiraguia e do chefe do Posto Indígena, Sr. Juraci Andrade.

NESTE NATAL LEMBRE-SE DE NÓS.  
COMPRE EX-17 ESPECIAL (\$ 10,00)



# COMPRE 2,3, COMPRE 1.000 EX-17 \$ 10,00 (ESPECIAL)

## "Faço tijolo. E vou vivendo. Como muitos aqui, faz muito tempo."

SEBASTIÃO DO PIAUÍ

Essa visita foi notoriamente desrespeitosa e agressiva. Para os índios, para as Irmãs (missionárias há 20 anos morando com os Tapirapé - N.R.) e para o casal de professores da aldeia. Uma visita de tipo policial, para impor a arbitrariedade e criar confusão e medo.

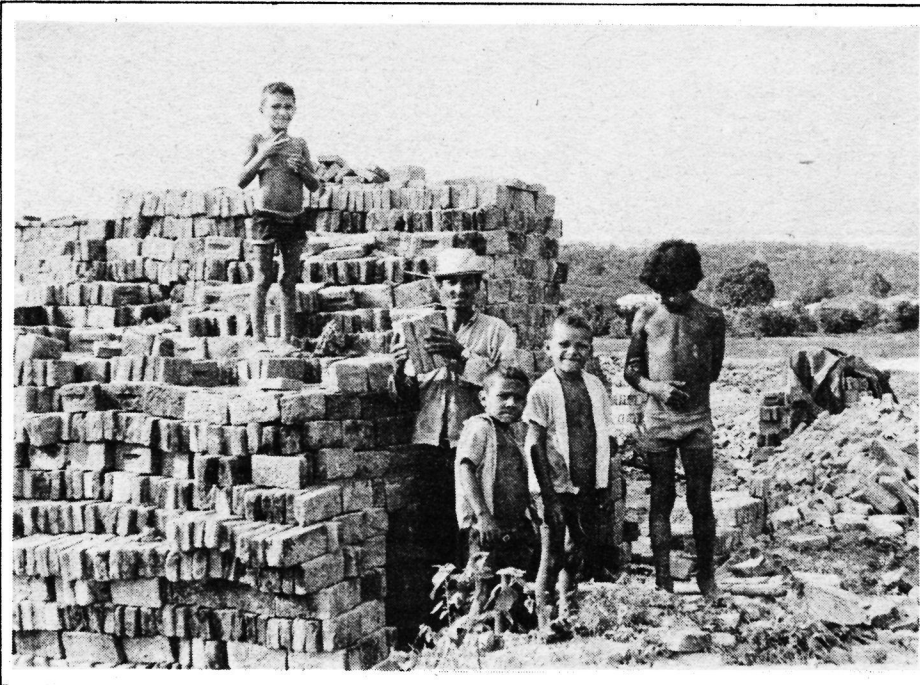
Os representantes da Funai afirmaram categoricamente que a Missão só devia se preocupar com o trabalho espiritual, sem se envolver com os problemas de terra: e o representante da Fazenda Tapiraguia se permitiu definir a área de terra que os Tapirapé precisariam no futuro, dizendo que o Parque do Araguaia foi feito também para eles.

A partir dessa repressão - prisões, inquéritos que todos tivemos que responder, eu mesmo pessoalmente respondi durante 16 horas o inquérito presidido pelo bacharel Francisco de Barros Lima, atual Chefe da Polícia Federal de Goiás... a partir, digo, dessa invasão vandálica, desse inquérito, nunca jamais a

mesmo, patrocinado aliás pela Bradesco. É significativo destacar esse dado. Todos sabemos, todos os que estão mais ou menos sabendo dos submundos, dos interesses no Brasil, todos sabemos das ligações da Rede Globo no país e fora do país. E Bradesco tem uma grande fazenda no sul do Pará. Como tem a Volkswagen. E esses grupos, Bordon, Suiá-Missu, Reunidas, Codeara significam em termos de programa oficial, no Polo Amazônia, a um setor só: é o 1º Polo Amazônia. Já mais significativo também porque na área que abrange o Mato Grosso segue os limites estritos da Prelazia de São Félix.

Muitos sentiram que a campanha de difamação através da TV Globo, fazia parte da campanha da expulsão. Preparando o processo de expulsão. E, sucessivamente, os dados foram multiplicando e se configurou realmente esse processo.

A polícia foi criando um clima de boa-



repressão cessou. Foram se cortando todas as nossas possibilidades de trabalhar no ensino oficial, no setor Saúde oficial também.

Celebrou-se em fins de junho, em Goiânia, o Encontro de Pastoral da Amazônia, sobre o problema terra e migração. Esse encontro, de fato, praticamente foi iniciativa da gente. Mas assumido oficialmente pela CNBB, e pela sessão brasileira da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz. Foi um encontro público, ninguém quis fazer segredo, íamos discutir com todo realismo um problema que interessava ao país, a migração e a terra na área toda da Amazônia legal e de retruque em outros setores do país não-amazonico.

Surpreendeu-nos a todos ver como a repressão caiu sobre o Encontro em termos de alarme. Dom Fernando, outros bispos, outro pessoal participante, foram seguidos nas ruas de Goiânia pela polícia, a imprensa foi drasticamente proibida de publicar, uma jornalista do New York Times dizia que nunca jamais na vida profissional em nenhum canto do mundo se encontrava com um esquema de segurança tal como o da chegada dela no aeroporto de Goiânia aquele dia. Uma identificação rigorosa.

No 2º dia do Encontro, a Tv Globo lançou o 1º programa em caráter nacional, de difamação da gente. Veio um 2º e um 3º, este no programa Fantástico, de domingo, de característica nacional

to, de procura de fotografias, de ameaças contra nós. Alguns oficiais de polícia chegaram a me dizer que o bispo e os padres só podiam ser resolvidos à base do tiro. Se tentou entre os posseiros que fizessem um abaixo-assinado dizendo que eu os tinha incitado, de maneira semelhante a Santa Terezinha, a um conflito armado.

A Nunciatura, mandando uma advertência contra os meus poemas, me indicava a possibilidade de eu ter que sair um dia desta região, do país.

Gosto, dramaticamente, e concordo plenamente, da afirmação de dom Paulo Evaristo, que o máximo problema pastoral do Brasil nesta hora é a migração. A migração de norte a sul. No Nordeste, no Centro, na Amazônia toda, em São Paulo, no Rio e no sul do país. Ou como ponto de partida, ou como passagem, ou como ponto de chegada e de conflito último nos grandes conglomerados de marginalizados e marginais que se concentram já de modo impossível, absurdo e fatal, nas grandes cidades.

Imediatamente depois do Encontro Pastoral da Amazônia celebramos a 1ª Assembléia Nacional Indigenista, um ato importantíssimo que coroava um dos trabalhos pastorais mais sérios e mais eficientes da Igreja do Brasil estes últimos anos. O trabalho do Cimi (Conselho Missionário) e toda sua repercussão nas bases missionárias dedicadas diretamente às populações indígenas.

Essa 1ª Assembléia Nacional definiu as linhas de nossa Pastoral, em termos estritamente antropológicos, sociológicos, políticos, evangélicos. Até o ponto de que um antropólogo considerava essas linhas definitórias como sumamente conseguidas em termos mesmo de antropologia. E definimos também as prioridades para o nosso trabalho com a Pastoral Indígena. Imediatamente, as iras da Funai descarregaram sobre a gente também, de modo mais ou menos incompreensível. E foi durante o mês de julho que o general Ismarth, presidente da Funai, deu a ordem de proibição de minha entrada em qualquer área indígena, e de prisão, caso entrasse.

Penso que essa ordem só foi possível por causa do processo de expulsão que a vinha acobertando. Parece-me de outra parte uma ordem simplesmente absurda. Há outras figuras bem mais importantes no trabalho pastoral indigenista e há outras figuras importantes que tem tido um tipo de atrito mais conflitivo com a Funai.

Seria então problema terras, seja no que se refere a posseiros e peões, seja no que se refere a índios, seria então o interesse do latifúndio, das companhias nacionais e internacionais, o interesse das chamadas estradas de penetração, estradas de integração nacional, que em tantos aspectos desintegram a natureza, a fauna, a flora da Amazônia, desintegram as nossas populações indígenas, desintegram a alma, a roça, a sobrevivência, o futuro do povo sertanejo. E desintegram também a própria economia do país, partindo para uma pecuária extensiva, quando seria bem mais interessante que nos preocupássemos com uma agricultura estritamente nacional, popular. O padre Jentel fez um cálculo - sabia fazer cálculos certos - seguinte: se o governo destinasse 1% dos incentivos fiscais que investia pela Sudam para as grandes empresas nacionais e multinacionais (essa é a maior tristeza) o governo conseguiria dar uma cobertura de assistência básica a todos os sertanejos, posseiros da Amazônia legal, em termos de terra, saúde, escola, comunicação.

## Naturalizado pelo ipê amarelo, pela mata verde.

Para mim, o mundo todo é pátria. Em termos de homem, cidadão do mundo, e em termos de cristão, missionário. Em segundo lugar, me considero a estas alturas muito mais brasileiro que muitos brasileiros que vivem e mandam por aí. Depois de 8 anos de Amazonia tenho direito a uma espécie de carta espontânea de cidadania.

Sempre foi minha intenção me naturalizar. Quando passaram os 5 anos requeridos naquela época já estávamos em plena briga, diríamos, e não tive possibilidade de intentar. Agora, evidentemente, pareceria até um sacasmo. Por outra parte, penso que o povo já me naturalizou. É interessante destacar por ocasião dessa notícia do processo de expulsão, quando tentávamos explicar, conscientizar o povo dessa região a respeito do que isso significaria, das causas, das consequências, no momento em que a Irmã estava explicando numa celebração num bairro aqui de São Félix, a Lagoa, que se me queira expulsar não como bispo, para não entrar em conflito com a grande Igreja, senão como estrangeiro, um velho sertanejo cortou a Irmã e olhou para mim e para o padre espanhol, Pedro Mari Sola, vigário de São Félix, olhou e nos disse em voz alta: "Eu aqui não conheço estrangeiro nenhum. Continue, irmã".

Me sinto, digo, com carta de cidadania. Acho que me naturalizei no que tem de bom e no que tem de difícil neste país e nesta região. Me naturalizei na luta do povo, no conflito da terra, nas angústias, nos processos, na prisão, nas ameaças de morte, me naturalizei dando mais que uma vez a vida, sabendo que podia ser matado de um modo ou de outro.

Me naturalizei no carinho que sinto por este povo, por esta natureza, esta floresta, esses pássaros do Araguaia, esses peixes. Sinto o ipê amarelo e o verde da floresta como uma bandeira à qual tenho pleno direito, e não preciso de outro tipo de documentação, por hora.

Vim aqui para viver aqui, para trabalhar aqui, para morrer aqui,



# A MATA É MAIOR



## Cemitério de Sertão

Para descansar  
eu quero só  
esta cruz de pau  
com chuva e sol,  
estes sete palmos  
e a Ressurreição!  
Mas para viver,  
eu já quero ter  
a parte que me cabe  
no latifúndio seu:  
que a terra não é sua,  
seu doutor Ninguém!  
A terra é de todos  
porque é de Deus!  
Para descansar...  
Mas para viver,  
terra eu quero ter.  
Com Incra ou sem Incra,  
com lei ou sem lei.  
Que outra Lei mais alta  
Já a Terra nos deu  
a todos os pobres  
sem voz e sem vez;  
que os filhos da gente  
são gente também!  
Para descansar...

Mas para viver,  
Terra exijo: ter  
Dinheiro e arame  
não nos vão deter.  
Mil facões zangados  
cortam pra valer.  
Dois mil braços juntos  
cercam terra e céu.  
Para descansar...  
Mas para viver,  
terra e liberdade  
eu preciso ter.  
E não peço esmola  
nem compro o que é meu.  
A Sudam e o diabo  
podem se vender:  
gente não se vende,  
nem se compra Deus!

## América Nuestra!

América India Todavía  
madre en la Libertad Y en la Sabiduría!  
América Ayer Española  
romántica novia!  
América Libre Nueva Manaña  
hermana!

## Epilogo Abierto

Yo me atendo a lo dicho:  
La Justicia,  
a pesar de la Ley Y la Costumbre,  
a pesar del Dinero y la Limosna.  
La Humildad,  
para ser yo, verdadero.  
La Libertad,  
para ser hombre.  
Y la Pobreza,  
Para ser libre.  
La Fe, cristiana,  
para andar de noche,  
y, sobre todo, para andar de día.  
Y, en todo caso, hermanos,  
yo me atengo a lo dicho:  
la Esperanza!

de "Tierra Nuestra, Libertad",  
de Pedro Casaldáliga, Buenos  
Aires, 1974

TEXTO E FOTOS DE ALEX SOLNIK,  
ENVIADO ESPECIAL





# Hamilton Almeida surpreende plenário da XXXI Assembléia Anual da Sociedade Interamericana de Imprensa e denuncia pressões econômicas!

# ESTADÃO QUASE ESMAGA EX.

  
**O ESTADO DE S. PAULO**

ASS. DI. 2 48/75

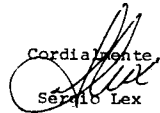
04 de Julho de 1975.

Ilmo. Sr.  
Paulo Patarra  
EX-EDITORA LTDA.  
R. Santo Antonio, 1043  
Bela Vista - S. Paulo

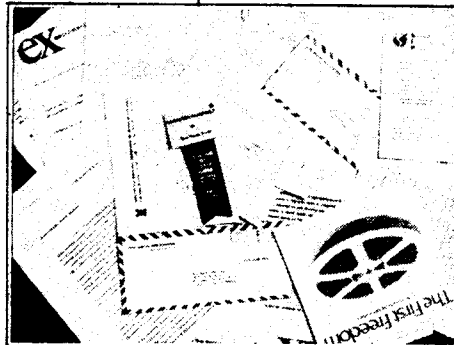
Prezado Senhor,

Anexo a esta, estamos lhe enviando o orçamento para produção gráfica do jornal "Ex", conforme solicitação por nós recebida.

Sendo só por ora, colocamo-nos a seu dispor, no aguardo de sua breve resposta.

Cordialmente  
  
Sérgio Lex

c.c.: Dr. Luiz V.C. Mesquita



## Saudações jornalísticas,

Sabe com quem estamos falando?

Somos um grupo de 20 jornalistas que, em forma cooperativa, formamos uma editora - Ex - Editora Ltda. - nesta cidade. Esta empresa edita o jornal mensal Ex-, 48 páginas, a \$6 (quase um dólar) o exemplar, tiragem 30 mil exemplares, colocados em 500 cidades brasileiras pela Distribuidora Abril Cultural e Industrial S.A. Venda média dos últimos 3 números: 18 mil exemplares, o que - segundo nossa Distribuidora - significa um público de 72 mil leitores. O jornal Ex mensal, no seu 2º aniversário em novembro próximo, chega ao nº 16.

Em nossa empresa, cooperativamente, o trabalho profissional do grupo de jornalistas é o capital primordial. No contrato social da Ex- Editora Ltda. dois nomes representam o grupo: Paulo de Carvalho Patarra e Hamilton Almeida Filho; e o capital declarado é de \$10 mil. Os mais antigos do grupo são jornalistas no mínimo há 15 anos, tempo em que vêm lutando pela liberdade de imprensa, como profissionais empregados nos mais variados órgãos editoriais do país. Muitos de nós participaram dos maiores lançamentos jornalísticos do Brasil nos últimos 12 anos:

1 - em 1964, **Notícias Populares**, jornal popular, hoje o matutino de maior circulação em bancas no estado de São Paulo.

2 - em 1965, o semanário **Edição de Esportes**, da empresa **O Estado de S. Paulo**, cujo diretor, Julio Mesquita Neto, é o atual presidente da AII.

3 - em 1966, o **Jornal da Tarde**, vespertino da mesma empresa, dirigido pelo irmão do presidente da AII, Ruy Mesquita.

4 - em 1966, a revista **Realidade**, mensal, da Editora Abril, que atingiu a maior venda avulsa em publicações brasileiras

do gênero de reportagens, na última década (em torno de 500 mil exemplares).

5 - em 1968, a revista semanal de informação **Veja**, da mesma editora Abril, atualmente a de maior circulação no país, em sua categoria.

6 - em 1970, **Placar**, ainda da Editora Abril, única revista semanal de esportes em circulação no país, com tiragem superior a 100 mil exemplares.

7 - em 1970/72, **O Bondinho**, primeira revista-guia da cidade (SP), ganhador em 1971 do prêmio Esso de Contribuição à Imprensa; **Jornalivo**, livro vendido em formato tablóide, em bancas - livros a preço de banana e com tiragens que chegaram a 100 mil exemplares; **Palavrão**, revista semanal de entretenimento; **Revista de Fotografia**, mensal, que atingiu venda de 20 mil exemplares; **Foto-Choque**, jornal de reportagens e pesquisas fotográficas; e **Grilo**, revista de história em quadrinhos. Todas publicações de **Arte & Comunicação Editora**, a primeira empresa independente que o grupo fundou. A A & C Editora foi à falência em maio de 1972, por ação mais tarde considerada extralegal em juízo de poderoso grupo editorial.

8 - em 1972, no Rio de Janeiro, a revista semanal de economia e mercado, **Cifrao**; e a revista quinzenal de televisão **Cartaz**; as duas da Rio Gráfica Editora.

Ao longo dessas experiências enfrentamos, infelizmente, uma das fases mais negras da história da imprensa brasileira, principalmente no tocante à liberdade de expressão. A Censura marca toda a década de 60 e talvez tenha a sua atuação inicial mais acentuada nos episódios políticos que sucederam à renúncia do Presidente Jânio Quadros, em 1961. Nessa época o então Governador do Estado da Guanabara, Sr. Carlos Lacerda, (hoje com os direitos políticos cassados por Ato Institucional) exerceu a censura prévia em várias redações e chegou a apreender edições de jornais no atual

## Jornalista mata a cobra e mostra o pau: eis a carta em que O Estado enviava orçamento para imprimir o Ex.

Estado do Rio de Janeiro. A partir de 1968, começa o ponto alto deste processo. Coisa de que a Comissão de Liberdade de Imprensa do AII com certeza continua recebendo notícias de sobra. E ainda nesta XXXI Assembléia Anual, em relatório do Sr. Edgard de Silvio Faria, representante brasileiro à Comissão, é solicitada a examinar mais um desses casos.

Quase consequentemente, ao longo dos últimos 7 anos, assistimos à desnacionalização da imprensa nacional, ao aviltamento do mercado de trabalho e à restrição da informação com o beneplácito ou omissão dos próprios donos de empresas jornalísticas, aqui representados pela Comissão Organizadora desta Assembléia, a 2ª. que se realiza no Brasil. Jornais foram fechados, jornais foram agrupados nas mãos de um só proprietário; grandes editoras se firmaram à custa de publicações feitas com material estrangeiro, "enlatado". Em consequência, menos gente por redação para executar o mesmo trabalho; o que, acrescido dos milhares de formandos anuais lançados no mercado pelas Escolas de Comunicações, também contribuiu para o achatamento salarial da classe.

O que provocou tudo isso? A mudança de qualidade da informação na imprensa brasileira.

"Onde o poder domina a comunicação, morre o jornalismo, vive o comunicado", define Paulo Patarra.

Seja o poder político, seja o poder econômico, acreditamos todos.

Até aqui, fomos os anônimos trabalhadores da imprensa brasileira. Ao nos decidirmos fundar a Ex - Editora, no pressuposto de que para exercer uma imprensa mais livre teríamos de ir nos apropriando de todos os setores da nossa produção, inclusive gerir econômica-

mente os nossos produtos, passamos a sentir uma forma mais sutil - porém tão esmagadora - de censura. A do poder econômico, simplesmente.

Nossa história. Histórias.

Os primeiros 7 mil exemplares do Ex- foram colocados em 250 bancas, só na cidade de São Paulo (5 mil bancas), em carros dos próprios editores, e por suas próprias mãos. Era a única saída. Não havia crédito para as despesas industriais, por falta de tradição comercial da firma. Os mesmos motivos excluíram qualquer possibilidade de anúncios, pelo menos a curto prazo. O capital possível era o resultado das vendas nas bancas. E assim, não havia saída se não controlar o fundamental setor de qualquer publicação a distribuição.

Este expediente - fazer e distribuir o jornal - foi usado até o número 4. Vendíamos a média de 4.500 exemplares. O que, diante do panorama da circulação real na cidade (alguns jornais do grupo Folhas vendem aquém de 10 mil exemplares nas bancas), representava um bom índice de penetração e numa faixa de público de qualidade. Nos definimos como "Um jornal de texto, foto, quadrinho e imprensa", e fomos capazes de reunir e publicar materiais como a morte de Allende por García Marquez; a primeira reportagem sobre Cuba escrita por jornalista brasileiro nos últimos 10 anos; uma reportagem dentro da cadeia; além de textos e entrevistas de Wilhelm Reich, Cortázar, Jane Fonda, Eduardo Galeano, Miguel Urbano Rodrigues, Caetano Veloso, João Antonio, Erich Fromm, José Celso Martinez Correa, Getúlio Vargas, Samuel Wainer, Ruy Mesquita, Dom Paulo Evaristo, cardeal Arns, de São Paulo e Raimundo Pereira, de Movimento.



Quando estávamos nos firmando, o número 3 - cuja capa antecipava o fim de Nixon - foi apreendido pela Polícia Federal (SP), cumprindo "ordens de Brasília" (fato relatado à AII, em janeiro de 1974). A partir daí, o boicote já normal das agências de publicidade ganhou mais força, em razão da insegurança: vai sair o próximo Ex-? Entre o número 4 e o 5, houve um espaço de quase 4 meses. Um atraso de 300% para uma revista mensal. Mesmo assim, chegamos ao número 11 tirando 10 mil exemplares, agora colocados em banca por uma distribuidora. Nossa venda máxima já tinha atingido os 8.500 exemplares. Estávamos no 18º mês de existência, mas no número 12.

Resolvemos concentrar forças, diante do que a experiência nos tinha mostrado: continuávamos sobrevivendo. Participante do grupo em várias experiências passadas (Realidade, Placar, Cartaz etc.), Paulo Patarra recebeu um convite para deixar seu cargo de gerência do Centro de Criação da Editora Abril e assumir a revista Visão, do grupo Hidroservice, de Henry Maksoud. E recusou. Mas aceitou passar a participar do Ex-, aonde chegou trazendo uma "injeção" de 50 mil cruzeiros, resultado de seus vários anos de trabalho dirigindo inúmeros projetos editoriais, para que pudéssemos dar novo passo - conforme historiamos no editorial de nosso número 12 (que anexamos). Lá dizíamos:

1. O primeiro número do Ex (ex-Grilo) saiu em novembro de 1973: jornal mensal, 32 páginas, 7 mil exemplares, distribuição própria, \$5. Hoje, 19 meses depois, chegamos a 12ª edição: 40 páginas, 20 mil exemplares, distribuição nacional (Superbancas), insistindo em ser jornal mensal e (pior pra todos) precisamos subir o preço de capa para \$6. Você vai desistir ou continuar responsável pela nossa existência?

2. O volume de publicidade, em 12 números, nunca ultrapassou 3 páginas por edição, sendo que 50% dos anúncios por nós impressos são permutas. O melhor preço de uma 4ª. capa do Ex alcançou \$4,5 mil (Homem, próximo lançamento mensal da Abril, cobra \$42.410). Em outubro de 1974, data da nossa última tabela de preços para publicidade, dizíamos: "Continuamos abertos e o nosso ramo é este. Só que nunca fizemos negócio - sempre jornalismo. Mas quem sabe fazer negócio não são vocês, publicitários? Se vocês são leitores do Ex, porque não ajudam a gente vender?" Sobrevivemos na banca.

Tempo depois, viamos nossa tese coincidir com a do jornalista Júlio de Mesquita Neto, o presidente em fins de mandato da AII. Ele afirma, em Visão de 13 de outubro passado:

"Para mim, a independência editorial de um jornal está sujeita à sua independência econômica, mas essa independência econômica só pode provir única e exclusivamente de duas fontes de renda: a venda de anúncios e a venda dos exemplares do jornal."

Quanto aos problemas políticos, nosso editorial do mesmo número 12 dizia: "Ao contrário de tantos, nada temos a acrescentar sobre censura ou abertura. Nós continuamos os mesmos. A censura também."

Tínhamos aumentado a tiragem em 100%, neste número 12: 20 mil exemplares. Vendemos 10 mil. As possibilidades de crescimento continuavam abertas. Coincidentemente, a distribuidora Abril, a maior do país, aceitava passar a distribuir o Ex- e, por acreditar na publicação, solicitava novo aumento de tiragem: mais 50%, ou 30 mil exemplares. Aceitos no mercado, cada vez mais inseridos nas regras comerciais e editoriais, com um começo de capacidade de crédito, fomos procurar o máximo de qualidade gráfica-industrial e, se possível, a um preço menor.

Nossas pesquisas na praça de São Paulo nos levaram à S.A. "O Estado de S. Paulo", por indicação do editor de "Ordem do Universo", tablóide independente de Brasília, DF, impresso por aquela empresa. Após alguns entendimentos verbais iniciados em fins de junho passado, a 14 de julho o assessor da Diretoria Industrial de O Estado, sr. Sérgio Lex, endereçava a Paulo Patarra detalhado orçamento (anexo), onde estavam previstas inclusive as condições mínimas para a assinatura de um contrato anual. E, exultantes, constatávamos que, além da qualidade de impressão, tínhamos

diante de nós "o melhor orçamento que o Ex- jamais conseguiu, 24% mais barato que qualquer outro preço conseguido" - escreveu Paulo Patarra informando este relatório, que hora apresentamos.

Uma semana depois, por telefone e em seguida pessoalmente, a Ex-Editora comunicou ao sr. Sérgio Lex que tinha interesse em comprar os serviços gráficos da S.A. "O Estado de S. Paulo".

A pedido, a Ex- Editora Ltda. entregou uma coleção do Ex-, do nº 7 ao nº 12, e vários papéis - contrato social, lista de informações bancárias e comerciais, etc. - ao sr. Sérgio Lex, que em menos de uma semana dizia que estava tudo OK. Havia apenas um detalhe: a confecção de um contrato de prestação de serviços por um ano, como era desejo da Ex- Editora, levaria alguns dias, mas não havia problemas: o próximo número, o Ex- 13, poderia ser impresso através de uma operação comercial isolada, já aprovada verbalmente (fatura para pagamento em até 7 dias a contar da data de impressão, v. anexo).

Uma reunião marcada para o dia 14, uma segunda-feira, foi adiada para o dia 17 de julho. Seria um encontro entre editores do Ex- e a Assessoria Industrial de O Estado, para troca de instruções quanto à marcação de originais, diagramas, fotos, etc. Dois prazos já tinham ficado marcados, porém, no dia 14: 1º de agosto, para a rodagem do Ex-13; e 2 de setembro, para o Ex-14.

No dia 17 de julho, às 16 horas, Paulo Patarra e outros 3 editores foram a O Estado, receber instruções. "Para o Ex- e para o engenheiro Sérgio Lex", informa Paulo Patarra, "era líquido e certo que o Ex- passaria a ser impresso no Estadão". Então, veio o desfecho. Conta Paulo Patarra:

- No dia 17 de julho, às 16 h, Sérgio Lex, sem graça e todo atrapalhado, informa aos editores do Ex- que "a direção de redação da empresa vetou a impressão do Ex-, por não concordar com a linha editorial do mesmo". Indagado quem era essa "direção de redação", respondeu: "O Júlio Neto e o Ruy". Não havia apelação. Era veto da "SIP".

O desabafo de Paulo Patarra traduz o ponto culminante de nossa estupefação e indignação, que por coerência jamais poderíamos deixar de trazer em nosso relatório à Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação, na XXXI Assembléia Anual da Associação Interamericana de Imprensa, quando deixa a presidência do organismo o jornalista brasileiro Júlio de Mesquita Neto, diretor-proprietário da S.A. "O Estado de S. Paulo".

Nós entendemos que a luta pela liberdade de imprensa é, hoje, em todo o nosso continente, uma trincheira única. É a primeira vez que participamos de uma Assembléia Anual da AII, como sócios ativos. Assim fizemos por entender também que, só aqui, na Associação que congrega quase mil proprietários de empresas jornalísticas do continente, poderíamos suscitar o debate que ora propomos: que ética conduziu a decisão da S.A. "O Estado de S. Paulo", ao recusar-se a imprimir o jornal Ex-, alegando discordâncias subjetivas quanto à sua linha editorial?

(A "omissão de socorro" dava-se num momento delicado para o jornal Ex-, que a 2 de julho era avisado de que estaria sob censura prévia a partir de seu próximo número, o 13. A notícia chegou a ser dada pelo New York Times de 9 de julho; assim como pelos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. Felizmente, nosso jornal tinha sido reexaminado pela Censura e, no dia 7, nos comunicavam que não estaríamos mais sob censura prévia. Desde aí, não tivemos mais nenhum problema extra-ordinário com censura. Os jornais O Estado de S. Paulo e o Jornal da Tarde não noticiaram a retirada da censura; apenas dois jornais cariocas, Jornal do Brasil e O Globo, deram a notícia com igual destaque dado à primeira. Chegando nesse momento, a recusa de O Estado de rodar o Ex-13, coisa dita como certa, teve quase a equivalência da apreensão de uma edição: atraso de saída em banca, elevação nos custos gráficos-industriais conseguidos às pressas, além do desgaste do único capital líquido e certo com que a Ex- Editora conta: o trabalho).

Em cima desse raciocínio, voltamos a perguntar: por que não se inclui a censura econômica, que aqui caracterizamos como "omissão de socorro", como uma das causas do cerceamento da liber-



## Júlio de Mesquita Neto, de O Estado: "Eu não sabia de nada."

**Terminada a leitura do documento apresentado pela Ex- Editora, o diretor de O Estado declarou ao plenário que desconhecia a recusa de sua empresa em imprimir o Ex. "Esse tipo de negócio não chega até a mim", afirmou Júlio Mesquita Neto, acrescentando que ia apurar para saber de quem teria partido o veto contra o Ex.**

dade de imprensa e informação, a serem combatidas com o mesmo rigor por esta Associação? Ao propor o tema para debate, o jornal Ex- e o grupo de jornalistas independentes que detêm sua propriedade querem desvendar o caminho em que se combate a censura econômica com algum vigor. Em qualquer forma como se apresente: manipulação de verbas de publicidade por parte de governos (caso em que se envolveu, como vítima, o próprio O Estado no governo estadual de Laudo Natel; ou como no exemplo de La Prensa, de Buenos Aires, que recentemente perdeu toda a publicidade oficial, por ser um jornal de oposição); discriminação de veículos na distribuição de verbas de grande empresas, nacionais ou multinacionais; ou até a simples negativa de rodar um jornal, como o caso que apresentamos. Para que este princípio de Paulo Patarra - "O dono da liberdade é o dono das máquinas" - deixe um dia de ser inquestionável.

Nosso relatório e proposta de debate estão apresentados. Vir até aqui custou a nós - empresa pequena que sem ajuda de ninguém sobrevive apenas à custa de seus leitores - a vultuosa soma de 120 dólares. Assumimos o ridículo de, em tão desproporcionais condições, vir propor um debate como o que expusemos nessa XXXI Assembléia Anual da AII. Assumimos a colocação emocional de

19  
nossos problemas, assim como nos sentimos traídos quando, a 16 de agosto, lemos no Jornal da Tarde a seguinte notícia:

A Gazeta Mercantil, impressa nas oficinas de O Estado.

O jornal Gazeta Mercantil passará a ser impresso, a partir do próximo dia 7 de outubro nas oficinas de O Estado de S. Paulo. O acordo entre as duas empresas, assinado no último dia 11, é o primeiro grande contrato da S.A. O Estado de S. Paulo para utilização de suas máquinas na impressão de um jornal diário de grande expressão.

Atualmente, O Estado de S. Paulo imprime, pelo sistema off-set, o Correio Agropecuário, de São Paulo; a Gazeta dos Bairros da Zona Oeste; O tablóide Ordem do Universo, de Brasília; e a revista Turfe e Fomento, do Jockey Club de São Paulo. A Gazeta Mercantil, que existe há 55 anos, passou há alguns anos por uma total reformulação - tanto gráfica quanto editorial - transformando-se em um jornal diário, especializado em negócios e economia.

Estiveram presentes à assinatura do contrato os diretores de O Estado de S. Paulo, srs. Luis Vieira de Carvalho Mesquita e José Vieira de Carvalho Mesquita, e os srs. Herbert Victor Levy e Luiz Fernando Ferreira Levy, respectivamente diretor-presidente e diretor vice-presidente da Editora Jornalística Gazeta Mercantil.

Quando acabamos de ler esta notícia, sentimos todo o ridículo da vida. E nos sentimos à vontade agora, ao encerrarmos nosso relatório-proposta de debates à Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação, para dar um título ao nosso pequeno affaire com a poderosa empresa S.A. "O Estado de S. Paulo", à maneira dos jornais brasileiros populares, hoje quase todos extintos, como numa homenagem:

"ESTADÃO

QUASE

ESMAGA EX!"

Sobrevivemos!

São Paulo, 20 de outubro de 1975.

Hamilton Almeida Filho  
Mylton Severiano da Silva -  
Sócios Ativos à XXXI Assembléia Anual da AII  
Representantes de EX-Editora Ltda.  
São Paulo, Brasil.  
Documentos anexados a este relatório:

1. Proposta Extraordinária.
2. Xerox da troca de correspondência entre EX-Editora Ltda e S.A. "O Estado de S. Paulo".
3. Idêntica coleção de jornais EX- fornecida a S.A. "O Estado de S. Paulo", mais os números 13, 14, 15, e o número 1 de outra publicação de Ex-Editora: EXTRA!

### Ex - Relatório/Anexo 1: Proposta extraordinária

1 - Considerando relatório apresentado à Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação pelo representante do Brasil nesta mesma Comissão, endereçado a seu presidente, sr. German Ornes;

2 - Considerando que em seu relatório o representante brasileiro, sr. Edgar de Silvio Faria, dentro do quadro geral da situação editorial dos países, destaca o mais grave dos casos, o de **Movimento**, tablóide semanal da Editora Edição;

3 - Considerando a independência que esta Associação pode ser orgulhar de ter ao longo de sua História;

4 - Considerando, enfim, a situação de impasse a que chegou aquele jornal;

Pedimos que seja considerada nossa proposta extraordinária: que em reconhecimento e apoio à luta que vêm travando pela liberdade de imprensa no país os jornalistas Raimundo Rodrigues Pereira e Antonio Carlos Ferreira, vítimas inclusive de inquérito político em andamento junto aos órgãos de segurança, seja-lhes concedido - ordinária ou extraordinariamente - o Prêmio SIP-Mergenthaler 1975, na categoria "Defesa da Liberdade de Imprensa".

Pedimos a adesão dos delegados desta Comissão e da XXXI Assembléia Anual da AII a esta proposta.

Saudações jornalísticas,  
Ex-Editora

São Paulo, 20 de Outubro de 1975

**ex** - EX EDITORA LTDA./Rua Santo Antonio, 1043/SP

Ao Presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação  
XXXI Assembléia Anual da AII  
São Paulo - Brasil

**Ex-Relatório/Anexo 1: Proposta extraordinária**

1- Considerando relatório apresentado à Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação pelo representante do Brasil nesta mesma Comissão, endereçado a seu presidente, sr. German Ornes;

2- Considerando que em seu relatório o representante brasileiro, sr. Edgar de Silvio Faria, dentro do quadro geral da situação editorial dos países, destaca o mais grave dos casos, o de **Movimento**, tablóide semanal da Editora Edição;

3- Considerando a independência que esta Associação pode ser orgulhar de ter ao longo de sua História;

4- Considerando, enfim, a situação de impasse a que chegou aquele jornal;

Pedimos que seja considerada nossa proposta extraordinária: que em reconhecimento e apoio à luta que vêm travando pela liberdade de imprensa no país os jornalistas Raimundo Rodrigues Pereira e Antonio Carlos Ferreira, vítimas inclusive de inquérito político em andamento junto aos órgãos de segurança, seja-lhes concedido - ordinária ou extraordinariamente - o Prêmio SIP-Mergenthaler 1975, na categoria "Defesa da Liberdade de Imprensa".

Pedimos a adesão dos delegados desta Comissão e da XXXI Assembléia Anual da AII a esta proposta.

Saudações jornalísticas,  
Ex-Editora

São Paulo, 20 de Outubro de 1975

## Ex propôs prêmio especial para Raimundo Pereira, de Movimento.

Ao Presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação XXXI Assembléia Anual da AII  
São Paulo - Brasil



# Nanicos na SIP: Defendam a gente!

Durante 5 dias, de 20 a 24 de outubro, donos de jornais de 31 países do continente, filiados à Sociedade Interamericana de Prensa (SIP), reuniram-se no Hilton Hotel (SP) para defender e fortalecer a liberdade de imprensa, mantendo a dignidade, os direitos e as responsabilidades da profissão de jornalista.

Entre os delegados brasileiros, destacou-se a atuação dos representantes dos pequenos jornais (Movimento, Pasquim,

## É fogo: pequenos fazem força mas unidade não saiu

A Polícia Federal impediu a circulação do seminário **Movimento**, na semana que antecedeu o congresso da SIP. O jornal foi impedido de ser impresso, mesmo obedecendo aos cortes habitualmente exigidos. Os agentes da censura, além disso, proibiram ao citado jornal fazer qualquer referência aos famosos contratos de risco, usar a palavra petróleo e divulgar essas proibições. Essa mesma determinação atingiu durante a semana a todos os componentes da chamada imprensa nanica. As informações foram prestadas pelos editores do jornal Movimento, Pasquim e Opinião aos congressistas.

Segundo apurou a reportagem, houve uma tentativa de união desses jornais para protestar contra o agravamento da ação da censura, mas as duas propostas apreciadas – todos os tabloides circulariam com a mesma capa ou publicariam uma carta comum no “O Estado de S. Paulo”, em espaço cedido pela direção do jornal – não se concretizaram. Os editores chegaram à conclusão de que, apesar de todos terem problemas com a censura, cada um deles tem problemas com características diferentes.

Esse fato os levou a se reunirem com o dr. Edgar de Sílvia Faria (diretor da Abril), representante da SIP no Brasil para casos de liberdade de expressão, e com o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, para relatarem o que estava se passando.

Em consequência desses contatos a ABI enviou uma carta ao Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, pedindo a revisão da atual política da censura alegando que “o poder público tem mais a temer do silêncio forçado do que do debate livre e criador”.

Opinião e Ex-), que mostraram na Assembleia as precárias condições de que dispunham para se manifestar. Hamilton Almeida Filho, representante do Ex- além de relatar na Assembleia uma outra forma de censura, a econômica – que o Ex- sofreu por parte da S/A O Estado de S. Paulo – compareceu ao plenário para propor a concessão de um prêmio especial, o SIP-Mergenthaler da Defesa da Liberdade de Imprensa, aos jornalistas Raimundo Pereira e Antônio Carlos Ferreira, do jornal Movimento, simbolizando assim um apoio da entidade a todos os jornalistas e jornais que sofrem pressões.

Hamilton Almeida Filho pediu também ao órgão máximo da SIP, a Assembleia Geral, “que fosse incluído no relatório final um apoio oficial da SIP, para garantir um mínimo de integridade, inclusive para nós, que viemos aqui mostrar os atentados cometidos contra a liberdade de expressão e as liberdades democráticas no Brasil”.

O presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação, German Ornes, afirmou ser desnecessária esta providência, pois ela já constava do relatório final da SIP.

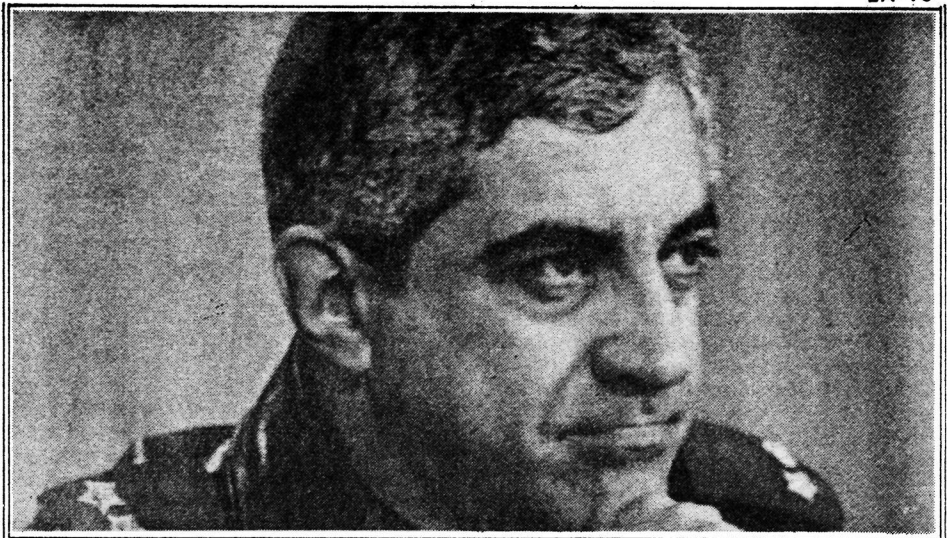
## CONDENADA FALTA DE LIBERDADE



Ornes: “Estamos numa ilha.”

Foi divulgado pela Comissão de Liberdade de Imprensa e Informação da XXXI Assembleia da SIP, na manhã do dia 24, último dia de reuniões, o seguinte relatório sobre a situação da liberdade de expressão no Brasil:

“O obstáculo maior à liberdade de imprensa no Brasil é e continua sendo a vigência de uma legislação de exceção, que permite a censura prévia a livros, publicações, periódicos ou jornais de qualquer índole. Com efeito, o dispositivo constitucional (artigo 155 § 2º, letras “d” e “e”), que permite a censura à imprensa duran-



Lacerda: “Otelo Saraiva (foto) é um dos maconheiros.”

## “Quadrilha do fumacê manda em Portugal”

O Sr. Carlos Lacerda, em palestra proferida no penúltimo dia da Assembleia – “Portugal, uma ameaça ao Ocidente?” –, afirmou que a revolução portuguesa está sendo feita com a ajuda da maconha. O ex-governador, ex-comunista e ex-jornalista afirmou que “alguns dos mais

influentes líderes do exército português agem, falam e decidem sob a influência da cannabis sativa, mais conhecida por marijuana, ou maconha – a erva liamba – um hábito de consumo adquirido durante o serviço militar na África, que foi menos de guerra do que de inércia. “A maconha – prossegue – “está na origem de muitas entrevistas e desafios. Por não saber disto os meios de informação transmitem parcialmente o que colhem, pois ninguém entende nem o aparecimento de tantos heróis sem nenhum heroísmo, nem as constantes contradições e irresponsáveis pronúncias desses irresponsáveis”.

te o estado de sítio, pode ser invocado a qualquer tempo pelo Presidente da República, em virtude dos poderes de exceção que lhe foram conferidos pelo Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968.

“Tais poderes excepcionais, no que diz respeito à imprensa, têm sido exercidos através do Ministro da Justiça, desde 29 de março de 1971. E contra seu exercício não há recurso judicial possível nem mesmo ao Supremo Tribunal Federal, já que este se proclamou recentemente incompetente para julgar atos do Presidente da República que tiverem sido postos com base no Ato Institucional nº 5.

“Além disso, outro dispositivo jurídico – a lei 1.070 – permite a censura prévia, sob a figura de “verificação prévia”, isto é, o exame, pelas autoridades subordinadas ao Ministério da Justiça, de livros e publicações, para que conste nada haver neles de contrário à moral pública e bons costumes.

“Já que não existe uma limitação legal ao exercício da censura à imprensa, a existência da liberdade de fato de que gozam muitos órgãos não atende ao reconhecimento do direito universal a ser informado. Pela mesma razão, a censura é exercida de modo desigual sobre os vários órgãos, ora com maior, ora com menor rigor; nem podem ter os responsáveis por tais órgãos um conhecimento razoável dos critérios de seu exercício.

### 1. Órgãos sob censura prévia

“Aham-se no momento sob censura prévia os seguintes órgãos da imprensa brasileira: os semanários Movimento, Opinião, O São Paulo e Veja; e o jornal diário Tribuna da Imprensa. Movimento, lançado em julho do corrente ano, foi colocado sob censura prévia antes mesmo da aparição de seu primeiro número através de notificação recebida por seus diretores do Departamento de Polícia Federal (órgão do Ministério da Justiça). Seu 15º número foi até proibido de circular, mesmo depois de ter sido censurado, pois o visto final da censura depende da apresentação à Polícia Federal de um exemplar já impresso.

### 2. Órgãos levados a processos judiciais pela censura

“a) Opinião se encontra submetido a processo na Justiça Militar, acusado de difundir propaganda subversiva. A publicação, sob sua responsabilidade, de Cadernos de Opinião, é que foi o motivo imediato de tal ação da Polícia Federal.

“b) Pasquim ficou isento da censura prévia no primeiro semestre do corrente ano. Mas está no momento respondendo a um processo na Justiça Civil, movido com base na lei 1.077, depois de ter sofrido, em março, a apreensão dos exemplares de sua edição semanal que determinaram a instauração de inquérito.

### 3. A censura a notícias sobre censura

“As instruções verbais do Superintendente em São Paulo do Departamento da Polícia Federal transmitidas a Movimento determinaram-lhe não ser permitida a publicação, em qualquer outro órgão do país ou do exterior, de notícia, nota ou comentário sobre a mais recente atitude da censura para com aquele semanário. Ficou este portanto proibido de recorrer a outrem, na imprensa, contra a arbitrariedade da censura.

“Enquanto nossa Comissão estava reunida,

recebemos um informe do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, comunicando que nesse mesmo Estado encontravam-se presos, por motivos não esclarecidos pelas autoridades, os jornalistas Sérgio Gomes da Silva, Paulo Sérgio Markun, Dileia Markun, Anthony de Cristo, Luís Paulo Costa, Ricardo de Moraes Monteiro e Marinilda Marchi.

“Após a reunião recebemos mais um comunicado, do Presidente do Sindicato Audálio Dantas, informando haver sido recebido pelo Comandante do II Exército, Gal. D’Ávila Melo. Segundo o comunicado, durante a entrevista foi discutido o problema de detenção de jornalistas, ocorrida nos últimos dias.

“O General D’Ávila Mello informou ao Presidente do Sindicato que os prisioneiros continuam a ter assistência jurídica e que sua detenção não está ligada ao exercício profissional, mas que é devida a atividades consideradas subversivas.

Se avaliarmos este fato segundo os critérios normalmente empregados para aquilatar a liberdade de Imprensa, torna-se evidente que não há Liberdade de Imprensa no Brasil.”

## EGYDIO USA MACHADO E STALIN CONTRA CENSURA

O governador paulista, Paulo Egydio Martins, instalou solenemente a Assembleia da SIP na manhã de quarta-feira (22), embora os trabalhos tivessem começado na segunda. Ele discursou ao lado do Dr. Julio de Mesquita Neto, citando, entre outros, Balzac, De Gaulle, Jaurès, Stálin e Machado de Assis. A noite, todos os congressistas foram reencontrados em sua residência, no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado, em recepção oferecida pela mordomia oficial.

Esses são os momentos mais importantes do seu pronunciamento na SIP:

– A liberdade de imprensa se poderia, com justeza, aplicar a frase de um clássico da literatura brasileira: “é uma questão preme de questões”. Sem ela a democracia jamais consegue respirar a plenos pulmões. Ao mesmo tempo, o mau uso dela quantos transtornos e riscos acarreta para a democracia, ameaçando inclusive sua própria sobrevivência.

– Quando se fala em liberdade de imprensa, todos pensam logo e exclusivamente em imprensa isenta de censura imposta pelo Estado. Para serem livres como devem e precisam ser, não basta, entretanto, que os jornais, os rádios, os canais de televisão estejam ao abrigo da censura estatal. É preciso que estejam livres, também, de quaisquer influências que deturpem, desvirtuem ou distorçam a veracidade de informação ou a honestidade do editorial, da crônica, do artigo ou da reportagem. Com isto quero apenas ressaltar como é delicada e difícil a missão do jornalista.

– Infelizmente, é da natureza humana, desambar, com frequência, para o abuso, no exercício das liberdades outorgadas ao homem, mesmo aquelas chamadas direitos fundamentais, porque inerentes à própria essência do ser racional, como é o caso do direito de livre manifestação do pensamento, no qual se radica a liberdade de imprensa. Como todas as outras, também a liberdade de imprensa está exposta a abusos de toda ordem. E haveremos de convir em que eles não são raros, estando de certa forma, na razão inversa do grau de educação e civilização dos povos. Quando mais altas, menores o número e a gravidade destes.

– Por outro lado não podemos perder de vista que os países democráticos, exatamente porque garantem as liberdades fundamentais, inclusive a da imprensa, vivem, no mundo de agora, em verdadeiro estado de beligerância. Beligerância não mais com um inimigo à vista, não mais com um inimigo externo, que o vocabulário em nossos dias ganhou novo sentido. Vivem em estado de beligerância interna. A guerra é com o inimigo que está a nosso lado, o ombro a ombro conosco, não além de nossas fronteiras, mas aquém delas, solapando as nossas instituições para impor sua ideologia forasteira. E, então, dar o golpe de morte nas instituições democráticas, enxotando todas as liberdades, à frente delas, como primeira vítima, a de imprensa, da qual se apresentaram, de início, como defensores intransigentes.

Ao terminar seu discurso, o Governador foi entusiasticamente aplaudido.

## Sensacional: Ex recebe dinheiro na Sip!

A potranca brasileira Xineta, de 3 anos, montada pelo jóquei A. Barroso, era vista no jornal de turfe “O Favorito” como uma possível suprema no primeiro SIP, corrido no 3º páreo da noturna de 5ª feira (dia 23), em Cidade Jardim. Os turfistas habituados davam a vitória para Instituição, animal que tinha feito boa carreira, nos treinos, e para Flou Joy, filha de Pass de Word e Dorothy, considerada como a de melhor porte e correndo muito em pista de areia.

O repórter do Ex barrado pelos porteiros do salão de festas por não estar convenientemente trajado para participar da recepção oferecida pela família Mesquita antes do páreo, dirigiu-se para a tribuna especial e investiu o capital de Cr\$ 10,00 em cima de Xineta, confiando na indicação do jornal especializado “O Favorito”.

O páreo foi duro. Embora Dotty Drop tenha saído na frente, perdido terreno e reaparecido em turma camarada com Intuição, sofria com Xineta colada em suas patas. Faltava a última terça parte dos 1300 metros de areião e já tínhamos certeza que essa seria a vitória mais concreta que o Ex teria na SIP: Xineta tomava dois corpos de dianteira e cruzava em primeiro o disco final, aumentando o capital de giro da nossa editora em Cr\$ 42,20.



## Derrota fragorosa de Ocian

No dia 21, terça-feira, quando a SIP discutia os casos da imprensa brasileira, Ocian Oliveira Brito, do jornal "O Liberal", do Pará, defendeu com veemência a tese de que existe liberdade de imprensa no Brasil. Suas declarações foram feitas logo depois que o Sr. German Ornes presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa e Informações da SIP ter feito seu relatório, contando com detalhes a apreensão do Jornal Movimento, os processos contra os jornais Opinião e Pasquim, de Julio Mesquita Neto ter lido carta em que a ABI pediu ao Ministro Armando Falcão a sua vização da censura e de Hamilton de Almeida ter lido o relatório da Ex-Editora.

O Sr. Ocian disse que o conceito de liberdade de imprensa total não existe e que no Brasil, hoje, "há liberdade com co-responsabilidade". Seguiu afirmando que no Brasil existe "um modelo de desenvolvimento próprio e que a liberdade que alguns órgãos reclamam não pode ser dada para não ser perturbado esse desenvolvimento". Disse também que o relatório pessimista que havia sido feito sobre a situação da imprensa brasileira "era fruto de elementos que querem que isso aqui se transforme num outro Portugal, mas isso não vai acontecer não senhores".

Na sexta-feira (24), Ocian Oliveira Brito voltou a se manifestar dizendo que os representantes da "grande imprensa brasileira" não estavam no plenário reivindicando liberdade e sim "jornais pequenos, de pouca tiragem e expressão". Foi preciso Hamilton Almeida, da Ex-Editora protestar lembrando que um jornal não se mede pelo tamanho e sim por sua coerência e honestidade.

Falando além do tempo regulamentar, Ocian Oliveira Brito propôs que o relatório da SIP sobre o Brasil fosse modificado retirando-se as críticas e incluindo-se a expressão: "Embora este país atravessa uma fase auspiciosa de liberdade de imprensa, a SPI lamenta ainda a ocorrência de restrições a esta liberdade".

A proposta de Ocian Oliveira Brito foi recusada por unanimidade.

## Mulher de preto faz escândalo no Hilton: morféticos

- Eu também quero falar: vocês jornalistas são todos uma quadrilha de ratos, ladrões morféticos, roubaram...

As declarações são de uma mulher que invadiu o plenário da Assembléia Geral, na abertura dos trabalhos da Comissão de Liberdade de Imprensa, dia 24. A desconhecida - muito bem vestida e de óculos escuros - foi imediatamente agarrada e posta na rua por dois jornalistas: o Sr. Rui Plácido Barbosa, de "O Estado de S. Paulo", coordenador da SIP no Hilton Hotel, e Mr. John Platero, da Associated Press no Brasil.

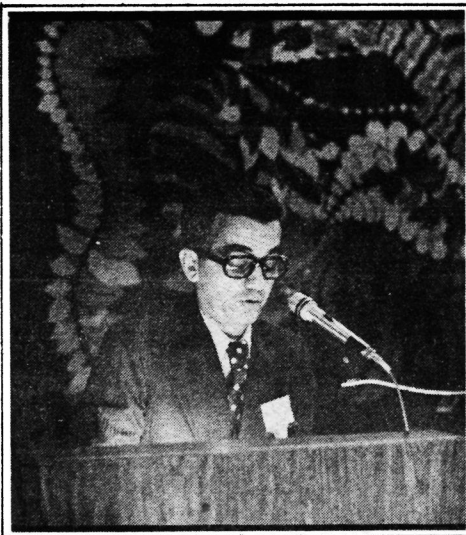
Não satisfeita, a mulher, já cercada por grande número de populares, começou a desacatar um grupo de executivos japoneses que chegava ao hotel num Galaxie preto. O do banco de trás abriu o vidro gentilmente para ouvi-la gritar: Japonês, roubar não! Roubar, não! Chega.

Depois subiu a avenida Ipiranga, uma das mais movimentadas de SP, agitando um exemplar do Brasil Herald, gritando: - Ladrões, ladrões!

## Simonsen invoca o espírito e mostra milagre

Invocando o espírito revolucionário de março de 64 até hoje, o Ministro Mário Henrique Simonsen, em sessão realizada no salão Bandeirantes, mostrou aos congressistas o Milagre Brasileiro. No mesmo dia, fazendo corrente de apoio, o Sr. Ortiz Mena, presidente do BID, mostrava sua transcendental preocupação pelos destinos da economia americana.

O Ministro Simonsen, crente tradicional da linha do pragmatismo econômico, usando seus poderes prevê que superaremos as dificuldades transitórias, "impostas pela nova conjuntura internacional".



## Estudantes anunciam censura na escola

Uma comissão de alunos da Escola de Comunicações da USP, representando 2 mil colegas, levou ao conhecimento da Comissão de Liberdade de Imprensa a notícia de que o jornal-laboratório do curso de jornalismo da Escola é mantido sob censura pelo diretor, Manuel Nunes Dias.

A mesa aceitou a denúncia, mas não permitiu a leitura integral do protesto, alegando que os demais temas abordados eram de teor político.

Os estudantes, a seguir, externaram sua preocupação com a integridade física de muitas pessoas presas, ressaltando que um grande número delas ou eram

## Velha bota as mãos nas cadeiras e é censurada

Setenta milhões de pessoas estão lá fora, bem distantes destas nossas cogitações: 30 milhões poderiam nos entender.

Alguns jovens do setor de cinema - jovens estudantes da Universidade de São Paulo - saíram pelo interior do Estado com suas máquinas colhendo depoimentos para pequenos documentários. Por mero acaso encontram uma camponesa: perguntaram-lhe se queria dizer alguma coisa. "que coisa"? perguntou ela meio desconfiada, nunca tinha visto aqueles aparelhos de filmar, aquela gen-

te. Os jovens conseguiram deixá-la sem medo, à vontade, para que dissesse o que bem entendesse. A mulher perguntou então se eles eram do governo. E sem esperar resposta decidiu-se: botou as mãos na cintura e com uma extraordinária verdade, com uma extraordinária força, que emanava dela como se emanasse da própria terra, disse no seu tom rude, que precisava, sim, dizer alguma coisa para o governo, ou melhor tinha um recado importante para o governo.

Ao invés de prestar hoje o depoimento de uma escritora que faz parte da minoria (30 milhões) eu gostaria de transmitir o recado simples e reto daquela mulher do campo que faz parte dos 70 milhões de habitantes, gostaria muito de ser portadora de seus anseios, aflições. Esperanças. Mas essas esperanças, aflições e anseios que comoveram tanto os jovens cineastas não poderão ser transmitidos porque foram censurados.

(Depoimento de Lygia Fagundes Telles, na mesa redonda para discutir a situação da mulher como profissional, organizada pela SIP).

## Pasquim ficou com inveja do crachá de Opinião

Dia 19 de outubro, domingo de tarde, que estava reservado para as inscrições, os jornalistas Fernando Gasparian, do Opinião; e Jaguar, do Pasquim, depois de conversarem meia hora com German Ornes, presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa, se aproximaram dos representantes do Ex para trocar idéias. Depois do aperto de mão, e alguns elogios à pessoa de German Ornes, Jaguar olha para o crachá de Gasparian e diz: - "Mas o seu é diferente do meu!" Acontece que Gasparian, participando pela segunda vez da SIP, era considerado na organização como um dos anfitriões, e seu crachá, além de uma fita verde-amarela, dizia: **Hostess**, enquanto que o de Jaguar, de fita amarela-pálida, dizia só: **Observador**. Durante os dois dias que Jaguar esteve por lá, não usou os microfones mas seu jornal foi citado em todos os relatórios apresentados. No Pasquim, que circulou na mesma semana, ele explicou: "vou guardar a minha boca para comer farinha."



## SIP desolada comunica: Mar não está pra peixe.

O relatório da Comissão de Liberdade e Informação da XXXI Assembléia da SIP mostra que, "no que concerne à liberdade - e muito particularmente à liberdade de imprensa - o Continente americano é, atualmente, um punhado de ilhas de liberdade rodeada por um mar bravo de opressões e ditaduras".

Segundo o relatório a situação em cada país é esta:

Argentina: enfrenta a situação de penúria econômica, continuam os fechamentos de jornais por disposição administrativa; Bahaamas: tentava do governo de intimidar e perseguir os jornais; Guianas: Não existe liberdade; Jamaica: não tem havido violação da liberdade; Trinidad-Tobago: clima de medo e auto censura, expurgo nas empresas; Bolívia não existe liberdade; Brasil: não existe liberdade (ver íntegra do relatório na pág. 20); Canadá: existe liberdade; Colombia: existe liberdade; Costa Rica: existe liberdade; Cuba: não existe liberdade; El Salvador: existe liberdade; Equador: existe legislação, que posta em prática a coloca em perigo; Estados Unidos: existe liberdade, mas os repórteres ainda estão sendo pro-

cessados para revelar suas fontes de informação;

Guatemala: não existe; Haiti: não existe; Honduras: existe; México: existe liberdade; Nicarágua: não existe e a repressão está violentíssima; Panamá: não existe; Paraguai: não existe liberdade; Peru: não existe imprensa independente; Porto Rico: tem liberdade; República Dominicana: existe liberdade; Uruguai: não existe liberdade, fecharam o jornal "9 de Febrero"; Venezuela: não existe liberdade.

## Posava de baby-doll e recebeu 30 propostas

A secretária encarregada das cópias xerox da SIP, Nice, confessou que tinha posado pra anúncios de camisolas baby-doll, veiculados na revista Grande-Hotel porque "por dinheiro a gente faz qualquer coisa". Falando à reportagem do Ex, disse que se considerava a secretá-

## Ex-Deputado ademarista ficou fora da mesa

Franco Montoro, senador do MDB, representando o Congresso Nacional, foi convidado a sentar-se na mesa da direção da Assembléia, pelo então presidente da SIP, Julio Mesquita Neto. O senador não foi o único político brasileiro da oposição a prestigiar a SIP. Também lá estiveram os deputados Israel Dias Novaes e Dias Menezes. Eles palestraram e tomaram cafezinho com os congressistas no saguão. Já o deputado arenista, homem de televisão, Blota Junior, após uma rápida caminhada com larga distribuição de sorrisos, retirou-se sem conseguir seu intento: sentar-se ombro a ombro com os dirigentes da SIP.

ria mais democrata do hotel e exemplificou:

- Só de cartão dos que usaram minha máquina copiadora, ganhei 26, em média por dia.

Sobre o número de propostas que recebeu dos congressistas, Nice não quis se manifestar.



# FOLHETIM

Onde você encontra todos  
os livros que as outras livrarias  
nem sabem que existem.

Os velhos e novos autores nacionais.

Os latino-americanos de antes, durante e  
depois da moda.

A tropa de choque do país-irmão do norte.

Novidades d'aquém e d'além-mar.

Na Folhetim você encontra sempre o livro  
que você quer.

## Folhetim

Av. Prado Júnior, 48 — loja 6 — Copacabana. Rio de Janeiro — RJ.  
Uma livraria de gente que ama os livros.

## LIVROS QUE TODO SUJEITO COM A CUCA NO LUGAR DEVE LER

SOCIEDADE SEM ESCOLAS. Ivan Illich. Ou: demolição e dissecação de uma das vacas mais sagradas. Cr\$ 32,00.

CELEBRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA. Ivan Illich. Ou: mais demolições, desta vez, porém, com dicas para uma tentativa de re-construção. Cr\$ 30,00.

A FESTA DOS FOLIÕES. Harvey Cox. Ou: só uma sociedade que tem saúde pode criticar e ironizar seus próprios valores. Cr\$ 30,00.

OS DEUS DANÇANTES. Otto Dana. Ou: CURSILHOS — pró ou contra? Sim ou não? Dança-se ou não se dança? Cr\$ 30,00.

BRASIL - RADIOGRAFIA DE UM MODELO. Nelson Werneck Sodré. Ou: dissecação de um "milagre" que não foi. Cr\$ 35,00.

O CAMPESINATO BRASILEIRO. M.I. Pereira de Queiroz. Ou: você sabe realmente do que se trata, quando se fala de campesinato brasileiro? Cr\$ 40,00.

ACELERAÇÃO E FREIOS AO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO. M.C. de Andrade. Ou: os agentes estimuladores e os que bloqueiam o nosso desenvolvimento. Cr\$ 35,00.

O "BOI-FRIA". ACUMULAÇÃO E MISÉRIA. M.C. d'Incao e Mello. Ou: grandezas e misérias de um povo trabalhador e sofrido. Cr\$ 25,00.

PINDORAMA. Francisco M. Salzano. Ou: a inocência perdida entre os coqueirais, os cafezais e a mata virgem. Cr\$ 15,00.

A LINGUAGEM DA JUVENTUDE. Monica Rector. Ou: como falam os estudantes brasileiros de hoje. Ou: língua ou dialeto? Cr\$ 40,00.

BRASIL, LABORATÓRIO RACIAL. N. Freire-Maia. Ou: existe mesmo "raça"? Onde é ela feita? Porque elas se detestam umas às outras? E no Brasil? Cr\$ 15,00.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Zilda A. Anselmo. Ou: uma pesquisa entre adolescentes de São Paulo. Cr\$ 28,00.

Todos esses livros você pode encontrar nas boas livrarias do país. Mas, por via das dúvidas, telefone para a **VOZES**, em S. Paulo, a rua Senador Feijó, 168 (Centro). Fone: 32.6890 - 33.3233. Atende pelo Reembolso.

# “Viver bem é a melhor vingança.”

*Vista uma roupa do Jeans Store  
e fique muito à vontade  
para interpretar a frase como quiser.*

(G. Murphy.)



São Paulo: Alameda Lorena, 718 - Rua Iguatemi, 45; Alameda Jaú, 1423 - Rua Maria Antônia, 116 - Rua Princesa Isabel, 235 (Brooklin) - Shopping Center Continental (Osasco).  
Rio de Janeiro: Rua Santa Clara, 50 (Copacabana) - Rua Visconde de Pirajá, 82 (Ipanema).





**Para menores  
de  
21 anos**

**A Rede Globo, 10 anos de sucessos, foi ao ar pela 1ª vez em 26 de abril de 65. Um mês e meio depois, o então governador da Guanabara, Carlos Lacerda iniciava campanha denunciando a Globo como "testa de ferro do grupo americano Time-Life no Brasil". O ponto alto das denúncias foi uma série de reportagens de Carlos Lacerda na extinta revista O Cruzeiro. Aí vai uma delas, publicada em 24.12.66.**

O jornalista Carlos Lacerda serve aos leitores, **nestas** páginas, o Sr. Roberto Marinho, Diretor de "O Globo", à moda da casa. Cozinhou Roberto em pouco caldo. Sem protocolos. Em panela de barro. Sem o luxo da linguagem sangue azul. Foi buscar o velho tinteiro de repórter. Encostou a frase efeito sônico, a sua disparada onomatopaica. E passou a usar o britador das suas informações alarmantes: um paiol de documentos vivos de acusação. É assim que Lacerda responde aquela pergunta que anda nas ruas do Brasil: - Por que o jornalista Roberto Marinho agride com tanta fúria o político e o homem Carlos Lacerda? Por que os editoriais de "O Globo" bombardeiam com tanta impiedade o ermitão da Guanabara? Por que, enfim, o massacre gráfico, o "paredón" que a "O Globo" prepara contra o corpo desarmado do rosicultor Carlos Lacerda? Estas indagações civis e militares são respondidas, com fatura de detalhes, pelo punho de Lacerda. Pela sua datilografia radiante e terrível. Pela explosão de

suas notas. É exatamente o reporter Carlos quem destrincha "a novela do Parque Lage", os "palácios de califa" de Roberto Marinho, os negócios de "O Globo" com a Caixa Econômica Federal como "o escândalo das sonegações de imposto praticadas, impunemente, pelo condestável da imprensa marron no Brasil".

No rol de suas notícias, cavadas nos Cartórios e Relatórios Oficiais, Carlos Lacerda não deixa de enquadrar dois Ministros do Governo Castello Branco: o da Justiça e o do Trabalho, "escalas do prestígio federal e transcontinental de Roberto Marinho". E depois deste balanço na "Velha Guarda da Corrupção", que sempre age de "parceria com poderoso grupo econômico estrangeiro que domina a economia nacional", o repórter Carlos titula assim a sua reportagem: "O Al Capone da Imprensa". E, o que relata e comenta, não deixa antever outro título. "Al Capone da Imprensa" é apresentado nestas páginas para você.



No dia 9 de junho de 1965 escrevi ao Presidente Castello Branco uma carta na qual lembrava que ele havia assumido o compromisso de mandar investigar as ligações entre Roberto Marinho e o grupo "Time-Life". Nessa carta eu lhe mandava fotocópia do texto no qual o presidente da Companhia de Emissoras do "Time-Life", em Nova York, dizia que o grupo está operando no Brasil, e tem uma forma comercial com as seguintes características: "programação conjunta norte-americana e brasileira, mediante SÓCIOS LOCAIS DIGNOS DE CONFIANÇA".

Já a 18 de junho eu fiz ao Ministro da Justiça do Governo Castello Branco a entrega de depoimento prestado à Polícia por Alberto Hernandez Catá. Esse funcionário do "Time-Life" reconhecia a existência de um contrato entre a TV Globo de Roberto e o "Time-Life Corporation", que, na realidade, controla o grupo de emissoras de O Globo. Afirmei, em consequência destas e de outras provas, o seguinte: "Subordinação total da empresa TV Globo à empresa "Time-Life", pois abrange a orientação dos programas e assistência financeira e comercial. Funcionários pagos pelo "Time-Life" são os técnicos que dirigem as emissoras de O Globo. Tudo isso se fez sem orientação prévia e expressa do Conselho Nacional de Telecomunicações. E, portanto, o Código de Telecomunicações foi violado. A pena do Código, a quem assim o viola, é a cassação das concessões por violação da Constituição e do Código de Comunicações. O inquérito, mandado abrir pelo Ministro da Justiça, Sr. Milton Campos, resultou no relatório do Procurador da República, Sr. Gildo Ferraz, o qual CONCLUIU CONSIDERANDO PROVADAS TODAS AS ACUSAÇÕES E SALIENTANDO A GRAVIDADE DAS INFRAÇÕES PRATICADAS, BEM COMO A NECESSIDADE DE SER APLICADA A LEI.

O outro inquérito feito pela Câmara dos Deputados, através da Comissão o parlamentar presidida pelo Deputado Roberto Saturnino, tendo como relator o Deputado Djalma Marinho, concluiu praticamente nos mesmos termos do relatório do Procurador da República Gildo Ferraz. Estava assim provado que Roberto Marinho vendeu-se ao dinheiro americano para auferir lucro, violando as leis brasileiras.

No seu depoimento da CPI, Roberto Marinho confessou o que já estava provado, isto é, que recebeu até então 7 milhões de dólares contra a lei, para se apropriar de canais de televisão e rádio, que são de propriedade pública concedidos a particulares, mediante condições que a lei estabelece e Roberto violou. Diante de tudo isso, o Conselho de Telecomunicações (CONTEL) mandou Roberto Marinho regularizar a situação. MAS ROBERTO RECORREU AO PRESIDENTE CASTELLO BRANCO, E O RECURSO TEVE EFEITO SUSPENSIVO.

Roberto tinha 90 dias para regularizar a situação. O próprio parecer que deu estes 90 dias é uma condenação do crime de Marinho. Pois bem: ISTO FOI A 17 DE MAIO DE 66. ATÉ HOJE O MARECHAL CASTELLO BRANCO NÃO TOMOU NENHUMA PROVIDÊNCIA. Assim embarçou o cumprimento da lei. Que fez Roberto Marinho pra gozar de tanta impunidade?

Roberto, em vez de ser punido, comprou outra emissora - a Rádio Mundial, de Alziro Zarur, graças a pressão do Governo interessado em ampliar o poder americano no Brasil, através de Roberto Marinho. A impunidade com que Marinho viola as leis brasileiras aumenta o seu patrimônio enganado o público, à sombra da proteção do Marechal Castello Branco, à apenas um capítulo de uma história tenebrosa: a história dos donos do Brasil, que se apropriaram do movimento militar de 64 e puseram o Marechal Castello Branco na Presidência da República.

O jornalista João Calmon, diretor dos "Diários Associados", que tem bravamente sustentado essa campanha de esclarecimento e denúncia, acaba de demonstrar que Roberto Marinho é um dos maiores sonegadores de imposto de renda do Brasil. Calmon baseou a sua denúncia em documentos oficiais constantes do relatório do Procurador Gildo Ferraz.

Realmente, depois de confessar ter investido 12 bilhões de cruzeiros, Roberto Marinho declara uma renda de juros, dividendos e aluguel de um imóvel, que

**Roberto Marinho, sentado, e a Rede Globo: ao fundo, J. U. Arce e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho; em primeiro plano, Walter Clark Bueno; e, assinalado, "o Time-Life da Rede Globo", o americano naturalizado brasileiro Joseph Wallach.**



atingiu no ano-base de 64 um líquido de 4 milhões, 362 mil cruzeiros. Deduzido o que pagou à fonte, ficou sujeito ao pagamento de 441 mil cruzeiros. E chegou a requerer ao Tesouro a restituição de 100 mil cruzeiros.

No ano anterior - 1963 - Roberto declarou rendimentos inferiores a 4 milhões, 137 mil cruzeiros, e por isso FICOU ISENTO DO PAGAMENTO DO IMPOSTO DE RENDA. Vejamos uma das propriedades de Roberto Marinho. Entre outras, ele possui uma chácara no Cosme Velho (Rio), onde reside, que foi divulgada, recentemente, na revista "Manchete" e em outros órgãos de imprensa. E uma das residências mais suntuosas na América. Possui propriedades no Estado do Rio, no valor superior a 500 milhões de cruzeiros. E na Guanabara tem outra residência, a Mansão Pedra Bonita, na Gávea Pequena.

Tomemos este último exemplo para ver como Roberto Marinho adquire e mantém suas propriedades. São 238 mil metros quadrados, ou seja, mais da metade do Parque Lage. Só a residência tem 580 metros quadrados de área construída, constando de 5 quartos, pavilhão de banho, bar, salas de jogo, piscina, casa de hóspedes, casa de empregados, coqueiras para 4 boxes, pocilga de azulejos, curral e vai por aí. Tudo isso foi comprado ao Banco do Brasil POR 30 MILHÕES DE CRUZEIROS, sendo 10% à vista, e o restante em 10 anos, a juros de 12%. Quer dizer que mais ou menos com 344 mil cruzeiros ao mês, Roberto comprou 238 mil metros quadrados de terra, 580 metros quadrados de casa, pocilga de azulejo, curral etc.

Essa propriedade foi entregue ao Banco do Brasil em pagamento de dívida de Jael Pinheiro de Oliveira Lima, em 1959. Roberto Marinho comprou a, tal como comprou o Parque Lage. Mas se ele não tinha renda nem para pagar imposto de renda, como podia comprar essa propriedade, mesmo por esse preço irrisório?

Até esta data Roberto Marinho já recebeu cerca de 8 milhões de dólares para a TV Globo. E está comprando por 1 bilhão de cruzeiros a Rádio Mundial. A relação completa das emissoras que ele controla com esse dinheiro ainda não foi feita pelo CONTEL, que não tem fichário em dia. Ainda mais que dinheiro, o controle americano sobre esses instrumentos de opinião pública, no Brasil, se faz através do material para programas, filmes, novelas etc., que são postos à disposição de Marinho para destruir as emissoras concorrentes.

Assim, mediante sonegação de impostos, de recebimento ilícito de capital estrangeiro, privilégio, favoritismo na

obtenção de canais de TV e Rádio, Marinho montou uma máquina que controla, do modo a seguir exemplificado. Exemplo 1: - Seu pai foi o fundador de "O Globo". Ao transformar "O Globo" em órgão de uma empresa jornalística, Roberto ficou com 62% das ações, deixando a minoria a sua mãe, a veneranda viúva Irineu Marinho, e seus irmãos Rogério e Ricardo. Exemplo 2: - A São Marcos Comércio e Indústria de Construção S.A., com sede à Rua México, 168, sala 1002, depois transferida para a mesma Rua, 98, 5º andar, tem vários sócios e um capital de 675 milhões de cruzeiros. Roberto Marinho tem 327 milhões e 500 mil cruzeiros de ações e mais algumas de pessoas a ele ligadas.

Essa Companhia é a sucessora da Comércio e Indústria Mauá S.A., que comprou o Parque Lage. O sócio de Roberto Marinho, nessa Companhia São Marcos, é a Companhia de Administração e Serviços Caser (Rua do Carmo, 8, 12º andar) edifício-sede do Banco Moreira Sales, notadamente o notório Homero de Sousa e Silva, que é um dos numerosos nomes de que se servem os patrões de Walter Moreira Sales para controlar a economia nacional.

O PROCURADOR DESTA COMPANHIA ATUALMENTE CARLOS MEDEIROS SILVA, CHAMADO MINISTRO DA JUSTIÇA, que subestabeleceu a procuração da Companhia que disputa o Parque Lage ao advogado LUIZ GONZAGA DO NASCIMENTO E SILVA, ATUALMENTE MINISTRO DO TRABALHO.

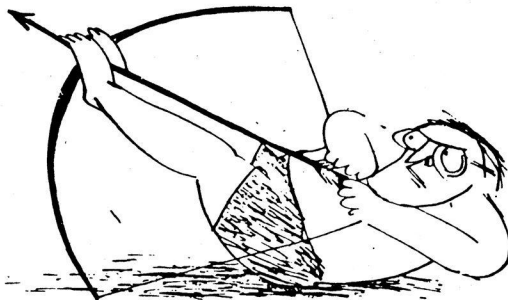
Para que não haja dúvidas, saibam todos que isto se encontra no Cartório da 5ª. Vara da Fazenda, Escrivão Paulo Roquete Pinto. Assim, o advogado contra o Estado da Guanabara, em nome da Comércio e Indústria Mauá, transformada em São Marcos Comércio e Indústria, na qual são sócios Roberto Marinho e Walter Moreira Sales, era Carlos Medeiros Silva, conforme procuração de 23 de novembro de 1964, no referido Cartório. Passando este a Ministro da Justiça, subestabeleceu as folhas 256 do livro deste mesmo Cartório a procuração de

Roberto Marinho e Walter Moreira Sales a Nascimento Silva, atual Ministro do Trabalho, que, por sua vez, ao ser nomeado Ministro, subestabeleceu a seu parente Heitor do Nascimento Silva, a 12 de novembro de 1965.

Estes dados, que são, apenas, exemplos de uma longa e escabrosa história de tráfico de influência, de sonegações e assaltos, mostra como está constituído e quais as verdadeiras origens do Governo Castello Branco. Nada menos revolucionário do que o Sr. Medeiros Silva e o Sr. Nascimento Silva. O marechal Castello Branco os conhecia vagamente antes de os fazer Ministro. Mas eles serviam ao sistema a que também serve o Marechal. Se em vez de Parque Lage escrevêssemos a palavra Brasil, teríamos uma idéia do patrimônio que esse grupo disputa. Pois se Roberto Marinho é testade-ferro de Walter Moreira Sales, Walter por sua vez também o é de um grupo americano que se apossou do Brasil de modo ainda mais evidente depois de março de 64.

Não se trata, pois, de uma nação - os Estados Unidos - tomar conta de outra - o Brasil. Mas sim de um grupo americano, através de outro grupo brasileiro, controlar a economia nacional. Para isso precisam de dois instrumentos: a influência no Governo e o controle da opinião pública.

A influência no Governo é obtida pela presença dentro dele de seus agentes e pela docilidade de Castello Branco e seus interessados. O controle da opinião pública é exercido, de um lado, pelo SNI, através da coação e infiltração; de outro, pela posse de uma cadeia de jornais, televisões e rádios, que recebe diretamente dinheiro americano para se sustentar, pois é altamente deficitária. Seu proprietário ostensivo, Roberto



Marinho, embora sonegador de imposto de renda, mesmo que declare a renda que tem, não teria dinheiro suficiente para gastar o que já gastou na TV Globo.

O capital da Empresa Jornalística Brasileira ("O Globo"), em 12 de abril de 65, foi aumentado para 3 bilhões e 600 milhões de cruzeiros, conforme assembléia de 12 de abril de 65. Ora, só a TV Globo já consumiu de dólares emitidos oficialmente, com a autorização da SUMOC, através do Banco do Brasil, cerca de 8 milhões de dólares, ou sejam 17 bilhões e 600 milhões de cruzeiros. Resumindo: a) Marinho sonega impostos; b) Marinho é sócio de Walter Moreira Sales; c) Ambos são testas-de-ferro de um grupo estrangeiro; d) Este Grupo estrangeiro controla órgãos de publicidade no Brasil, o que é proibido pela Constituição. Mas no Governo Castello Branco é mais fácil substituir a Constituição do que fazer com que esse grupo lhe obedeça.

A técnica de Marinho consiste em usar os leitores de "O Globo", à revelia deles, como instrumento de intimidação e corrupção. Os políticos precisam do apoio de "O Globo", que é jornal influente de muitos leitores. Não só os políticos, como os banqueiros, administradores etc.

Se o Globo abrir uma campanha contra um dos diretores do Banco do Brasil, é muito provável que esse diretor tenha de deixar o Banco. E então Roberto Marinho mantém sobre cada um desses homens arma de dois gumes e uma alternativa corruptora: ou cede para ganhar elogio, ou resiste e é combatido.

Muitos são os exemplos, inclusive poderia citar alguns pessoais, pois passei por essa prova quando fui Governador da GB. Mas vou citar um com o Presidente João Goulart. Enquanto durou a tentativa militar de resistência à posse do Presidente Goulart, Marinho passava no Palácio Guanabara para saber das novidades, nas horas mais inacreditáveis. Logo que os Ministros Militares e Goulart tiveram que recuar, e Goulart tomou posse, Marinho sumiu do Palácio Guanabara. Mas continuou a criticar



Goulart, embora mais prudente, até o momento em que o Presidente começou a recebê-lo.

Um dia, Roberto Marinho, com ar queixoso, muito magoado porque eu não lhe dava licença para derrubar o Parque Lage, e demorava em recebê-lo em audiência, disse-me: "O Presidente Goulart me recebe até na sua cama. E o Governador da Guanabara, não". Disse-lhe que não ficaria bem recebê-lo na cama, e que já estava informado dos motivos que o levavam a querer ser recebido: o Parque Lage.

Goulart estava profundamente empenhado no êxito do Plebiscito para derrubar o Parlamentarismo, que fora a condição de sua posse. Roberto Marinho passou a apoiar o Plebiscito - esse Plebiscito que devolveu a Goulart todos os poderes do Presidente em regime presidencialista, e que se realizou a 6 de janeiro de 63. Poucos dias antes, Roberto publicara um editorial em "O Globo", no qual chamava a Goulart de "estadista".

E 24 horas depois do Plebiscito, no dia 7 de janeiro de 63, Roberto Marinho recebia, na Caixa Econômica, em nome da Empresa Jornalística Brasileira ("O Globo"), o empréstimo de 201 milhões, 252 mil cruzeiros, conforme certidão do Cartório do 15º Ofício, livro 735, folhas 29, verso. Este foi o pagamento pelos editoriais de apoio a João Goulart. Uma vez recebido o dinheiro - fique o aviso aos interessados - Roberto voltou a atacar Goulart, a ponto de se transformar em arauto de Castello Branco.

Pergunto: os elogios de "O Globo" a Castello Branco justificam o controle de opinião pública brasileira por um grupo estrangeiro, e a sonegação de imposto de renda por Roberto Marinho?

Quando fui eleito Governador da Guanabara (1960), entre os muitos problemas que tinha de enfrentar estava o do Parque Lage. Eu prometera à população, durante a campanha eleitoral, que preservaria o Parque Lage, que foi antiga fazenda, depois convertida em Parque, e acabou em grande parte nas mãos do Banco do Brasil, e uma pequena parte nas mãos da herdeira de Henrique Lage, a famosa cantora Gabriela Bensanzoni Lage. Pouco antes da morte desta, constitui-se no Rio uma firma, a Mauá, que se tornou proprietária do Parque Lage.

Esse Parque fora tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São 500 mil metros quadrados de floresta e parque, afora a mansão que ali se encontra. Roberto obteve o destombamento do então Presidente da República. O diretor do Serviço do Patrimônio, Dr. Rodrigo de Andrade, reclamou em vão. Três presidentes mantiveram o destombamento. Roberto Marinho recomendou ao arquiteto Henrique Mindlin um projeto de loteamento do Parque. O projeto incluía um edifício de três andares na frente da Rua Jardim Botânico para um supermercado, com estacionamento de automóveis nos fundos. Mas 6 edifícios de 20 andares cada um. E ainda uma série de lotes para mansões.

Percebendo que eu estava praticamente eleito, Roberto Marinho mandou procurar o Doutor Rafael de Almeida Magalhães, e assumiu por intermédio do seu então sócio no loteamento do Parque Lage, o compromisso de não tomar qualquer providência sobre o projeto, antes da minha posse.

Mas 18 horas antes da eleição, manda avisar ao Doutor Rafael que iria tomar uma providência burocrática sobre o processo na Secretaria de Obras, só para não deixar caducar o seu direito.

Ao tomar posse, sob as bênçãos de "O Globo", mandei buscar o processo do Parque Lage. Verifiquei, então, que a providência burocrática consistia em obter, do então Secretário, Sr. Ivo Magalhães, o alvará para iniciar a construção do loteamento.

Todos os pareceres no processo eram contrários à derrubada do Parque menos um: o do Secretário Ivo Magalhães, mais tarde exonerado a bem do serviço público da GB, depois de dois inquéritos administrativos no qual teve pleno direito de defesa, e não pôde justificar a origem de seus bens, o que não impediu a sua nomeação, como o bater de palmas de O Globo, para prefeito de Brasília.

Retive o processo no meu gabinete. Meu objetivo era o de deixar caducar o prazo do alvará concedido por Ivo Magalhães. Certa noite, em que tinha de embarcar para o estrangeiro, a fim de

**A esquerda, Al Capone, com quem Lacerda comparou Roberto Marinho. A campanha esfriou em março de 67: parecer do consultor-geral da República, aprovado por Castelo, concluía pela "não existência de infringência legal" no contrato entre a Globo e o Time-Life.**



negociar financiamentos para o Estado, apareceu-me Roberto Marinho no gabinete, e pediu que deixasse o processo voltar ao Departamento de Urbanismo para outra providência burocrática. Alertei o Doutor Rafael de Almeida Magalhães e embarquei.

Na volta, o Governador que ficara no meu lugar, Deputado Lopo Coelho, havia concordado em que o processo voltasse ao Departamento de Urbanismo, e ali, sob a prece de O Globo, realizou-se "a pequena providência burocrática": foi renovado o alvará do loteamento. De volta, novamente mandei buscar o processo e o retive no gabinete. E então recebi novamente a visita de Roberto Marinho, que já não publicava notícias das atividades do Governo como represália à nossa atitude. Roberto trazia uma solução nova para a qual pedia o meu interesse. Dizia compreender o empenho que o Governo tinha de preservar o Parque. Mas, ELE NÃO PODIA PERDER 14 BILHÕES DE CRUZEIROS, QUE ERA O VALOR ESTIMATIVO NO LOTEAMENTO UMA VEZ TODO VENDIDO.

Propunha, então, que eu autorizasse a transformação do Parque Lage em cemitério, deixando à Mauá a exploração do loteamento para cadáveres. Comprometia-se a fazer um cemitério-parque, no gênero daquele que tentei fazer em terrenos do Ministério da Agricultura, também na Gávea. Fiz-lhe sentir o ridículo que seria, para o dono de O Globo, transformar um parque daquela importância, e não um simples terreno baldio, em loteamento fúnebre. Dissuadi-o o falecido Embaixador Augusto Frederico Schmidt, que lhe disse então: "Roberto, imagine você especulando sobre lotes para anjinhos, em vez de cadáver adulto, que ocupa o mesmo espaço e custa o mesmo preço?"

Roberto desistiu do cemitério e voltou a me pedir audiência. Quería que eu designasse uma pessoa de minha confiança para examinar o projeto Mindlin, "que era moderno e lindo." Atendi-o. Pedi a Dona Lota de Macedo Soares, chefe do Grupo do Aterro do Flamengo, que examinasse o loteamento do Parque Lage. O resultado foi negativo. Então Roberto Marinho voltou a me ver e disse que estava montando a TV Globo e uma cadeia de emissoras. Recordou o papel de Rádio Globo nos acontecimentos de 64. E me disse: "Você vai precisar do apoio dessas emissoras e da TV Globo para a sua candidatura à Presidência da República. Não jogue fora esse apoio."

Disse-lhe eu então, como é natural, que não podia trocar o Parque Lage, que não me pertencia, pelo apoio de O Globo. Fiz um apelo à sua responsabilidade de dono de um jornal que deve tudo à população carioca. Enquanto homens como Chateaubriand davam grande parte do que ganhavam, a ponto de comprometer a estabilidade de algumas de suas empresas, para dotar o Brasil de Aeroclubes, Postos de Puericultura, Museus de Arte, etc - não podia O Glo-

bo usar o favor público unicamente para aumentar o patrimônio histórico e artístico nacional.

Roberto sustentava que o Parque Lage era um amontoado de plantas sem nenhum valor. E que não tinha nenhuma importância loteá-lo. E quando disse isto a Dona Lota, ela observou: "Quer dizer que se Marinho colocasse as mãos no Bois de Bologne, de Paris, no Hyde Park, de Londres, ou no Central Park, de Nova York, não teria dúvida em loteá-los?" Finalmente propus a Roberto Marinho uma solução legal, e altamente favorável a seus interesses. O Estado é proprietário de terrenos na Av. Presidente Vargas. Mediante mensagem à Assembléia, eu pediria que ela votasse a lei me autorizando a permutar o Parque Lage por terrenos naquela Avenida, sob avaliação feita em juízo por avaliador nomeado pela Justiça. Marinho concordou, embora visualmente contrafeito.

Preparei a mensagem e o projeto-de-lei. Convidei-o para almoçar na minha casa, e ali lhe mostrei a minuta e a mensagem do projeto. Ele se declarou de acordo, mas queria examiná-lo mais a fundo. E me pediu para levar a minuta para casa. Passaram-se cerca de três meses, e ele uma dia comunicou que tinha consultado o Advogado Dario de Almeida Magalhães, e que este lhe dissera que os seus direitos iam muito além que estava consignado na minuta. Numa palavra: que ele poderia lucrar muito mais com o loteamento a que teria direito. Em consequência, desistiu do acordo.

Como não me devolvesse a minuta que levava, chamei a minha casa seu irmão Rogério, ao qual pedi que obtivesse de Roberto a devolução da minuta da mensagem que, em confiança, lhe havia sido entregue, pois caso contrário eu teria de tomar outras providências. Só então me foi devolvida a minuta.

Pedi ao Secretário de Finanças que mandasse avaliar qual o valor atribuído por Roberto Marinho ao Parque Lage para efeito do pagamento dos impostos predial e territorial. Esse valor era ainda do tempo do velho Henrique Lage, e Roberto mais uma vez sonegava impostos, pois pagava por 500.000 metros quadrados, na área urbana - e um prédio de mais de 1.000 metros quadrados - a importância de 700 mil cruzeiros, por ano. Pela Constituição, podia pois o Parque Lage ser desapropriado mediante depósito em Juízo de importância igual a 20 vezes esse valor locativo declarado. Em consequência, assinei o decreto de desapropriação, de acordo com a Constituição, o que vinha inclusive provar que não era preciso reformular a Constituição para fazer desapropriação de terras.

Desde então O Globo, Rádio Globo e TV Globo, e as demais emissoras da cadeia controlada pelo grupo "Time-Life" passaram a atacar o meu Governo. E empresaram a candidatura Negrão de Lima. Essa é a origem da tentativa de destruição moral, ainda mais do que políti-

ca, empreendida contra mim por Roberto Marinho. Mas se Roberto entrou nesse caminho por interesses comerciais contrariados, e justo salientar que os seus empresários o estimularam por interesses que a minha pessoa tem pouco a ver. E que então já suficientemente informado da ação desse grupo no controle da economia nacional, passei a denunciá-lo. Primeiro, junto ao Presidente Castello Branco, mas em vão; depois, junto à opinião pública.

A conjuração de interesses para a eleição de Negrão de Lima empreendeu a campanha para a minha destruição. Esses fatos são absolutamente incontestáveis. (E conservo provas fotostáticas do processo do Parque Lage.)

No momento, Negrão ainda não tem forças para devolver o Parque Lage a Marinho. Pois o grupo perdeu na Justiça, até aqui, todas as ações que tentou contra as desapropriações, feitas rigorosamente de acordo aos herdeiros de Henrique Lage, com a condição destes confirmarem a venda feita ao grupo Marinho-Moreira Sales. Não quero deixar em silêncio um exemplo digno de ser imitado. A certa altura, o sócio de Mauá, Arnon de Mello, então Senador, foi substituído pelo advogado Demóstenes Madureira de Pinho, que comprou a sua parte. De volta da Europa, o Doutor Madureira de Pinho me procurou, no Palácio Guanabara, e me pediu uma solução qualquer, dizendo: "Não quero entrar para a história da Guanabara como um dos homens do Parque Lage".

Esponaneamente, prometeu-me convencer o sócio Roberto Marinho a concordar com a solução. Pelo visto não conseguiu, mas saiu da sociedade, que passou diretamente ao grupo Moreira Sales.

Assim Walter Moreira Sales se apóia no "O Globo", que se apóia em Walter Moreira Sales. Walter chama Castello Branco de "Primo Humberto". Roberto Marinho tem uma fortuna, de valor histórico não atualizado, de 12 bilhões de cruzeiros, segundo a Comissão de Alto Nível, nomeada pelo próprio Governo Castello Branco. Entretanto, paga imposto de renda menos de 400 mil cruzeiros por ano. De propósito, deixo de qualificar os seus atos de sonegação, violação da Constituição e das leis, manobras ilícitas, tráfico de influência, instrumento ativo e passivo de corrupção.

O Marechal Castello Branco, até aqui, trocou tudo isso - a honra de sua farda, a reputação de homem íntegro, a dignidade de sua função, a tradição de sua honradez - pelos elogios e serviços escusos de Roberto Marinho às suas manobras políticas. Tem nas mãos todas as provas - estas e muitas outras - mas não age, não delibera, não resolve. A inércia, no caso, é crime previsto e definido na Constituição. Esse crime chama-se prevaricação.

Já o Procurador da República, Gildo Ferraz, salientou a gravidade do controle da opinião pública por interesses estrangeiros. O preço da entrega de concessões do serviço público - rádio e televisão - a particulares é o rigoroso respeito dos concessionários às condições legais de uso e exploração dessas concessões. Quando Roberto Marinho, confessadamente, e comprovadamente, monta e custeia emissoras deficitárias com dinheiro que recebe de um grupo estrangeiro, que detém, efetivamente, o controle das concessões, que a lei só permite a nacionais - não é uma mera omissão. É um crime deixar de tomar as providências que a lei exige: a cassação das concessões.

O Sr. Castello Branco, que cassa pessoas, não cassa concessões. Por isso é que digo que a corrupção no seu Governo aumentou em vez de diminuir.

Apenas, o mesmo grupo que serviu a todos os governos, com elogios e lisonjas, em troca de corrompê-los, e trair os interesses nacionais, hoje não serve somente ao Governo Castello Branco, como a íntegra, faz parte dele. E como o Marechal tem fama de honrado, cobre com a bandeira nacional essa corrupção aperfeiçoada. Quem a denuncia é ameaçado de cassação. E quem dela se beneficia é premiado. Pois Roberto Marinho, através de tantos Presidentes da República, continua a ser o Chanceler da Ordem Nacional do Mérito. E esse sonegador, é esse chantagista, é esse Al Capone da Imprensa que diz à Nação - juntamente com o Marechal Castello Branco - quem deve receber a Ordem Nacional do Mérito.



# UM NOVO CONCEITO DE COMUNICAÇÃO



## LIVRO DE CABECEIRA DA MULHER

## LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM

contos — reportagens — poemas — entrevistas — humor  
duas antologias modernas e dinâmicas para o casal ler, trocar, discutir

UM GRANDE ARTIGO SOBRE ROCK  
O DRAMA DOS BÓIAS-FRIAS — DIVÓRCIO PARA OS CARETAS  
UM CRIOULO TEM 120 ANOS E FOI REPRODUTOR DE ESCRAVOS  
VINÍCIUS DE MORAES: UM NOVO POEMA — CONTO DE CONY: MOTO-PRÓPRIO  
TRISTÃO DE ATHAYDE, O DR. ALCEU, E O CRISTO DOS HOMENS  
STANISLAW PONTE PRETA: GAROTO LINHA DURA  
e muito mais.

## LANÇAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



DISTRIBUIÇÃO PEDRO CHINAGLIA

Em todas as livrarias do Brasil - Pedidos pelo reembolso  
postal à Editora Civilização Brasileira S/A - Rua da Lapa,  
120 - 12º andar - Rio de Janeiro.

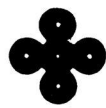
## VESTIBULAR NOVEMBRO 1975

(INSCRIÇÕES ABERTAS)

**DIREITO**  
**ARQUITETURA E URBANISMO**  
**ENGENHARIA OPERACIONAL**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO**  
**LETRAS - CIÊNCIAS - PEDAGOGIA**

**ESTUDOS SOCIAIS - EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA**  
**PSICOLOGIA CLÍNICA, EDUCACIONAL E INDUSTRIAL**



**FEDERAÇÃO  
DAS  
FACULDADES  
BRAZ CUBAS  
DE MOGI  
DAS CRUZES**

Informações e inscrições:

MOGI DAS CRUZES: Rua Francisco Franco, 133 - tels. 4200 a 4204 - Rua Manoel Caetano, 265 - tels.: 2255 e 4218 - Av. Francisco Rodrigues Filho, 1233 - tels.: 4437 e 4438

SÃO PAULO: Rua Álvaro de Carvalho, 50 - cj. 2 - tel.: 33-3597

SANTO ANDRÉ: Rua Cel. Oliveira Lima, 252 - s/ 35 - tel.: 444-5800

SANTOS: Rua Floriano Peixoto, 20 s/25 - tel.: 4-0642

GUARULHOS: Rua D. Pedro II, 201-A tel.: 209-1075

# ex-

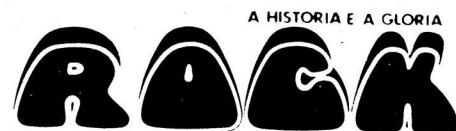
**JORNAL DE TEXTO,  
FOTO, QUADRINHOS E O DIABO.**

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupon (ou cópia dele, pra não estragar o jornal) para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

|                                               |                                              |
|-----------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Nome: _____                                   |                                              |
| Endereço: _____                               |                                              |
| Cidade: _____                                 | Estado: _____                                |
| CEP: _____                                    | Data: _____                                  |
| <input type="checkbox"/> 12 EDIÇÕES (Cr\$ 70) | <input type="checkbox"/> 6 EDIÇÕES (Cr\$ 35) |

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda.

## Leia



**o melhor  
jornal de música**

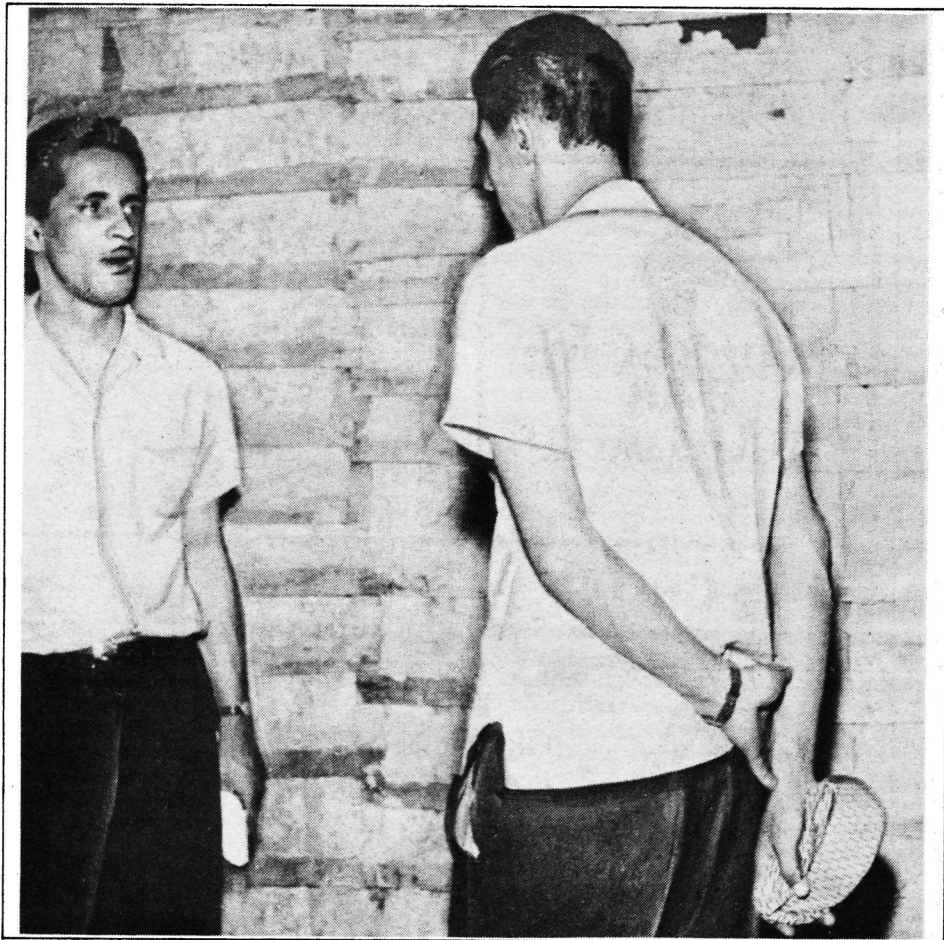
Todos os ritmos deste astral:  
Ana Maria Bahiana. Ezequiel Neves.  
Julio Hungria. Luiz Maciel.  
Tarik de Souza.

Sai na última semana de cada mês.



# BANHO DE SANGUE FUTEBOL CLUBE

Depoimento à equipe de Ex



Otávio com Mineirinho. A história do furo está abaixo. A foto é de Zé Gomes.

**1 Sangrenta entrevista com Otávio Ribeiro, um dos maiores repórteres policiais da nossa imprensa, um homem que enfrenta qualquer tipo de cadáver.**

**2 Sua 1ª façanha, na Última Hora do Rio, 1961: achar o esconderijo de Mineirinho, acusado de 158 crimes e procurado vivo ou morto pela polícia.**

**3 As barbaridades do Esquadrão; os assaltos do terror; o roteiro dos tóxicos; alguns dos grandes casos que ele investigou em 17 anos de imprensa.**

**4 Uma palavra aos novos: repórter de polícia deve criticar, apontar; se não, é o cemitério enchendo cada vez mais, e todo o mundo de boca calada.**

Do tempo dos bandidos de morro, o Mineirinho foi o bandido de maior QI que eu já vi. Numa época em que a Tecnologia não tinha pintado, ele vivia no morro, lutava de uma maneira arcaica. De repente pegou um garoto de 16 anos para ser motorista, para dar o pinote pra ele. Quer dizer, o Orelhinha era o louco do volante, enganava carros de polícia, subia pela calçada, invadia.

Esse era o tempo dos grandes policiais. Perpétuo foi o único policial que eu conheci que subia no morro. Em cada morro ele tinha um círculo de informantes, era um tipo índio, de Mato Grosso. Tinha outro time liderado pelo Le Coq, mas o Perpétuo gostava era de andar sozinho.

Aí eu fui no Morro do Juramento, fui jogando ronda. É um ambiente que se você for chegando consegue mil e uma informação. Durante o jogo tem comentário de toda a bandidagem que existe no morro. E vim a saber que o Mineirinho tava em Mangueira. E peguei e entrei no morro da Mangueira. Uma cachaca pra um, uma cachaca pra outro, cascudinho nas crianças, coisa e tal, cara de bobo, sempre mal vestido e papo, porque se não tiver morre sem direito a ser nem indigente. Fiquei uma semana frequentando e vim a saber que todo dia ele comia num barraco chamado "barraco da nega Zilda". Então comecei de papo com a nega Zilda, balinha pras crianças, e a nega foi com a minha, falei que a comida dela era gostosa, amarrei a nega na vaidade.

Um dia tou comendo, abre a porta e entra um sujeito alto, dá uma olhada rápida pra mim, cabreiro, eu esfriei. Entra

todo mundo com aqueles chapéus enterrados. Ele entrou, depois entrou o Caveirinha, um mulato esguio, era maniaco mesmo, tinha fugido de manicômio, era maluco mesmo. O outro era o Fidel Castro, um que usava barba grande, depois tinha Waldir Orelhinha, que tinha 16 anos e tava começando. Quando entrou aquela pã lá, o Caveirinha logo: "quem é?", e o Mineirinho calado, as duas mãos na cintura, cabos dourados das duas pistolas 45, eu esfriei. Aí a nega Zilda disse "não, não, é um cabra que eu conheço, tá comendo aqui, coisa e tal", aí ele sentou lá pra comer e eu comecei a ficar nervoso, porque era assim: um come e outro fica vigiando na porta, toda hora. Aquele instinto da caça temendo o caçador, sem sossego. Aquele comida não entrava nele, um dava uma garfada e ia pra porta, um ambiente que eu tive que me acostumar, mas eu não via nada disso, eu via a primeira reportagem. Quando eu falava alguma coisa com o Mineirinho, o Caveirinha sempre no aparte, e vinha pau em cima de mim. Fui cativando o Mineirinho no papo.

Ele ria muito e quando ria mostrava aquele dentinho pra fora. Ele começou a entrar, me convidou pra subir no barraco, joguei ronda, perdi um bocadinho, no dia seguinte descí. De noite eles iam assaltar e eu, no dia seguinte, já de Zilda. Mas como é que eu podia dizer a ele que eu era repórter? Um dia ele tá num toco de árvore lá no alto do morro, queimando um baseado e olhando lá pra baixo,

aquele panorama, quando o Caveirinha desgrudou de mim. Cheguei perto do Mineirinho e me abri, entrei naqueles papos, "tô aqui sozinho, não tenho arma, coisa e tal, é minha primeira reportagem, eu era bancário", bati tudo pra ele e ele só me olhando... aquela cara de granito só me olhando.

Ele me disse: "só que eu não sou conhecido e não quero uma foto, senão a polícia vai me conhecer". Foi aquele papo: "foto de lado, de trás". Eu era um chato, tava encarnando, eles podiam me matar, sumir comigo. Aí ele resolveu e falou que tava bom.

Tinha um negócio: o Caveirinha era trocador de ônibus em São João do Meriti. Foi preso injustamente, levou uma piaba, se revoltou contra a polícia e começou. Quando inauguraram o posto policial no mangue de as, com corneta e aquele negócio, ele pegou o bando, foi lá e matou todo mundo. Mineirinho começou assim: eliminando um posto policial inteiro. O fotógrafo da Última Hora, chamado Alecrim, foi lá e fez fotos e o Mineirinho ficou odiando o Alecrim. Eu não tou sabendo de nada. Desco o morro rolando de 5 em 5 degraus, telefone pra redação: "malandro, tem um fotógrafo aí?" Ele disse: "pra que?". Eu disse: Mineirinho? Vem um táxi e chega o Alecrim, não me conhece, a gente se apresenta, coisa e tal. Era de noite, porque o Mineirinho tinha escolhido pra ninguém ver direto. Quando a gente ia, ele me segurou e contou a história toda de São João do Meriti: "Eu e o Mineiri-

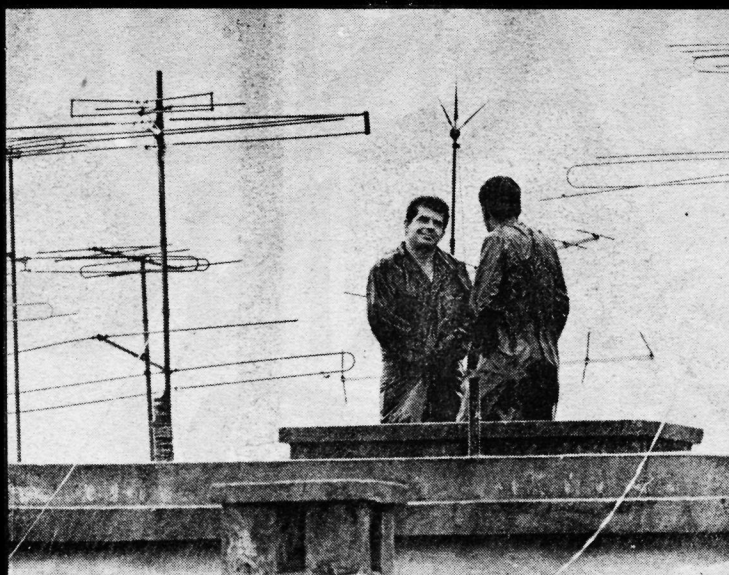
nho somos inimigos". Mas não tinha mais alternativa. Vamos subir. O Alecrim branco, subindo, escolhendo os lugares mais escuros. Quando a gente chegou, me agarrei na entrevista pra não deixar ele ver a cara do Alecrim, o Caveirinha em cima dele pra não deixar fazer foto de frente. Quando deu 3 flashes, o Mineirinho disse chega e eu falei: leva logo pra revelar. Ele desceu, eu fiquei lá.

Aí eu arranquei tudo, cheguei na redação e não sabia nem escrever. Aí eu vi a importância do fato, tapinhas nas costas, nego saindo do gabinete e coisa e tal. A Polícia já me olhando enviesado. Vi que tinha conseguido alguma coisa e tomei gosto.

Vou contar rapidamente a morte do bando todo. O Orelhinha, quando atingiu a maioridade, foi morto num tiroteio. Depois o Fidel Castro, quando a quadrilha começou a ser desbaratada, morreu num tiroteio em Nova Iguaçu. O cabo Luís, um bandido que cagoetou o Mineirinho, matou o Caveirinha pelas costas. Foi um crime que não deu nada, porque quem mata bandido... ficou naquela. Ficou só o Mineirinho. Era um homem sozinho perseguido por todos. Ele tinha uma mulher no mangue, ia visitar sempre, mas a polícia montou, um dia, um esquema pra pegar. Ele percebeu, saiu correndo, pulou um muro e se escondeu embaixo de um ônibus e acharam ele. Mataram o Mineirinho dando rajadas de metralhadora em baixo do ônibus e ele só gritando: "Mata que tá matando homem!" Mata que tá matando homem!" Ele morreu assim e não teve nada, era como se diz por aí: "a escória da sociedade".

**Pag. 28 e 29: mais sangue**





**O economista ameaçava se atirar do prédio. Otávio subiu lá e convenceu o homem a descer. Otávio trabalhava no Jornal do Brasil, que não publicou nada, a pedido da família do quase suicida. (Fotos de Octales Gonzales.)**

# É O PROGRESSO: BANDIDO HOJE

Antigamente o repórter era um tipo furão, um chato que saía da redação. A foto era a coisa mais primordial para ele: era a primeira coisa que ele tinha que ter, era, um boneco. A segunda, furar todo mundo! Era mais fácil criar fama como repórter de polícia que como repórter geral, porque na geral tinha um público mais fraco e os jornais viviam de público.

Nesse tempo eu trabalhava na Última Hora (Rio), e havia aquela briga do Samuel Wainer (dono da UH) contra o Lacerda (então governador da Guanabara, na primeira metade da década passada). Era o tempo do Gustavo Borges como Secretário de Polícia, e o Cecil Borer como Delegado de Vigilância – o tempo que a Vigilância tinha a turma da pesada. Perpétuo, Le Coq, aquele time que veio da Polícia Especial. A Delegacia de Vigilância era a vitrine da Polícia, era a pesada: terror contra o terror! O repórter vivia nesse ambiente, não havia painéis. Para dar uma informação para outro precisava de muito papo, muita amizade. Ele vestia a camisa de onde trabalhava e fim.

Depois do Mineirinho, a caçada que teve maior repercussão foi do Cara-de-Cavalo. Isso porque ele matou o Le Coq que era o chefe dos detetives de Vigilância, quer dizer, a delegacia da pesada que ia buscar os bandidos no morro. A Arma Oficial da polícia é o 38, mas eles trocavam por 45, porque do 38 você escapa e do 45 não. O projétil do 45 vai levando tudo. Depois da morte do Le Coq, eles foram levando o Estado do Rio como um furacão, queimando barracos, atirando de uma informação. Valia tudo. Aquele fogo, a imprensa cobrindo, tá vendendo, e aquela caçada bonita. A do Cara-de-Cavalo, em 64, foi a caçada que valeu tudo, sem regras, sem nada. O Cara-de-Cavalo, quando foi achado, saiu cercado por mulher, por criança, e deram tanta rajada nele que o umbigo dele grudou na parede. Eu tenho foto do umbigo dele grudado na parede! Ficou um regador, cheio de furinho. E ficou assim, a morte do Le Coq, vingada, sabiam que era a caravana policial que usou da legítima defesa, mas um nocivo, tal, até logo. E o Cara-de-Cavalo era o quê? Um bandido que andava cafetinando no Mangue, um bandidinho rasteiro.

O bandido só atira no policial em último caso, quando vê que não tem pinote, não quer passar aquela barra toda. Tem vezes até que ele deixou de ser macho verdadeiro, teve um caminho meio diferente, forçado, já passou vergonha... São várias coisas que acontecem no mundo do crime, que transformam o indivíduo.

Mas a tecnologia, a subversão, ensinou muita coisa. Antes nunca tinham mostrado o banheiro no banco. A fuga. O Mineirinho tinha defesas criadas por ele mesmo. Ninguém tinha ensinado nada. Agora não, o malandro não pode ficar de boeira. Antigamente o bandido não conhecia o Código Penal. Agora ele sabe todos os artigos bonitinho.

O fator principal é a rapidez. O chefe precisa discutir com o bando. Ele tem

que ter o controle, tem que domar as feras para serem rápidas, obedecerem. Pra não haver polêmica, não haver contestação.

O Dalvo Liece, que organizou a maior quadrilha de banco, que teve mais de 30 personagens só na cuca... ele mostrou que a filosofia principal era o bandido ter hierarquia, ser obediente. A subversão tinha linha de fogo, tinha isso, tinha aquilo. Os outros vieram assaltando, obedecendo. Você não pode dominar um banco se não estiver preparado. Tem que ser rápido, "vai pra ali, já pra lá".

Mas o assalto na rua diminuiu, não acabou. Geralmente ninguém mais anda com muita grana no meio da rua, anda com cartão de crédito, com cheque. E quem vai assaltar na rua não sabe o que vem, a vítima pode reagir. E ele sabe que o 157 (Artigo do Código Penal), o latrocínio, dá 30 anos no mínimo. Eu nunca vi ninguém ser absolvido por latrocínio, porque além de roubar, ele tem a tendência de matar. A mínima é de 30 anos. Quem assalta no meio da rua é igual a motorista: está arriscado a atropelar alguém.

O brasileiro, por si só, não gosta de obedecer. A única coisa do banditismo organizado era o roubo de carro, porque depende de várias pessoas, uma tipografia, uma oficina, o puxador, a vendagem. Então tinha uma escala musical, dava um lucro imediato, você puxa o carro e recebe o dinheiro logo, capital na mão. Só há organização quando há pagamento rápido. Isso em qualquer empresa. Roubo de carro sempre deu lucro, há órgãos de repartições federais, estaduais, que têm funcionários envolvidos pra mudar rápido, número de motor, cor, etc.

## ● Sumiu a milionária

A arma do profissional é ter algum talento pra dar, nunca ser totalmente subjugado, ter as mãos só alugadas. Um repórter não pode ser teleguiado, ele tem que lutar pelo que recebeu, pelo que obteve de informação na rua, lutar para aquilo sair. Se tem coisas que não podem ser publicadas, ele tem que lutar pra publicar. A missão do repórter é informar.

Antes o tom da imprensa era o sensacionalismo, da cascata, o fotógrafo fazia as fotos de cadáveres de várias maneiras, era o chamado "Dom Presunto de la Mancha". Enquanto não tinha o cadáver da primeira página o pessoal ficava agoniado. Eram cadáveres de todos os tipos que você pode imaginar, o fotógrafo não sabia mais de que ângulo fazer. Cadáver eu já vi de toda maneira, tanto em foto quando pessoalmente. A primeira coisa que você tem que fazer é controlar seu estômago.

Eu era novo na UH, logo depois do Mineirinho peguei a enchente, um ônibus caiu no rio Timbó. Num cadáver de afogado, a língua tem 2 palmos, fica inchado, um monstro. Na UH mandaram eu fazer plantão no necroterio. Quando cheguei pensei que não ia aguentar, mas daí eu vou em cima de um funcionário e

peço algodão com formol, e aguentei um plantão, de nariz vermelho. Furei tudo mundo, porque nenhum repórter subiu pra lá. Eu nunca quis voltar de mão abanando pra uma redação nunca levei um furo!

Estou dando uma declaração de que nunca levei um furo! É que eu acho que quem tá na profissão tem que ter cuidado, porque só ele traz aquela informação que vai ser distribuída, fora do jornal você pode ser o que for, pode fazer o que quiser, mas naquele momento você tem que produzir algo seu, no seu estilo.

Na UH, um jornal vibrante, agressivo, o diretor-geral era o Moacyr Werneck. Era um time aguerrido, foi o único jornal onde eu conheci "a família". Todo mundo queria trabalhar na UH. O Samuel Wainer era oposição, então em todo lugar que a gente chegava era não, não, não. Nunca deram nada de mão beijada. Foi um time que se criou na dificuldade. O dinheiro pra gente sair era pouco, então você gostava de sair sem nada e trazer o material, revelando talento, coisas escondidas dentro de você. É um ritmo de vida que qualquer coisa que vem na sua mão, você aproveita. Tá com fome, você dá uma mordida, não quer saber se tem Adão e Eva, nem nada.

No grande crime da época, o jornal fazia aquela novela, dava suite todos os dias, se varejava a vida toda da vítima, varria-se a sujeira toda e cada um publicava com seu estilo. O caso do Leopoldo Heitor, que encheu o saco de todo mundo, virou uma novela maior que o Direito de Nascer. Foi um ano e pouco de cobertura diária... O Leopoldo Heitor era um advogado respeitado até pelos inimigos, ficou muito famoso. Daí desaparece a Dana de Tefé (uma milionária) e o Leopoldo tinha ficado com todas as procurações dela, apartamentos e tudo o mais. A imprensa deitou e rolou. Li o processo inteiro e não entendi nada, sabe? No final é um labirinto com espelho. O Leopoldo Heitor foi um teste porque eu tinha que dar todo dia uma matéria.

Naquela fase, eu grudei com Verinha (mulher de Leopoldo), o Leopoldo tinha ido pra Argentina. Um dia fui conversar com ela e ela me recebeu com um telegrama da Argentina, eu pego tento ler, a Verinha escondendo, mas eu vejo escrito embaixo um nome esquisito: Asquinazzi, eu não sabia se era nome ou sobrenome. O Leopoldo era figura obrigatória nas páginas dos jornais. Eu vou pra UH, entro no gabinete do Moacyr Werneck e falo – "olha, tenho uma pista pra localizar o Leopoldo na Argentina", e contei o caso.

Aí ele riu, disse – "você tá pensando que na Argentina é fácil encontrar um cara só com um nome?" Aí eu discuti amistosamente com o Moacyr Werneck, mas a xerifada não me deixou ir mesmo. Na raiva pedi férias e disse que ia com meu dinheiro mesmo. Peguei uma máquina Olympus, na de amor, consegui passagem da FAB até Porto Alegre, passagem de ida e volta a Buenos Aires, quer dizer, não precisei pedir nada na Última Hora. Lá em Buenos Aires, um frio louco,

fiquei embaixo do cobertor grosso, procurando na lista telefônica todos os Asquinazzi. Telefonava e dava aquele grupo: "alô, olha, quem fala é um portador para Leopoldo Heitor"... A maioria desligava, até que uma voz respondeu – "Si, mas mi padre esta em Mar Del Plata". Daí eu peguei o endereço. Fui pra lá e localizei o Leopoldo. Quando cheguei ele se assustou muito, pensou até que eu tava com muito dinheiro, UH, coisa e tal... mas falei que tava duro... Daí ele foi experimentar uns barcos por lá, foi quando acabou preso. Eu vim embora com fotos e tudo. Cheguei e fui direto pro Moacyr Werneck, ele falou: "tá legal". Mas eu falei – "agora tem a minha lista de despesa"...

## ● Selvageria

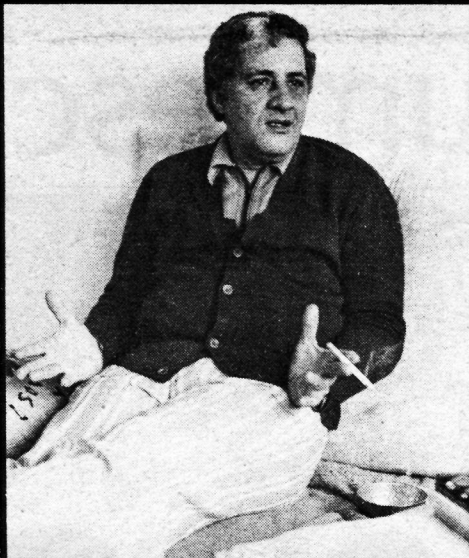
A violência gera violência. Acho que é uma estrutura, é a Justiça, a Polícia, o nosso sistema penitenciário ainda é arcaico. O sujeito entra na porrada, passa por tudo, entra naquela prisão, quando vai ao juiz é o único momento de se defender. Nunca entrevistei um juiz mas acho até que ele já está acostumado com todo mundo negar, não, não, não. Acho que tem que ter o seguinte: o juiz não vai julgar o delito, vai ver a origem da pessoa, a configuração social, o que o levou. É indole? tem periculosidade? Pode ser reabilitado? não pode? o que o envolveu? pai morreu? mãe separada? as entranhas do sujeito... Isso deixaria menos revolta. Tem vezes que o sujeito assalta pela primeira vez, o juiz dá uma pena mais ou menos branda porque ele é primário, mas o que ele sofre nesse tempinho equivale a 80 quilos de revolta.

O assaltante é o único tipo – isso é universal – que não tem boa vida na cadeia, na mão dos homens. Lá no xadrex o pau come e a polícia costuma dizer, em vários idiomas, em vários sotaques, que o ladrão tem que apanhar para conversar. Então eles pensam mil e uma porque ninguém diz que roubou. 99,9% dos processos de ladrões entram em incoerência, a maioria. Ele diz sim à polícia e ao juiz diz não. Sempre anula o depoimento perante o juiz. A criminalidade cresceu e o policial não pratica a técnica da investigação. Eles sabem que na porrada o ladrão vai falar coisas que nunca pensou que ia falar. Ele bate no ladrão, mas bate sem saber de nada. Está no nevoeiro procurando alguma coisa, na porrada e na porrada inventa mil e uma coisas, mil e uma maneiras para o sujeito falar. Sempre foi assim, borduna neles.

A burocracia emperra a Justiça. Se o cara entregou 10 assaltos no pau, pelo menos 3 não foi ele que fez. Estavam lá, perdidos, sem solução na delegacia e dão pro cara assinar, como prêmio. Isso é universal, acontece nas melhores famílias. O sujeito então já vai revoltado porque recebeu um prêmio de 3. É mais papelada pra se defender, mais uma micharia pro advogado. Lá dentro ele tá num grupo que é distinguido pela pesada, tem o coração mais vermelho que



**Otávio Ribeiro, 45 anos, casado, vulgo Pena Branca: tem uma mecha de cabelo branco. Ex-bancário, aos 28 anos começou na Última Hora carioca. Passou por todos os grandes órgãos da nossa imprensa. (Fotos de Elvira Alegre.)**



## SABE O CÓDIGO PENAL DE COR

sangue, é um papo onde um tem que ser mais macho que o outro, tem que ter uma pitada de crueldade. Ali ele está aprendendo um vestibular de selvageria. Quando sai, ele, que tomava um café com 50 centavos, agora, vai tomar com 1 e 20. Os bandidos não podem saber que ele está trabalhando pra ganhar salário, aquele que foi condecorado, aquele que foi o chefe e se torna um sujeito perigoso, já levou um bumba-meu-boi. Ele não vai no primeiro assalto cair de boabeira. Isso sem contar a gozação lá de dentro das grades, "como é, tu demorou pouco, gostou da bóia?", ele tem tudo isso na cabeça na hora do assalto. Na hora que o policial vem, ele não vai dar refresco.

### ● Terror ataca banco

Virei um cigano, não parei em nenhum lugar. Fui parar na Folha da Tarde (SP), que tava reabrindo e precisava de um grande caso. Peguei o da Maria Tereza Lara Campos, que tinha sido um caso muito badalado e estava arquivado como suicídio. Depois de ficar um tempo lendo os arquivos, descobri uma testemunha, uma cabeleireira, que virou o caso de suicídio para homicídio. A imprensa toda me seguiu. Depois disso o Jornal da Tarde me pediu pra ir pra lá. Fui trabalhar junto com o Percival (também colaborador do Ex). Achei o policial paulista diferente do policial carioca. O carioca é mais malandro, o bandido paulista é mais frio, não tem tanta manha, não tem o sabor de contar vantagem dentro da quadrilha, se fecha mais. O carioca é mais maquiavélico. O Esquadrão da Morte daqui só apareceu depois que o do Rio estava velho. O Rio é a mãe do Esquadrão.

No Jornal da Tarde aprendi o que não tinha aprendido na UH. Antes de ir pra rua eu conversava com vários editores, saía super armado. Aprendi a pegar as minúcias, a sala como era, o quarto e tal, fui me completando como repórter. Aprendi a maneira de associar a sensibilidade com a porrada da UH. Fiquei um lutador peso-pesado jogando leve.

Quando eu estava aqui em São Paulo, começou a aparecer o tal Esquadrão da Morte, morte, morte, foi na época que a minha mulher ficou grávida, e fui embora pro Rio. Fiquei um mês parado, naquela de férias, e depois comecei a trabalhar no Jornal do Brasil. Fui apresentado na gozação, "olha, vou mandar um menino aí pra você", e o cara levou a sério, quer dizer, eu um veterano, fiquei ali parecendo um soldado, começando. Era a coreografia dentro da redação, então eu fiquei ali ajudando. Em dois dias quasi pedi demissão, mas não dá, né malandro? Dois dias, e um repórter pede demissão? Fiquei me aguentando.

Daí começou aquilo no banco, banco, banco. Eu nunca tinha trabalhado em carro com rádio, ia fazer um assalto de banco, no meio vinha o rádio e falava "outro banco, outro banco". Eu dizia "que loucura, o que é isso". E eram bancos que já tinham sido assaltados 2, 3 vezes. Era uma orgia, tinha um banco que tinha sido assaltado mais de 10

vezes. Aí estoura aquela bomba, um general veio dar uma entrevista dizendo que os bancos eram assaltados por subversivos. Na época foi um impacto! a subversão era quem estava assaltando! Eu sempre acostumado com o ritual do bandido, achei que o bandido tinha encontrado o mapa. Achei que era uma quadrilha diferente, de fora. Todos pensavam assim. Foi a época que eu apareci mais, mas não. Eu na parede, tomando porrada da repressão e do outro lado. O Jornal do Brasil ficou sendo, modéstia à parte, a melhor cobertura, todo mundo comprava o Jornal do Brasil para ficar sabendo o que acontecia. Daí uns tempos eu caí em Veja. Uma rapaziada muito boa, onde eu aprendi muita coisa, e ensinei também: eu recebendo filosofia e dando o malho.

### ● A rota dos tóxicos

Fiz a primeira matéria de LSD, quando prenderam o Peticov, aquele pintor. O Russinho, aquele tira que depois foi preso por ser traficante, foi o primeiro a colocar LSD. Eu nem sabia o que era, pensava que era um bastão! O Russinho era um traficante, depois ficou comprovado pela polícia. Acho o seguinte, se ele dava combate, não podia se misturar. Como é que é isso? Você dá um pau e depois vai transar? Se ele tem uma missão de combater?

Veio a subversão e pra mim, nada de coquetel, só parada dura mesmo. Ninguém queria cobrir subversão na Veja... Foi quando comecei a fazer amizade com o major... Esse major, que era o relações-públicas de lá, achava bom que se dessem informações sobre subversão, ao mesmo tempo em que se desse uma doutrina para mostrar o quanto era nocivo. E foi nesse papo que ele começou a me fornecer algumas informações, recolhidas de subversivos. Um dia, no meio de alguns documentos, veio uma carta do Lamarca, que era um mito. A letra do Lamarca era uma coisa que ninguém tinha visto. Então eu plá, plá, plá, e comecei com o material do Lamarca, o material de disfarce de subversivos, esse negócio todo. Aí então deu uma capa de Veja... Lamarca! Quando deu capa com essa matéria, deu o maior rebu! A Veja foi apreendida e aqui em São Paulo o Mino foi chamado no II Exército. Quem era o chefe do II Exército era o Dale Coutinho, que depois morreu. Mas eu tinha um bilhete do I Exército autorizando a publicação. Quando o II Exército vetou eu apresentei o consentimento do I. Quer dizer, acabou ficando um conflito lá entre o I e o II Exército.

Eu tava cansado de levar porrada dos dois lados, fui fazer uma matéria com um sujeito que estava preso por tóxicos. Ele me disse que tinha apanhado em em Pedro Juan Caballero, numa rua que dividia Ponta Porã, em Mato Grosso (fronteira com o Paraguai). Decidi fazer Pedro Juan Caballero! aí apresentei pro Mino Carta (diretor de Veja) um roteiro, um roteiro de louco. "O tóxico tá tomando conta." Eu não tou aqui para dedurar ninguém, cada um com a sua. Como repórter, estou analisando a figu-

ra humana. Acho que é uma alavanca nociva, porque destrói, destrói mesmo, destrói. Fui com o Amilton (Amilton Vieira, fotógrafo). Combinei com ele para irmos separados, falei: "Lá você não é meu amigo, você é um repórter de turismo. Eu vou como bandido e você fotografa tudo em Ponta Porã e em Pedro Juan. Desligado de mim, ninguém vai ver os dois juntos. "Pegamos um avião, dei meus documentos de repórter a ele. Isso porque podia ser preso por eles e morria logo no papo. Lá é uma área que morre, que não dá chance... Se você está investigando, fazendo qualquer coisa, o outro te mata fácil, fácil. Ele não vai perder bilhões de lucro por causa de uma figura!

Fiquei na cidade e não tinha nenhum ponto por onde começar a matéria. Lá é tanto tóxico depositado em farmácia, que é um lugar pequeninho com mais de 10 farmácias. Só tem um cinema e uma rádio. É feito tudo na Argentina e vai pra lá, porque lá pode vender. Da Argentina pra Assunção, de lá vai pra Pedro Juan e de lá vem pra latrina, que é o Brasil, onde todo mundo consome. Pílulas pintadinhas, de todas as maneiras e de todos os efeitos. Heroína vende aos montes, cocaína aos quilos, vem de Cochabamba, Santa Cruz de La Sierra, via Assunção, Corumbá. Cocaína pura, sem aditivos, porque a que chega aqui está com talco, sal, coisa e tal... Aquela é pura mesmo. O sujeito cheira e parece até canguru, sai pulando.

Bom, mas o Amilton fica de fora e eu entro com as pintas de lá, correndo farmácias, todos pensando que eu sou vendedor, todo mundo falando nome de remédio e eu calando, tou junto com eles, quer dizer, era o meu habeas-corpus... Aí eles vão a um médico, trocar uma idéia na casa dele, naquela rede, na varanda. Daí chegou de tarde e o médico disse pra mim: "e você, o que faz?" Eu disse que era advogado e que estava lá fazendo uma transa de tóxico, e não entrei mais em detalhes.

Quando chegou de noite, estou no cassino jogando, comecei a perder na roleta igual a um doido. Nesse dia fiz parceria com esse médico no bazar. Fizemos uma amizade, quando terminou, me perguntou o que estava fazendo lá. Eu bati que era advogado, intermediário de quadrilha de traficante, que estava lá para levar tóxicos. Então ele me surpreende e diz: "Então você caiu na mão certa, porque eu sou sócio de uma farmácia e meu cunhado tem uma grande plantação de maconha." Aí ele começou a me dar as dicas: o governador, o chefe de polícia, pá, pá e pá. Me deu a seita toda, a cúpula de Pedro Juan Caballero, onde os policiais andam todos desalçados, com maconha em cima. É um negócio fedorento. Uma cidade de bandido mesmo, o oeste americano ficava com inveja. De noite eu telefonava pro Amilton e combinava, "olha, vou levar todo mundo pra casa, uísque, tal, e você fotografa tudo".

Eu amarrei o médico e disse que ia levar uma leva para Dourados e voltava. Era uma estrada brasileira e outra para-

guaia, quer dizer, o contrabando vai pela estrada paraguaia e o caboclo não pode prender, ali do lado. É uma questão diplomática, uma diferença de 3 metros entre as duas estradas. É um barato, o malandro vai ali do lado, alô! alô! alô! Como repórter policial é uma coisa que você não entende, está vendo a latrina e o papel higiênico do lado. Aí ele me dá a relação e o efeito de cada remédio, no bloco dele. Eu tinha que ter a prova, não é? E eu naquela de ator com ele. É preciso ter sangue frio. Levamos tudo quanto era bolinha. Eu e o Amilton trouxemos pra redação uma mala cheia de maconha, cocaína, tudo!.

### ● Tomavam curare!

"De lá eu fui para O Jornal, que foi o que eu gostei mais. O Alberico era da Veja, foi pra O Jornal e me chamou pra ser editor de polícia. Expliquei pra ele que queria fazer uma editoria de polícia só de jovens, que nunca tivessem trabalhado com polícia. Recebi carta branca. Sai pelos jornais, vendo os estagiários. Todo mundo fazendo ronda, sentadinho, sem saber nem onde é Cascadura! Peguei os garotos e comecei: curare neles, curare neles, e tudo o que aprendi em 17 anos, dei em minutos.

Você só pode amadurecer enfrentando o mistério. Sabendo qual é o final, você não amadurece. Partindo pra cima do imprevisível você vai passar mil e uma situações diferentes. Na polícia, você precisa ficar 10 horas esperando a perícia, quer dizer, você caleja. É fundição. O repórter é um jogador de pôquer, não pode deixar transparecer que ficou aborrecido, tem que manter aquele rosto enigmático, não pode nunca dizer o objetivo ao lado contrário. E criar, criar para poder chegar numa reunião de pauta e ter o livre arbítrio, dar a matéria que quer fazer. O repórter seguindo um roteiro fica um teleguiado. Ele não é mais o fuçador, não é mais, porque só vai atrás daquilo e acabou.

Uma questão de lógica: quantos as faculdades de Comunicação despejam todos os anos? E quantos são aproveitados? Eles seguem outras profissões e adeus. Lá eles só têm as teorias, mas e a prática? Nos 6 meses que a lei manda pro estagiário, ele vê tudo diferente do que via na faculdade. E num jornal diário não dá pra pegar um estagiário e ficar ensinando! Então tem que se fazer a escolinha, o time...

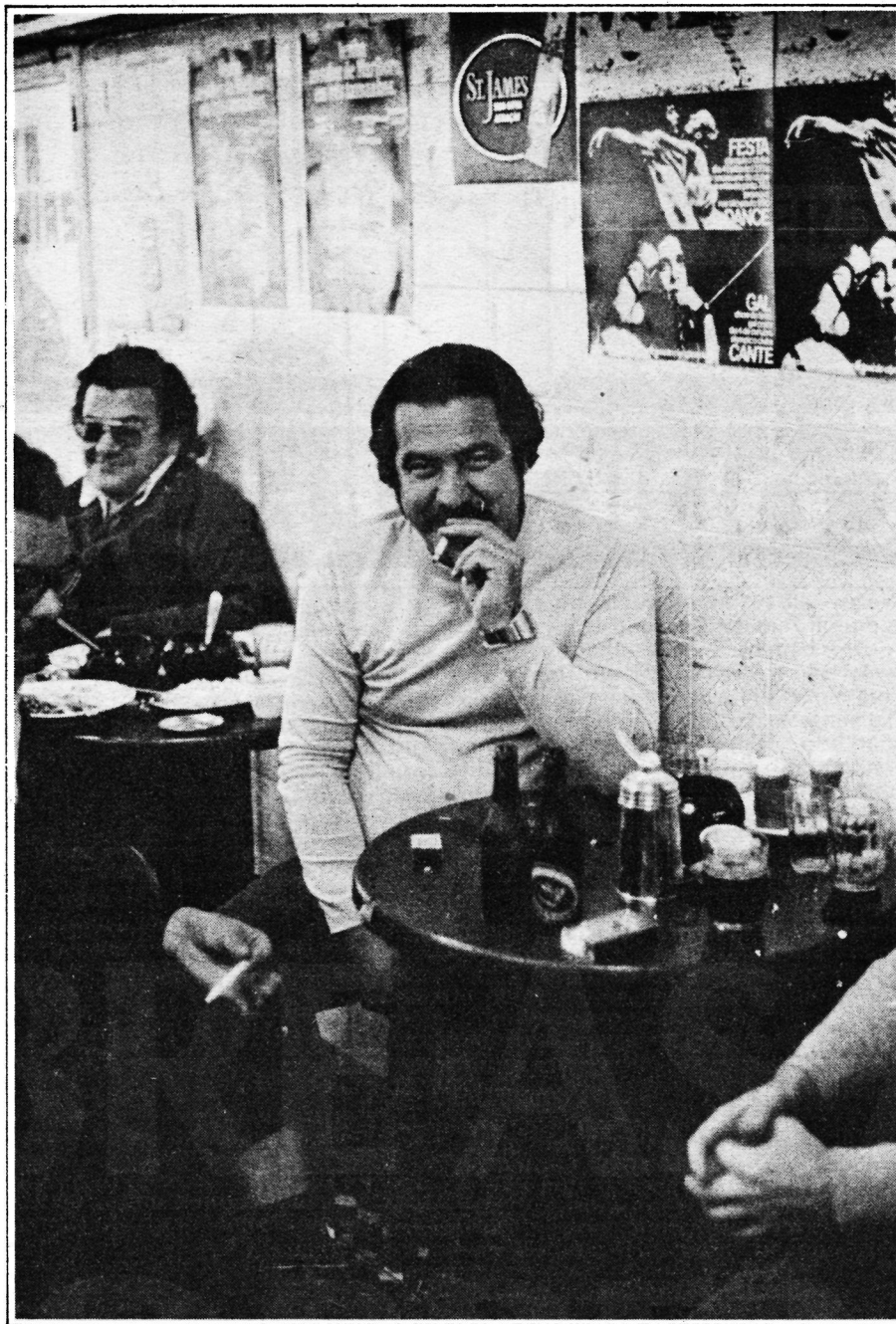
Outra coisa, um time novo de polícia é importante pra criticar, para vigiar - não desmerecendo quem está aí - o nosso mecanismo policial e a nossa criminalidade. É a eterna briga.

Um jornal de polícia critica, aponta, senão seria tudo no segredo. Aí você veria o que ia ser bom, o cemitério enchendo cada vez mais e todo mundo calado...

Acho o seguinte para essa rapaziada que tá cursando faculdade de jornalismo, com um monte de teoria, de Gutenberg na cabeça, despejada todo o mês: o lírio é branco, mas a raiz deve ser preta porque fica na lama.



# Mais um escritor fedido



## CHEGA DE MASTURBAÇÃO

Entrevista e foto de Cláudio Faviere

Couve, linguiça, feijão, ovo e arroz. Cachaça da pura. "E, é, mulata!", grita o escritor Wander Pirolí. Mais uma Caracu gelada! O boteco fica ao lado do jornal **O Estado de Minas**, em Belo Horizonte. Nas outras mesas, mais jornalistas, publicitários, o escritor Roberto Drummond ao fundo, filósofos de botequim, boêmios. Fala-se de literatura:

- O sujeito não tem onde publicar, então o concurso é um canal. O João Antônio praticamente ressuscitou com o prêmio do Paraná.

Pirolí também ganhou prêmio do Concurso do Paraná, com os contos **Crítica da Razão Pura** e **Os Camaradas**, do livro **A Mãe e o Filho da Mãe** (duas edições até agora: uma de 1000 exemplares em 66; outra de 3000 recentemente). Seu livro é **O Menino e o Pinto do Menino**,

duas edições este ano, somando 5000 exemplares em 2 meses. O próximo será **A Máquina de Fazer Amor**, histórias do bairro operário da Lagoinha, onde ficava a zona e onde Pirolí viveu até casar (tem 4 filhos). Agora ele vive num apartamento comprado pelo BNH e ganha 7 mil cruzeiros em dois empregos, de manhã como redator na Câmara Municipal, à tarde como editor de polícia em **O Estado de Minas**.

Eis o depoimento de Wander Pirolí: - No fundo eu me considero um privilegiado e tenho até uma certa vergonha, da gente ser um pouco feliz sozinho, sabe? que lá fora o trem tá feio. Tá feio demais.

Eu acho que o grande desafio que nós temos que enfrentar é esse: ou vamos assumir a nossa realidade, ou o trem está indo pra onde está, e está indo para o

beleléu. Nós estamos nos queixando demais. Isso é uma atitude muito negativa. O nosso povo está vivendo com dificuldade; por que nós estamos querendo uma condição melhor para nós, escritores? Nós temos que viver dentro da dificuldade, nos atolarmos dentro dela mesmo e assumir essa situação.

A minha intenção de divulgar autor novo, quando trabalhei no Suplemento Literário (início de 75), estava esbarrando no tipo de literatura que chegava lá. Me implicava muito um sujeito viver no Piauí, no Ceará, dentro de uma realidade brutal deles - são estados ensolarados, cheios de problemas - e o cidadão me vinha com texto com aquela atmosfera de Kafka, outros aplicando os truques do seu Joyce, tranquilamente. Então a impressão que eles me davam é

de rapazes saudáveis se masturbando diante do espelho, porra! Lá fora cheio de mulheres, a vida lá fora com tantos problemas, e eles presos, parece que estavam presos dentro de um quarto, preocupados com seus probleminhas pessoais, tal. Esse tipo de literatura está entrando aí, sofisticada.

Dá a impressão que eu estou defendendo uma literatura nacionalista. Não estou. Estou defendendo posições de autor nacional. Nós estamos com um problema diante de nós, que é a nossa própria realidade. Na medida em que nós omitirmos diante dessa realidade, nós camuflarmos essa realidade, nós estaríamos fazendo uma literatura de traição. Então uma literatura reacionária.

Que venha o escritor de fora, precisamos deles, precisamos manter um inter-



câmbio com eles. Eu considero o Kafka, talvez o autor mais importante do nosso século. Agora, não podemos ficar presos a ele, ele viveu lá na Tchecoslováquia, dentro daqueles problemas dele. Então ele deu o recado; mesma coisa o senhor Joyce, que abriu porteiros imensas pra ficção, pro artesanato... Mas eles assumiram a realidade deles, que é uma realidade europeia, de países em decadência. O Brasil é um país de 400 e poucos anos, é um país jovem, então nós temos que fazer uma literatura jovem. Nossa literatura não traduz em grande parte a alegria, ou a tristeza, ou a angústia, qualquer coisa do nosso povo. É agora estamos diante de uma grande tragédia do dia-a-dia, e ela não está nos livros. Nós é que estamos nos livros, os autores. Está se fazendo literatura de escritores para escritores. A maioria dos autores é que está nos livros, então o povo não está nos livros. Agora, a culpa não é do povo, a culpa é nossa, e daí essa grande distância que existe entre o autor e o público.

## O Borges é um reacionário. O Cortázar é progressista mas sua obra é reacionária.

Agora, eu tenho uma certa antipatia, quero deixar registrado aí, pela literatura requintada, embora eu leia e goste até de alguns autores requintados. Entre eles eu citaria o senhor Borges. É uma influência nefasta, no Brasil, pelo formalismo. A literatura dele é de forte tendência formalista e artificial. Você pega um livro do Borges, que o título é muito bem aplicado: **Ficciones**. Não tem nada do cidadão argentino comendo um bife ou deixando de comer um bife. É o menos latino-americano que qualquer autor argentino. É um cidadão argentino, muito simpático, um bom sujeito, mas que tem feito literariamente mais mal do que bem. E, se compararmos historicamente, ele perde muito de longe pro nosso velho Machado de Assis, dentro do pequeno mundo dele, o Cosme Velho.

E o cidadão Cortázar, que é o camarada que tem as posições mais extraterrestres, de uma habilidade fora do comum para escrever, e no entanto tem feito uma literatura até certo ponto reacionária, muito elaborada, muito elitista. Isso me preocupa, porque é uma pessoa de maior trânsito, principalmente na área jovem, pelas posições dele, que é um cidadão corajoso. Mas ele gasta, por exemplo, 5, 6 laudas para descrever um cidadão tirando o pullover, ou pra descrever a melhor maneira de subir uma escada. Ele está com um compromisso muito maior pela frente, e usa muito truque formal. Muitas vezes eu sinto que ele está aplicando em cima da pobreza latino-americana. E estamos aí pra aplaudir-lo, e ele tirando essa faixa do bolo, que pertenceria à pobreza do autor nacional, e de outros autores, como o próprio Juan Rulfo, que eu considero um autor extraordinário que não atingiu a faixa de best-seller, pelo menos em termos brasileiros. Mas o tempo é quem dirá quem vai e quem não vai. Eu acredito que Juan Rulfo chegue na frente, tanto do Cortázar como do Borges.

Nós estamos é importando o mundo dos outros, do mundo ficcional do senhor Borges, do mundo ficcional do senhor Cortázar, adotando os mesmos truques deles, quando nós devíamos é aproveitar a esperteza deles, o aprendizado deles, e partir pra nossa jogada.

Não acho que a literatura sofisticada é o que tem de melhor em termos de realidade brasileira: acho que por outro lado é uma forma de fuga. Nós estamos com um desafio lá fora e não podemos voltar a cara pra ele. Se o jovem não tiver um pouco de rebeldia, um pouco de raiva, um pouco de qualquer coisa, nós estamos fudidos, pô! Porque a nossa geração já está indo pro beleléu, quer dizer, ela não conseguiu fazer quase nada. É verdade que muitos de nós esperneamos aí, tal, tentamos alguma coisa, mas a luta não foi fácil. O pessoal não deve amolecer, não!

Nós estamos diante de uma realidade que nos leva ao pessimismo, agora eu não fecho o caminho da esperança, não. Eu tenho uma esperança desgraçada. Então eu acredito demais na função do escritor, como homem público. E o escritor tem de assumir a função de homem público, e tem que fazer a literatura do dia de hoje, dos problemas de hoje e da manhã seguinte. Então não há pessimismo porque eu acredito no dia de amanhã. No fundo, uma literatura pessimista de hoje está voltada pra manhã seguinte. Ela não está fechando portas, não. Pelo contrário: ela está aí pra abrir portas. Talvez esteja batendo, esmurrando portas fechadas, mas existem outras portas abertas. Tá bom, tá fértil, o momento está muito fértil.

Eu gostaria que o pessoal mais novo pegasse o trem pra valer, mas não se omitisse, não procurasse camuflar a realidade, fosse de encontro a ela. E ter a lucidez de entender que o escritor é um homem comum, não é um homem privilegiado. Pra simplificar: o autor nosso sai muito da classe média liberal, e ele se julga com alguns direitos que não foram ainda colocados em dúvida, direito de gozar de privilégios, quer dizer, direito de gozar de mais tempo pra escrever, de mais tempo pra se dedicar às suas coisas. Ainda estão presos a velhos modelos, o autor numa posição muito individualista, livrando sua pele. Tirar seus momentos pra produzir sua literatura, como se a literatura fosse uma coisa à parte, e não é. Ela é um serviço igual outro, o sujeito tem que estar comprometido com a realidade como no serviço doméstico, do carpinteiro, mas nós ainda estamos com a colocação meio elitista do autor.

O ideal seria a reportagem de polícia, a reportagem de rua do jovem escritor, ele partir pra rua, sentir toda a carga em cima dele, mas ao mesmo tempo ele ler os bons autores, tal, pra ele se preparar para fazer o texto dele. Ele se informar.

É chato falar nisso, mas o nosso escritor em geral não está informado. Os melhores escritores nossos não são muito de rua não. O milagre do senhor Guimarães Rosa talvez esteja nisso. Ele partia de cavalo e no meio do caderninho de notas dele tinha pilhas e pilhas de anotações. Achavam aquele sujeito meio doido, e de fato era meio doido mesmo. Mas ele fez o trem, ele trabalhou a linguagem do pessoal. Mas não bastava trabalhar a linguagem, tinha que captar aquele cheiro, aquela coisa que ele trouxe para os livros dele.

## Eu tenho em casa 4 filhos esperando, e esses meninos têm mania de almoçar, jantar...

Se o autor não fizer um livro necessário é preferível não publicar. Quer dizer, como essa história pequena que é **O Menino e o Pinto do Menino**. No sentido de denúncia que eu dou a ele eu considero um livro necessário. E tive outras preocupações: seria possível entrar no mundo infantil sem fadas, sem varinhas mágicas, sem neves, com problemas urbanos? Eu achei boa essa jogada. E o meu desafio era fazer uma história simples e verdadeira. Seria motivar o leitor de hoje, o menino de hoje, pra ler amanhã.

A idéia do livro surgiu com um problema pessoal que enfrentei. No dia da criança – não sei por que burrice ou falta de sensibilidade ou erro de cálculo – nos jardins de infância deram para os meninos um pinto de presente. Então cada pequerrucho saiu com aquele bichinho na mão gritando, piando desgraçadamente em ônibus, na rua. Meu menino recebeu também esse presente de grego. E chegou em casa com ele. Eu fiquei um pouco indignado, porque eu conheço um pouco de criação de galinhas – já mexi com galo de briga. Eu sei que a possibilidade de um pinto de um dia morrer é muito maior que de viver. Pra viver teria que se tomar cuidados excepcionais. E pinto em apartamento não tem possibilidade não. Tem porta-

ria, tem milhares de regulamentos proibindo.

Bom, o garoto surgiu com o pinto lá, e eu estava com esse problema dentro de casa e eu sabia que ele ia sofrer com isso. Eu já estava sintonizado, sabia que o meu menino ia ter a primeira experiência gratuitamente diante da morte. Ele

## Nós somos mesmo desorganizados. Mas é um defeito até alegre, um pouco de desorganização é bom.

estava se afeiçoando ao pinto como se afeiçoasse a um aviãozinho de plástico, a um carrinho. Parece que essa história boba, tola, infantil, começou a tocar as pessoas, e está entrando naturalmente nas escolas sem esquema nenhum, algumas professoras estão divulgando.

Achei que era infantil porque eu fiz teste com uma criança de 9 anos. Pedi que lesse, leu e se emocionou. Puxa, se eu consegui emocionar uma criança de 9 anos, vou experimentar com um adulto! O André Carvalho, o editor, já gostava da história e queria editar. Ela já estava pronta há 3 anos, mas eu mantinha uma certa reserva, não acreditava muito não. Pedi ao Geraldo Magalhães, que era o meu chefe lá na Imprensa Oficial, pra fazer a revisão dos originais pra mandar pra editora. Quando eu voltei à sala dele pra pegar os originais ele estava chorando, sabe? Então eu fiquei muito realizado com isso, pela possibilidade da história provocar emoção nos outros. O autor, em média, foge da emoção como o diabo da cruz, ele acha que isso compromete a qualidade da obra dele. O sujeito está mais nos truques formais, está mais apelando, né? Eu tentei fazer a história simples, deu resultado.

Esse é o meu 2º livro. O 1º é **A Mãe e o Filho da Mãe**. São contos escritos de 52 a 72. O conto base – **A Mãe e o Filho da Mãe** – é absolutamente autobiográfico. O personagem central – o condutor de bonde – era conhecido meu do bairro da Lagoinha, onde eu nasci e vivi.

O bairro é marcante porque tem características muito próprias de Belo Horizonte. Era onde ficava a putaria, a parte boêmia da cidade. Tinha a praça da Lagoinha que era um dos pontos mais famosos da cidade. A partir dela tinha a parte residencial, um pouco de classe média e o resto trabalhadores. Terminava então essa parte residencial, nós subíamos para Pedreira Prado Lopes, de um lado, e o Buraco Quente de outro, onde a maioria da população era de operários, mas havia também marginais.

Não tinha na época as conotações de hoje. Quer dizer, a violência era mais individual, refletia numa briga no braço, na navalha, eventualmente alguém morria a facadas, ou a tiros; mas as brigas eram normais, faziam parte do calor do bairro. O bairro também era modelo, quer dizer, as pessoas viviam bem, não era perigoso não. Era perigoso pras pessoas que moravam na parte sul da cidade, gozava de mau conceito; pra nós que

## Há muita gente esperando, mas nós temos culpa também: o Brasil é um país ocupado!

vivíamos lá era um bairro excelente pra viver. Eu estava mais ou menos colocado como os demais: minha família era operária, meu pai era pintor de máquinas, operário mais especializado. A gente era descendente de italiano, a cúti mais branca. Isso, na época de 1950, abria mais portas. Hoje não! Hoje o negócio está mais fácil, o preconceito é mais de ordem econômica; na época tinha outros preconceitos vigentes, como de ordem sexual, de cor. A confusão está melhor agora, na época estavam mais delineadas as faixas.

Na época em que eu vivia lá a educação começava pelo futebol, a turma entrava na pelada, e grandes talentos de futebol foram desperdiçados aos 14, 15 anos, quando começavam a entrar no copo. Aquilo ali é como se fosse uma herança passada de pessoa pra pessoa, o bairro tinha uma associação imensa de botequins.

A parte marcante do bairro é que um bairro de trabalhadores: um pouco da classe média e a maioria de operários. Vivi lá até os 26 anos, quando casei.

Na Lagoinha não tinha escritores, lá ninguém pensava nisso não. Dos meus companheiros ninguém mexia com literatura, ninguém tinha inquietação de ler. Havia um concurso promovido pela Prefeitura, um concurso de contos, em que eu entrei com um conto muito engraçado, sem-vergonha, um conto de humor. Foi o primeiro que eu fiz. Nessa época eu estava estudando contabilidade, e coincidiu desse conto ser premiado pela prefeitura e publicado no **Estado de Minas**. Então o pessoal achou muito engraçado ter um camarada que escrevia. Isso pertence a um folclore, difícil de explicar para os outros. Isso era muito próprio do bairro, não tinha ninguém que escrevia, tinha poucas pessoas que

## O escritor é um militante. O partido dele é o Partido do Homem. Fora disso ele está no onanismo.

liam – o médico, o farmacêutico, essas coisas. O fato é que meus companheiros estranharam, acharam muito engraçado o cidadão de repente aparecer no jornal com uma matéria publicada.

Quando entrei pra faculdade de Direito ainda morava na Lagoinha. Seria mais uma prestação de contas com a família operária que queria ter um filho formado. Eu não queria estudar, não estava nessa não. Sai da Lagoinha em 58, mas estou ligado ao bairro emocionalmente até hoje, é um lugar até onde evito voltar porque através dos velhos companheiros eu recebo uma carga de emoção muito grande. Às vezes pra visitar o bairro, as pessoas se encontram no botequim, e é preciso ter um preparo físico extraordinário pra acompanhar, embora eu tenha um bom preparo, tenho uma caixa boa pra isso. Mas a carga emocional é a seguinte: a gente vê os velhos companheiros que estão na pior, ou morreram, ou estão encostados no Instituto. Isso é uma ameaça que pesa sobre nós todos. Quer dizer, pesa um pouco.

Eu considero o seguinte: todo escritor está engajado, queira ou não queira. De um lado ou do outro, ele está comprometido com a realidade. Não adianta ele querer bancar o espectador. Não sou elemento partidário, a não ser naquele sentido maior que o escritor é um militante, que o partido dele é o da vida, é o partido do homem. Nesse ponto eu acho que o escritor é um militante. Se ele estiver fora dessa, ele está no onanismo. É um outro problema.

Eu não estou defendendo uma literatura política, mas uma literatura participante da realidade. O pessoal está muito como espectador, está todo mundo de palanque. O Brasil é um país culturalmente ocupado, tem os sintomas mais alarmantes aí, não só na literatura, mas também no rádio, na televisão, afinal em quase todos os meios de comunicação. O Brasil está ocupado.

O autor nacional tem esperneado, escritor é uma raça muito difícil, e bastante desunida. Há muita gente esperneando, mas a verdade é a seguinte: nós temos uma grande parte de culpa. O tipo de literatura que nós estamos fazendo, eu tenho absoluta certeza, porque eu sou homem de rua, não é a literatura que eles estão esperando de nós. Nós estamos muito aquém da tragédia brasileira.



# OS CAMARADAS

Wander Pirolí

Com o embrulho na mão, o rapaz de cabeça raspada sobe os dois lances de escada e se dirige ao tipo de japona que está debruçado no alpendre:

- Bom dia.

O outro volta-se pesadão, a cara quadrada.

- Por favor - diz o rapaz - eu queria falar com Mário Ribeiro.

- Repete o nome

- Mário Ribeiro

- Ah - o tipo de cara quadrada inspeciona o rapaz, o embrulho.

- Eu trouxe pra ele - explica o rapaz.

- Ah, trouxe? Espera aí.

O cara quadrada entra no casarão. Parado na soleira da porta e com o embrulho em ambas as mãos, como se estivesse segurando uma bandeja, o rapaz ouve:

- Tem gente querendo o Mário Ribeiro.

- Hein?

- Lá fora, um rapaz com cara de fome.

- Você está bêbado - responde uma voz gorda, sonolenta.

- Bem, o rapaz está lá esperando.

- Certo. E para onde você o mandou?

- Ele trouxe um embrulho - informa a voz arrastada do cara quadrada.

- Então manda entrar, manda. Vai lá.

- Entre - diz o cara quadrada, de volta.

Passam por uma sala enorme: dois bancos encostados às paredes; telefone, máquina de escrever e carimbos em cima de uma velha mesa. No outro cômodo - uma saleta - tem um homem vermelho, redondo, afundado na poltrona com jornal aberto no assento ao lado.

- Sim senhor - cumprimentou o rapaz.

O homem da poltrona levanta as pálpebras empapuçadas e põe lentamente os olhos sonolentos no rapaz. Um olhar profissional, metucioso. O rapaz muda o embrulho de mão.

- Será que eu podia falar com Mário Ribeiro?

O gordo deixa o cigarro cair no assoalho, pisa-o, sem esfregar para que ele apenas se apague.

- Muito bem.

Respira fundo. A barriga se move, gelatinosa, debruçada até quase os joelhos, ocultando parte das pernas grossas e repentinamente curtas.

- Você então quer falar com o dr. Mário Ribeiro, certo?

- Sim senhor.

O gordo aprova com a cabeça:

- Então é verdade. Muito bem.

Sua voz é volumosa, como a de quem fala com a boca toda e não apenas com os lábios:

- Você sabe se ele pode receber visita, meu jovem?

- Bem, eu - o rapaz tenta justificar-se.

- Pois não pode.

- O senhor me desculpe, eu não sabia.

- Certo.

O gordo fixa o olho empapuçado no embrulho: duas manchas gordurosas começam a aparecer no papel de padaria.

O rapaz exhibe o embrulho.

- Eu trouxe.

- Parece - interrompe o gordo - que você não é do esquema, certo?

- Sim senhor.

- Sim senhor?

- Oh, não. Não senhor

- Certo. Mas me diga uma coisa. - O gordo fecha as pálpebras enormes - Ah, estou achando, quem sabe? É uma gente esperta, muito esperta - Levanta as pálpebras de repente: - Afinal, é ou não é?

O rapaz inquieta-se. Olha para o cara quadrada, até então omisso, e que agora sorri - um sorriso rápido, mecânico - enquanto o rapaz transfere novamente o embrulho de mão. No papel, as manchas de gordura vão se alastrando.

- Ora - torna o gordo - eu tenho obrigação de fazer perguntas, saber coisas. Por exemplo: qual é o seu nome?

- Carlos - o rapaz responde afoitamente.

- Nome todo, meu jovem.

- Pereira. Carlos Pereira.

- Certo. Então estamos na seguinte situação, por enquanto. Carlos Pereira veio falar com o dr. Mário Ribeiro. Certo?

- Eu vim foi para

- Sim ou não?

- Sim, mas

- Sim, sem mas.

- Por favor.

- Está bem, fale.

- Eu vim mais foi para trazer isto. - O rapaz mostra o embrulho e olha, para um lado e outro, procurando um lugar para deixá-lo. Mas a saleta tem apenas a poltrona e meia dúzia de papéis pregados na parede encardida, ao lado do basculante, através do qual se vê do outro lado da rua um botequim de duas portas.

- É um nome comum - observa o gordo - Carlos Pereira. Acho que já vi antes. Onde você trabalha, meu jovem?

- Sou bancário.

- Ah, seu espertinho.

- Sou bancário, sim senhor.

- Certo, certo. Mas conta para mim qual é mesmo o banco que você falou.

- Banco Hipotecário.

- Isto, rapaz. Hipotecário. Então você é colega do dr. Mário, certo?

- Bom, de certa forma.

- Sim ou não?

- Sim.

- Por que você disse de certa forma?

- Não sei.

- Não sabe? Vamos ver. Vocês trabalham juntos, uma mesa aqui e outra ali?

- É isso que queria dizer. Mário era de outra seção.

- No mesmo andar, certo?

- Sim

O telefone chama na outra sala, o cara quadrada sai e logo em seguida eles ouvem a voz arrastada. "Putá que pariu, cu da mãe", e depois a batida do fone no gancho. O rapaz volta-se para a porta, não vê ninguém. O gordo procura algu-

ma coisa nos bolsos de dentro do paletó. Um lenço. Enxuga o rosto vermelho, inspira fundo, pousa o olhar sonolento no rapaz.

- Deixe-me ver. Você e o dr. Mário eram colegas e agora você veio aqui, com esse embrulho, e que falar com ele, certo?

- Mamãe preparou pra ele - informa o rapaz

- Ah, quer dizer que sua mãe então é do esquema.

- Não, não, por favor.

- Ela não fez o prato?

- Fez sim, mas ela nunca viu o Mário. Eu é que falei com ela que tinha um colega de banco que estava

- Certo, certo. Você ia dizendo estava?

- Está aqui - corrige o rapaz

- Certo. Continue.

- Nós estávamos comendo hoje na mesa e então mamãe lembrou. Foi só isso. Mamãe fez o prato e eu vim trazer.

- Bem - O gordo se mexe na poltrona, faz menção de cruzar as pernas, desiste. - Mas tem um problema. O dr. Mário Ribeiro Não pode receber visitas.

- Se o senhor não se incomoda - apressa-se o rapaz - eu posso deixar o embrulho.

O gordo enfia o cigarro entre os lábios carnudos, mas não acende - o isqueiro minúsculo na mão inchada, cabeluda. Os olhos obesos fixam ora o embrulho, ora o rosto aflito do rapaz.

- Eu vim mais pra trazer. Se o senhor.

- Certo. Afinal hoje é um dia importante. Natal, certo?

- Sim senhor.

- Vamos ver. Aproxima-se.

O rapaz dá um passo à frente.

- Você agora abre o embrulho.

Afobado, o rapaz começa a desatar o barbante.

- Pode colocá-lo aqui na poltrona.

O rapaz agacha-se tira o barbante e abre o papel gorduroso. O gordo procura saborear o cheiro de frango assado, sorri.

- Você parece ser um bom rapaz, certo?

- Tira o cigarro ainda apagado, da boca: - Garcia

O rapaz ergue-se, assustado, e o cara quadrado aparece.

- Garcia, vai buscar o dr. Mário Ribeiro.

O cara quadrada não se move.

- Vai buscá-lo.

Mas, doutor.

- Ordem. Certo?

Agora o gordo, afastando as dobras do papel, examina com modos de bom gourmet, o frango e companhia: macarrão, pedaço de pudim envolto em papel de seda, garfo e colher.

- Foi sua mãe que fez?

- Sim senhor.

- Bom, muito bom o cheiro. Você sabe o que tem dentro do frango?

- Farofa.

- Certo. Só farofa?

- Farofa com ovo e miúdo de frango.

- O que é que você acha de abrimos o frango para ver se a farofa está mesmo boa?

- O senhor quer que eu abro ele?

Oh, não. Não podemos fazer uma coisa desta, certo?

- O senhor é que sabe.

O gordo fecha as pálpebras pelancosas por um momento, bate com a palma na perna curta e grossa:

- Escuta aqui, meu jovem. Pode levar o embrulho para a outra sala. Vai para lá, senta no banco e espera o seu amigo. Certo?

- Sim senhor.

O rapaz pega apressadamente o embrulho.

- Muito obrigado.

Sentado num dos bancos da sala, com o embrulho semi-fechado no colo, o rapaz estende as duas mãos. Trêmulas. Esconde-as por baixo do embrulho, olha para as tábuas largas e gastas do soalho, as paredes sujas, o teto alto, também de tábua algumas empenadas, teias de aranha nos cantos. Pela porta de entrada ele vê uma parte do alpendre, as grades enferrujadas, o corrimão carcomido, os ladrilhos irregulares. Através da janela, telhas e velhas mangueiras. A outra porta, que dá para o interior da casa, está fechada. A rua manda-lhe os ruídos do trânsito.

O rapaz começa a inquietar-se, põe o embrulho no banco, levanta-se.

Caminha até a mesa, escura, observa a máquina de escrever, bate de leve no teclado, recua. Olha na direção da saleta do gordo, vê apenas um dos braços da poltrona. Mais dois passos e lá está ele: vermelho, os olhos fechados, os braços caídos ao lado do corpo, a barriga enorme movendo-se ao ritmo da respiração.

Senta-se novamente, entreabre ligeiramente o embrulho, torna a fechá-lo, ajeitando as dobras do papel com as mãos trêmulas. Olha para a porta fechada, estala os dedos, passa a mão na cabeça raspada, olha a mão suor. É um rapaz branco, de olhos assustados, que agora vê a porta se abrir e o cara quadrada atravessá-la e passar por ele, sem uma palavra, sem sequer olhar em sua direção, e entrar na saleta. Levanta-se, como se fosse acompanhá-lo, torna a sentar-se, inclina o corpo para o lado da saleta. Não ouve nada.

O cara quadrada reaparece na porta da saleta:

- Vem cá.

Encontra o gordo na mesma posição em que o vira antes, mas percebe que ele está acordado.

- Muito bem - diz o gordo, erguendo as pálpebras. - Acontece que estamos com um problema.

- Sim senhor -- Admite o rapaz.

- Quedê o embrulho?

- Ah, eu deixei lá no banco.

- Não precisa buscá-lo.

O gordo revolve os bolsos, a mão obesa surge com uma nota de dez cruzeiros.

- Garcia, apanhe uma carteira.

O cara quadrada sai com o dinheiro.

- A questão é simples - torna o gordo. -

Apenas um detalhe que me passou despercebido. Como foi mesmo que ficou sabendo que o dr. Mário Ribeiro estava aqui?

Uai - o rapaz sorri, aliviado. - Todo mundo sabe.

- Todo mundo?

- Quero dizer, lá no banco.

- O pessoal todo sabe que ele está aqui, certo?

- Sim senhor.

- Quem, por exemplo? Cite um nome.

O rapaz atrapalha-se. Olha pelo basculante e vê o cara quadrada encostado no balcão do botequim, do outro lado da rua.

- Vamos, meu jovem.

- Eu vi também nos jornais - responde o rapaz.

- Certo. Mas vamos aos nomes lá do banco.

- Desculpe, por favor. Foi um engano meu. Eu vi mesmo foi nos jornais e os meus colegas também viram. Foi isso.

- Qual jornal?

- Nos jornais.

- Qual?

- Acho que foi no Jornal do Brasil.

- Certo. Vamos supor que tenha sido no Jornal do Brasil. Prove.

- Por favor, como é que eu vou provar?

- Mostrando-me o jornal, o recorte.

- Eu li, só. Não guardei o jornal, eu não sabia.

- Não sabia o quê?

- Uai, eu não sabia que tinha que guardar.

- Sua mãe também viu?

- Não senhor. Eu é que falei com ela.

- E o que ela disse quando você falou com ela?

- Nada.

- Nada? Ela deve ter falado alguma coisa.

- Não me lembro. Acho que ela falou: coitado. Foi isso.

- Então ela disse coitado, certo?

- Não, não.

- Sim ou não. Antes você disse sim.

- Mas ela não disse não.

- Disse não ou disse coitado?

- Não senhor. Ela não disse nada.

- Por que então você disse que ela disse coitado?

- Foi engano. Ela não disse nada.

- Muito bem.

O cara quadrada entrega o maço de cigarros Minister para o gordo, que tira a fitinha, corta o selo com a unha do dedo mindinho, retira um cigarro e deixa-o na boca sem acender.

- Olha - torna o gordo. - Nós estávamos indo bem. Você é um bom rapaz, mas agora me criou um problema.

- Por favor.

- Infelizmente - explica o gordo - um problema que eu não posso resolver. Você vai ter que esperar o dr. Soares.

- Mas por que? - exalta-se o rapaz.

- Calma, meu jovem.

- Me explique, pelo amor de Deus.

O gordo acende o cigarro, lenta e meticulosamente.

- É com o dr. Soares, certo.

- Dr. Soares demora?

- Às vezes.

- Mas hoje é natal, será que ele vem?

- Provavelmente.

- Por favor. E se o dr. Soares não vier?

- Se o dr. Soares não vier hoje, amanhã ele vem. Amanhã é certo.



# A MORTE DE VLADO

Nós não sabíamos de nada. E agora?

- Olha... você já soube do negócio do Vlado?

- Não, não tô sabendo de nada.

- Pois é, você sabe que ele tinha se apresentado, né?

- Não! Não tô sabendo de nada!...

- Pois é, infelizmente ele morreu.

Quem dava a notícia, às 2:30 da madrugada de domingo (26/10), pelo telefone, era Sandro, locutor e funcionário da TV-Cultura, SP. Quem atendeu e ouviu a notícia foi um de nós: Mylton Severiano da Silva. Na casa, terminando de assistir à final amadora de futebol, Brasil x México, direto pela TV, outros do Ex: José Trajano e Márcia Guedes.

A voz de Sandro, normalmente um vozeirão, soava grave e sem nenhuma entonação:

- ... o II Exército vai distribuir uma nota... eu tô avisando... e você avisa aí os outros caras que são amigos dele também.

De manhã, no domingo, o primeiro telefonema acordou a casa às 8 e meia. Era Ingo Reinaldo; tinha trabalhado com Vlado na TV-Cultura por uns dois anos, assim como, por um período um pouco menor, tinham trabalhado com ele no mesmo telejornal, Mylton Severiano, Narciso Kalili, Palmério Dória de Vasconcelos, Ex-editores. Todos chegaram a trabalhar juntos, entre 73/74, durante a primeira vez em que Vladimir Herzog entrou para a TVCultura.

- Olha, Myltainho, eu tô indo pra casa da Clarice (mulher do Vlado)... Olha, eu

acho que o enterro é hoje mesmo. Em todo caso, faz o seguinte: eu vou te deixar o telefone da Clarice, e mais tarde você liga pra lá e se informa, tá legal? - dizia Ingo, um amigo mais chegado de Vladimir.

Nessa altura, muitos já sabiam, outros começavam a saber. Em casos como este, os jornalistas já se habituaram a recorrer ao único jornal que eles sabem que vai dar alguma coisa: O Estado de S. Paulo. É hábito também folheá-lo, atentamente, à cata do que os jornalistas mesmo chamam de "pirulito", a nota de uma coluna. Ao pé da página 44, no Estádio de domingo, 26/10, podia-se ler:

**"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo divulgou nota oficial comunicando a prisão do jornalista Vladimir Herzog, do Departamento de Jornalismo da TV-Cultura, ocorrida ontem. Vladimir encontra-se no Departamento de Operações Internas do II Exército, onde se apresentou ontem de manhã para prestar depoimento."**

A nota apresenta, ainda, o nome dos jornalistas que se encontram presos naquele Departamento: Sérgio Gomes, Marinilda Marchi, Paulo Sérgio Markun, Ricardo de Moraes Monteiro, Luiz Paulo da Costa, Anthony de Christo, Frederico Pessoa da Silva, Rodolfo Konder, Luiz Vidal Pola Galé e George Duque Estrada. Ontem, parente de Maria Theresa Egger Moellwald - mulher do jornalista Duque Estrada - anunciou sua prisão, ocorrida

em sua residência na noite de sexta-feira.

**Em Santos, o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Moacir de Oliveira, foi preso na sexta-feira por elementos que se identificaram como sendo do II Exército."**

Myltainho, Narciso e Palmério relembram agora para o EX:

"O Vlado chegava sempre no meio da tarde, aí pelas 4 e meia. Naquela época ele era uma espécie de secretário do telejornal. Era de chegar trabalhando: pegava a pauta, lia imediatamente com uma atitude muito sua, a de coçar alguns cabelos do alto da cabeça, de pé, e o papel na outra mão. Sua função era editar e botar no ar o telejornal que nós fazíamos, com uma equipe de mais de 20 pessoas. Ou seja, às 21 horas em ponto, com script na mão, ele acompanhava da técnica os 30 minutos de "Hora da Notícia", como um responsável e representante da redação, ali na hora, no estúdio. Lembramos dessas imagens de Vlado depois de termos visto a notícia acima, no Estádio. Na véspera de morrer, apesar de ser agora, nessa sua segunda entrada na TV-Cultura, diretor do telejornal, Vlado desempenhou praticamente as mesmas funções. Foi o último "Hora da Notícia", que ele colocou no ar, na sexta-feira".

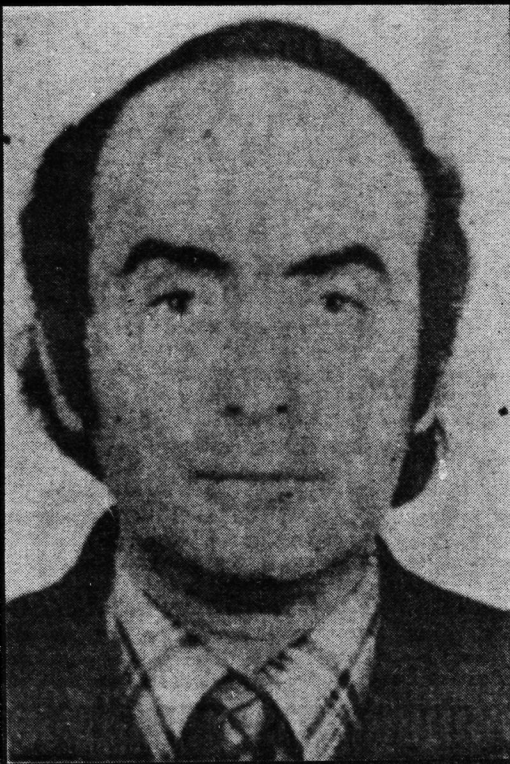
O domingo já tinha amanhecido com cara de dia pesado: cinza no tempo e no interior de todas as pessoas atingidas pelas notícias, ainda boca-a-boca. Cada pessoa, ao ouvir a notícia da morte

de Vlado, sentia-se como que atingida por uma bomba de medo, perplexidade!

Sem segredo, de maneira geral todos os jornalistas da cidade de São Paulo se conhecem, mas, se normalmente pouco se comunicam entre si, a partir da notícia se uniram em torno das informações. Ou da falta delas. Até o meio-dia eles se telefonavam de redação para redação, de casa para casa, à procura de amigos e pessoas que soubessem dos fatos. Ainda se pensava que o enterro seria naquele mesmo dia e aguardava-se uma nota oficial prometida pelo II Exército. Tudo era um choque só: a prisão, a morte e a notícia de que, ao comunicar o fato ao Presidente da Fundação Padre Anchieta (TV-Cultura), Rui Nogueira, as autoridades haviam adiantado a causa-mortis - suicídio.

Era inacreditável! Uma tragédia. Passamos todos a vivê-la, intensamente. Alguns jornalistas começaram a marcar encontro no Sindicato, no centro da cidade, próximo às redações. Outros amigos, jornalistas, intelectuais, políticos de outros Estados, avisados, começavam a rumar para São Paulo.

Nós, nesse meio tempo, procurávamos saber como Vlado tinha sido preso. Não tinha sido. Na sexta-feira, entre 20 e 21 horas, tocou a campanha na casa de Vladimir Herzog. Um sobrado de fundos, no fim da rua Oscar Freire, uma travessa da rua Augusta. Clarice Herzog, 34 anos, casada com Vlado há mais de 10 anos, mãe de André (7 anos) e Ivo (9 anos), atendeu. Dois senhores, recém-





# A MÃE: "NÓS FUGIMOS DO NAZISMO"

saídos de um Corcel, perguntaram pelo marido. O motivo da visita: encomenda de um **free-lancer** (um trabalho extra) a Vlado.

Dezenas de pessoas haviam sido presas em São Paulo nos últimos dias. E na própria sexta, mais três jornalistas tinham sido detidos (Rodolfo Konder, da revista **Visão**; George Duque Estrada, de **O Estado de S. Paulo**; e José Vidal Pola Galé, da **Agência Folhas**), conforme o jornalista Júlio de Mesquita Neto havia divulgado durante o dia, na última sessão da XXXI Assembléia Anual da Sociedade Interamericana de Imprensa, a SIP, realizada no Hotel Hilton. Clarice fez ver aos dois estranhos que Vladimir não estava interessado em trabalhos extras.

Os homens se retiraram, Clarice pegou os dois filhos e na Belina do casal foi buscar o marido na televisão. De casa até lá, não deve ter levado mais de 25 minutos, para cortar a região dos chamados Jardins e alcançar uma das maiores avenidas periféricas da cidade, a Marginal do Rio Tietê. A televisão fica ali, ao lado da ponte para o Bairro do Limão - Freguesia do O. Atrás de uma indústria, numa rua-zinha em curva que praticamente comporta apenas o trânsito de funcionários e visitas da TV. Por isso, a rua de apenas duas quadras tem o nome de um jornalista falecido na década passada, Carlos Spera, ex-repórter de televisão. Quem chega, da rua só vê o muro e as edificações mais altas. O portão principal vive fechado, só abre para carros da Fundação Padre Anchieta ou de seus diretores. É à esquerda desse portão que fica a portaria, com funcionários para identificar quem chega. Quem não trabalha na Casa é obrigado a deixar um documento com o porteiro e preencher uma ficha de identificação para poder entrar. A televisão é um conjunto de galpões, separados por espaços gramados. É neste cenário, rua Carlos Spera, 179, que se desenrolarão as cenas de tentativa de prisão de Vladimir Herzog, nesta noite de sexta-feira, após 21:30 horas.

"Conheci o Vlado há pouco mais de 1 ano quando fui trabalhar na TV-Cultura. Trabalhamos juntos naquela vez por uns 3 meses.

No fim de 74, Vlado deixou a Cultura para ficar só na Visão até que nos reencontramos novamente na Cultura agora no começo de setembro. Foi a convite dele que passei a ser um dos editores do "Hora da Notícia".

No começo da madrugada de domingo, quando recebi o aviso que o amigo Vlado estava morto, o que senti foi terrível. Eu havia acompanhado tudo na sexta-feira. Naquele dia à tarde, Vlado veio sorrindo ao meu encontro na redação. Embora diretor, ele mesmo se escalava para trabalhar aos sábados. Ele me pedia que fizesse pra ele aquele sábado; estava muito cansado e queria passar um fim de semana diferente com a família.

Naquela tarde, ele mesmo dirigiu a edição do telejornal; e foi comigo (às 21

horas) acompanhar a transmissão do "Hora da Notícia". Quase no fim do programa, desceu para ir à lanchonete. No fim da escada, os dois agentes já estavam à espera dele.

Logo depois fui avisado e descendo correndo para encontrar o Vlado com os dois homens no corredor que dá para o portão da TV. Um colega repórter, Chico Falcão, já estava lá e eu fiquei junto. Não deve ter demorado um minuto pra chegar a Clarice e os dois filhos. Vlado se afastou um pouco e disse pra ela ir para o sítio com as crianças que ele iria depois. Ela percebeu e encostou também. Vlado explicou que aqueles dois homens eram agentes e estavam ali para levá-lo. Clarice afastou as crianças. Vlado fez menção de andar com os dois agentes até a porta da saída, quando o meu colega ponderou que ele não poderia ir sem antes dar as instruções para um programa que ainda seria transmitido naquela noite e para uma reportagem que deveria ser feita no dia seguinte. Um dos agentes retrucou que não poderiam esperar. "Ainda temos que passar em outros lugares". Vlado pediu que esperassem um pouco. Ele era o diretor-responsável e eles podiam acompanhá-lo. Só por isso chegou a voltar à redação, onde os companheiros já se mobilizavam para conseguir a interferência da Presidência da Fundação. Que me lembre, nunca vivi antes momentos de tanta tensão. Eu não ignorava, é claro, esse tipo de coisa. Mas nunca tinha assistido a qualquer prisão e muito menos à prisão de um amigo sem saber por quê, porque não há papel. Além disso, era noite e, no máximo, só se poderia presumir para onde ele seria levado.

Fiquei na redação sem condições de fazer nada, se é que alguém tinha condições de trabalhar naquelas circunstâncias. Só as crianças me pareciam tranquilas. E quanto a mim, muito mais controlado me parecia o Vlado a dar de ombros quando sua mulher lhe perguntou se estava tranquilo e a confirmar depois que estava com a receita médica.

Ainda por interferência do colega repórter (Chico), o superior dos 2 agentes concordou, por telefone, em permitir que o Vlado continuasse em seu local de trabalho até as 11 da noite, enquanto era providenciada a localização de alguém para substituí-lo.

Nesse período, um dos agentes permanecia sentado num canto da redação e o outro se mantinha perto do portão. Às 11 e 5, o homem que estava lá fora voltou a entrar, quando se aproximou do Vlado, falou: "Bem, o senhor cumpre ordens e eu também estou cumprindo ordens. Mas chegamos a um acordo e então o senhor pode continuar seu trabalho. O senhor deve se apresentar amanhã cedo (sábado, 25/10/75), na rua Tomás Carvalhal, 1030." Pergunta do Vlado: A que horas?

R - Às oito.

P - Devo procurar por quem?

R - Capitão Borges (foi o que entendi). Vlado - Estarei pontualmente lá. Agradeço a compreensão dos senhores. Boa noite.

Pra mim, foi um grande alívio.

Fiquei ainda uns 10 minutos na redação. Vlado parecia agora totalmente tranquilo e satisfeito em saber que, ao menos, poderia passar a noite em casa. Ele sabia dos seus colegas que estavam presos e me disse que estava absolutamente tranquilo quanto a si. E depois: "Espero, apenas, que possamos conversar cavalheirescamente".

Disse-lhe que não esqueceria suas recomendações para o jornal de sábado e nos despedimos com um forte abraço.

Sábado à tarde, na redação, sabíamos apenas que ele havia se apresentado no horário.

A noite, a única versão era a de que ele talvez não sairia antes da segunda-feira.

A edição de sábado do "Hora da Notícia" foi ao ar novamente e sobre o filme de abertura saiu a legenda: Diretor-Responsável - Vladimir Herzog. Vlado tinha assinado o jornal depois de morto". (Demétrio Costa fez este relato antes do presidente Rui Nogueira ter recebido determinação do secretário de Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, proibindo seus funcionários mais graduados de dar qualquer declaração sobre o fato. Demétrio, 27 anos, é editor de "Hora da Notícia" e chefe de redação das rádios Tupi e Difusora. Jornalista há 11 anos: começou com 16 incompletos, redigindo para o programa "Primeira Hora", da Rádio Bandeirantes de São Paulo.)

A sede própria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo é um andar inteiro, na sobreloja de um edifício-galeria da rua Rego Freitas, atrás do Hotel Hilton e do velho Teatro de Arena. Ao lado do "Som de Cristal", a mais tradicional casa de danças da cidade. É ponto de grande movimentação noturna, principalmente em fins-de-semana. Mas, durante o dia, nos domingos, a Rego Freitas fica deserta.

À tarde, nesse domingo, dia seguinte à morte de Vlado, os jornalistas que se aproximavam de seu Sindicato podiam reconhecer, entre os transeuntes, colegas de profissão; um balançar de cabeça e um aceno de mão eram os cumprimentos silenciosos. Nós estávamos sedentos de informações e ainda queríamos saber o que fazer.

O presidente do nosso Sindicato, Audálio Dantas, que tinha ido a uma reunião da classe em Presidente Prudente (500 km da capital), avisado por telefone na madrugada de domingo, era um dos jornalistas que chegavam. Havia conseguido o 16º lugar num avião Bandeirante (15 lugares) e já assumia a liderança das ações. Procurou contato com a família de Vladimir. E nos contou o encontro que mais o emocionou, com Dona Zora Herzog, a mãe de Vlado (o pai, Zieg-mund, morreu há cerca de 3 anos).

- Cheguei, me identifiquei como presidente do Sindicato, ela me abraçou chorando: "Nós fugimos do nazismo e escolhemos o Brasil porque achávamos que era um país de liberdade". Fiz força para não chorar, pela primeira vez.

Quando alguns de nós chegávamos ao Sindicato, domingo à tarde, outros colegas saíam: iam ao **Jornal da Tarde**, a redação mais próxima, buscar a nota oficial do II Exército. Eram 16 horas.

"O Comando do II Exército lamenta informar o seguinte:

1) Em prosseguimento de diligências que se desenvolvem na área do II Exército, que revelam a estrutura e as atividades do Comitê Estadual do Partido Comunista, apareceu, citado por seus companheiros, o nome do sr. Vladimir Herzog, diretor-responsável do telejornalismo da TV-Cultura "Canal 2", como militante e integrante de uma célula de base do citado partido.

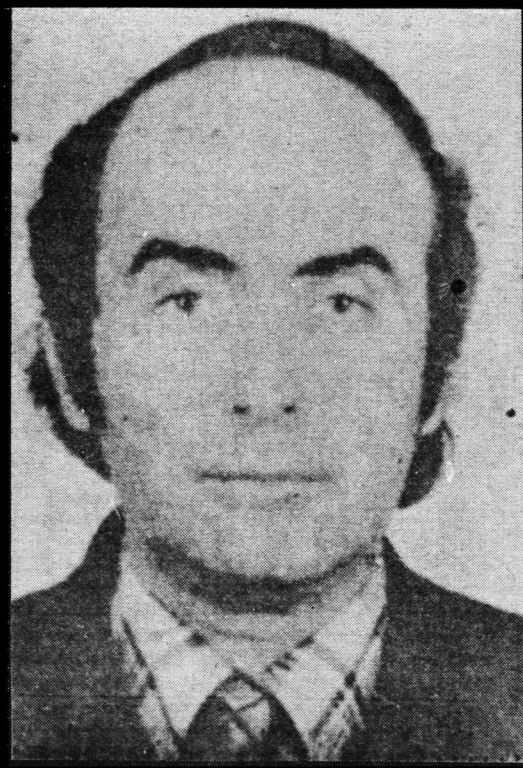
2) Convidado a prestar esclarecimentos, apresentou-se, acompanhado por um colega de profissão, às 9 horas do dia 25, do mês corrente, sendo tomadas por termo suas declarações.

3) Relutando, inicialmente, sobre suas ligações e atividades criminosas, foi acareado com os seus delatores, Rodolfo Oswaldo Konder e Jorge Benigno Jatay Duque Estrada, que o aconselharam a dizer toda a verdade, pois assim já haviam procedido.

4) Nessas circunstâncias, admitiu o sr. Wladimir Herzog sua atividade dentro do PCB, sendo-lhe permitido redigir suas declarações de próprio punho.

5) Deixado após o almoço e por volta das 15 horas, em sala, desacompanhado, escreveu a seguinte declaração: "Eu, Wladimir Herzog, admito ser militante do PCB, desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luiz Weiss, Antonio de Brito, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Markun, enquanto trabalhava na revista Visão. Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal Voz Operária uma vez pelo correio e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas após acareações e diante das evidências, confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado mais em participar de qualquer militância político-partidária. Assinatura: "ilegível".

6) Cerca das 16 horas, ao ser procurado na sala onde fora deixado, desacompanhado, foi encontrado morto enforcado, tendo para tanto utilizado uma tira de pano. O papel, contendo suas declarações, foi achado rasgado, em pedaços, os quais, entretanto, puderam





# "EU PENSEI: A QUE PONTO CHEGAMOS?"

ser recompostos para os devidos fins legais.

7) Foi solicitada à Secretaria da Segurança a necessária perícia técnica, positivamente os senhores peritos a ocorrência de suicídio.

8) As atitudes do sr. Vladimir Herzog, desde a sua chegada ao órgão do II Exército, não faziam supor o gesto extremo por ele tomado.

9) As prisões até hoje efetuadas se enquadram, rigorosamente, dentro dos preceitos legais, não visando a atingir classes, mas tão somente salvaguardar a ordem constituída e a Segurança Nacional". (Comunicado oficial do Comando do II Exército distribuído à imprensa, domingo; em Folha de S. Paulo, página 3, 27/10/75, segunda-feira).

Três horas depois da chegada da nota acima, saía a nota oficial do Sindicato dos Jornalistas, em seguida distribuída por nós e outros jornalistas nas redações:

"O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo cumpre o doloroso dever de comunicar a prisão e a morte do jornalista Vladimir Herzog (Vlado) ocorrida ontem nas dependências do Departamento de Operações Internas (DOI), do II Exército, em São Paulo.

A sequência dos acontecimentos que conduziram a esse trágico desfecho foi esta:

1) Sexta-feira, dia 24, às 21h30, agentes de Segurança foram à TV-Cultura, local de trabalho do jornalista, com ordens de levá-lo para o DOI. Houve interferência da direção da emissora e de colegas de trabalho do jornalista. Os agentes de segurança, após consulta a seus superiores, comunicaram ao jornalista Vladimir Herzog que ele deveria comparecer no dia seguinte, sábado, às 8 horas, àquele Departamento, a fim de prestar um depoimento. O jornalista comprometeu-se a ir, sem necessidade de escolta policial.

2) No sábado, à hora marcada, o jornalista chegou ao DOI num táxi, acompanhado de um colega de trabalho da TV-Cultura, que foi dispensado em seguida.

3) As primeiras horas da noite de sábado, as autoridades de Segurança informaram que o jornalista se suicidara na prisão e que uma nota oficial do II Exército seria distribuída. O fato foi comunicado à família através do presidente da TV-Cultura e o Instituto Médico Legal forneceu um atestado de óbito, informando como causa da morte "asfixia mecânica por enforcamento", como local, a rua Tomás Carvalhal, 1.030 (sede do DOI) e "hora ignorada".

Segundo informações chegadas à família, o corpo do jornalista Vladimir Herzog tinha sido entregue ao Instituto Médico Legal por volta das 17 horas.

Não obstante as informações oficiais fornecidas pelo II Exército, em nota distribuída à imprensa, o Sindicato dos Jornalistas deseja notar que, perante a lei, a

autoridade é sempre responsável pela integridade física das pessoas que coloca sob sua guarda.

O Sindicato dos Jornalistas, que ainda aguarda esclarecimentos necessários e completos, denuncia e reclama das autoridades um fim a esta situação em que jornalistas profissionais, no pleno, claro e público exercício de sua profissão, cidadãos com trabalho regular e residência conhecida, permanecem sujeitos ao arbítrio de órgãos de Segurança, que os levam de suas casas ou de seus locais de trabalho, sempre a pretexto de que irão apenas prestar depoimento, e os mantêm presos, incomunicáveis, sem assistência da família e jurídica, por vários dias e até por várias semanas em flagrante desrespeito à lei.

Trata-se de uma situação, pelas suas peculiaridades, capaz de conduzir a desfechos trágicos, como da morte do jornalista Vladimir Herzog, que se apresentou espontaneamente para um depoimento.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo comunica ainda que o sepultamento do jornalista Vladimir Herzog será realizado segunda-feira, às 10 horas e 30 minutos, saindo do velório do Hospital Albert Einstein, no Morumbi, para o Cemitério Israelita, no km 15 da Rodovia Raposo Tavares. E conclama os jornalistas de todas as redações de jornais, revistas, rádio e televisão, sem exceção, a que compareçam para prestar a última homenagem ao companheiro desaparecido. A DIRETORIA. (Apenas 2 jornais de São Paulo não publicaram esta nota: o Diário Popular e a Folha da Tarde.

Na redação desse último jornal, do Grupo Frias, um homem chamado Torres foi visto por jornalistas, que ele chefia, foi visto se erguer sobre uma mesa para gritar que a morte de Herzog tinha sido justa e que esse seria o fim de todos os que pensavam como ele.

No ar desse final de domingo surgiram outros sinais: os telefones do jornal O Estado de S. Paulo e do Sindicato dos Jornalistas começaram a apresentar um estranho chiado. Quase ao mesmo tempo os jornalistas começaram a identificar carros particulares, chapa-fria, que rondavam as imediações do Sindicato e algumas redações.

O presidente da Fundação Padre Anchieta, Rui Nogueira, 24 horas atrás, vivia um fim de sábado tranquilo. Até que recebeu um telefonema do Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Coronel Erasmo Dias. Rui Nogueira havia sido escolhido pelas autoridades para comunicar a Clarice Herzog o falecimento do marido. Com roupas caseiras, como descreveriam mais tarde funcionários da TV-Cultura, ele chegou à sede da Fundação e convocou o encarregado da segurança da emissora, sr. Fleury, e o repórter Chico Falcão, para juntos irem à casa de Vladimir. Mais tarde, da comunicação oficial à

família, sobrou o comentário do encarregado Fleury, feito na sala de Vladimir, enquanto a viúva recebia a notícia:

- Também, com esses posters, como é que vai dizer que não era comunista?

A morte de Vladimir começava a comover o País. Algumas horas antes de Clarice saber do destino de seu marido, o Cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo, comunicava ao seu assessor mais direto, o Padre Viegas, que mais um jornalista tinha sido preso. Eram 14 horas do sábado. Dias depois, Padre Viegas contaria aquela tarde a Hilton Libos, do Ex:

- Todos os dias recebemos queixas de prisões na Cúria. Se naquele exato momento que o Cardeal estava me comunicando a prisão de Vlado, ele não estivesse, possivelmente, acabando de morrer, seria apenas mais uma prisão. Dom Evaristo estava proferindo uma palestra num Congresso de Não-Violência, quando foi procurado pelo jornalista Mino Carta (diretor da revista Veja), pedindo garantias para os jornalistas presos e intercessão do Cardeal junto ao governador Paulo Egydio. O governador estava em Jales (600 km da capital).

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo já tinha anotadas, naquela altura, mais de 80 prisões (61 de 30/9 a 21/10), mas diante da insistência do jornalista Mino Carta, a Cúria resolveu tentar contato com o Governador.

- Paulo Egydio sugeriu um contato com o Secretário da Segurança Pública - diz Padre Viegas. Telefonamos para a Segurança Pública, disseram que ele deveria estar em Santos.

O Cardeal Arns, às 20 horas e 20 minutos de sábado, soube da morte de Vladimir. E quando comunicou a Padre Viegas, ele ficou paralisado:

- Eu pensei: a que ponto chegamos? A que ponto chegamos, meu Deus? E continuei assim até que encontrei uma pessoa amiga e passei o fato. "Morreu o jornalista que estava preso", falei. Ela baixou a cabeça e chorou convulsivamente, segurando o rosto com a palma das mãos.

Meia hora depois, nessa noite de sábado, o assessor da Presidência da TV-Cultura, Fernando Faro, responsável pelo convite para que Vladimir Herzog assumisse a direção do Departamento de Telejornalismo, em setembro deste ano, recebia um telefonema em sua casa. Era Juca de Oliveira, presidente do Sindicato dos Atores do Estado de São Paulo:

- Ô, Baixo! Já soube do Vlado?

Não. Fernando Faro não sabia nem que Vlado tinha sido procurado pelos órgãos de Segurança na noite de sexta-feira, na TV, nem que Vlado tinha se apresentado no sábado pela manhã, acompanhado por um funcionário da TV, nas dependências do DOI, para prestar depoimento. E muito menos que Vlado estava morto.

Depois do telefonema de Juca de Oliveira, Faro tentou contato com alguns

amigos, até que Rui Nogueira, presidente da Fundação, o convocou para ir ao Instituto Médico Legal. Ali, Faro encontrou alguns jornalistas, entre eles Mino Carta. Rui Nogueira, que estava acompanhado do repórter Chico Falcão e do encarregado Fleury, tentou ver o corpo de Vladimir. Foram impedidos.

Do IML, Rui Nogueira e Fleury foram para a casa de Clarice Herzog - que na noite de sábado e madrugada de domingo recebeu a visita de dezenas de pessoas.

No domingo, depois da autópsia, uma segunda tentativa para ver o corpo: do irmão da viúva. Não conseguiu. Ele tentou obter nova autópsia, realizada por outro médico do IML. Não conseguiu e a alegação era de que a parte burocrática do Instituto estava fechada.

Clarice chegou ao IML a tempo de acompanhar o corpo de seu marido ao Hospital Albert Einstein.

Pouco antes das 16 horas, no bairro do Morumbi, agentes dos órgãos de Segurança vistoriavam o Velório do Hospital Albert Einstein, para onde o corpo de Vladimir foi levado às 16.30 horas. O corpo foi recebido no Velório por jornalistas e amigos de Vlado.

"Ali perceberam a presença de policiais à paisana, que mantinham uma vigilância discreta". (O Estado de S. Paulo, 28/10, terça-feira.)

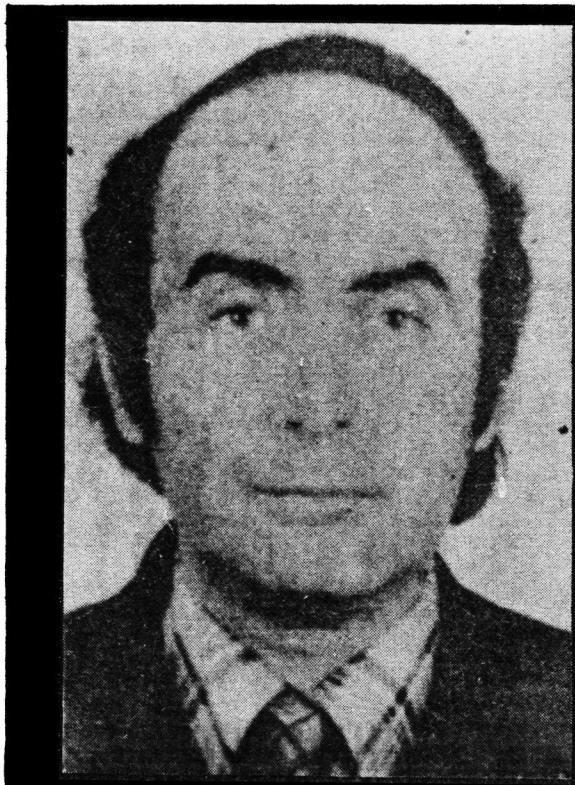
A ação desses agentes foi que frustrou a segunda tentativa de Clarice de fazer novo exame no corpo de Vlado.

"Clarice chegou a pensar em levar corpo para sua casa, para possibilitar o exame, mais isso acabou não se concretizando: dizia-se que um médico tinha concordado em fazer a autópsia, mas já havia a oficial, que acabou sendo considerada definitiva." (Jornal da Tarde, 27/10, segunda-feira.)

Clarice manteve-se firme e corajosa, apesar das pressões durante o velório. Passou, porém, por várias crises de choro, inclusive quando se iniciaram as cerimônias do ritual judaico:

"As cerimônias do enterro de Vladimir Herzog realizaram-se por completo e de acordo com os ritos seguidos pelas correntes liberais da religião judaica, à qual os familiares de Herzog são filiados. Foram cerimônias normais, pois o Chevrah Kadish - Sociedade Sagrada - não encontrou indícios que comprovassem o suicídio do jornalista, o que implicaria a alteração dos procedimentos, inclusive o sepultamento em local diferente.

(...) Henry I. Sobel (rabino da Congregação Israelita Paulista) assegura que todas as etapas do cerimonial judaico foram cumpridas, inclusive a Tahara, que é a purificação do corpo, com sua lavagem. O corpo chegou ao velório do Hospital Albert Einstein às 16 e 30 de domingo, e a Tahara começou às 17 horas, realizada por três componentes da Chevrah Kadisha e um amigo da família presente. (O Estado de S. Paulo, 31/10, sexta-feira.)





# "VAMOS DISCUTIR SE EU MORRO AMANHÃ!"

Clarice e os familiares se retiraram do velório, impotentes, na noite de domingo. Enquanto isso, ali perto, no Palácio dos Bandeirantes, a morte de Vlado provocava o encontro do Governador Paulo Egydio, do Cardeal Arns e jornalistas. Como em todas as redações e em todos os meios políticos do País, eles também estavam perplexos. Naquela altura da noite, o Ministro Golbery do Couto e Silva, Chefe da Casa Civil do Presidente Geisel, já tinha sido localizado e tinha ouvido um relato do caso, por telefone. Ele, que passara o dia num sítio fora de Brasília, também se surpreendeu.

O domingo terminou com uma preocupação no ar: a de que os órgãos de Segurança fizessem pressão sobre a família de Vladimir para que o enterro fosse feito ao amanhecer. Os jornalistas, preocupados, organizaram um revezamento no velório, noite a dentro, para guardar o corpo de Vlado. No noticiário da manhã de segunda-feira, quase todas as emissoras de rádio de São Paulo divulgavam as notas oficiais do II Exército e do Sindicato dos Jornalistas; e faziam um convite a todos para o enterro que se realizaria às 10.30 horas, no Cemitério Israelita do Butantã, no km 15 da Via Raposo Tavares.

Mal o dia tinha amanhecido e Clarice já havia voltado ao velório. Com a chegada do sol, mostrando um dia claro e firme, a partir das 9 horas começaram a aparecer as 600 pessoas que acompanhariam o corpo de Vlado.

9.15 horas. Do elevador que chega ao pátio semilótado do Hospital Albert Einstein, saltam o senador Franco Montoro, MDB-SP, e os jornalistas Hélio Damante, de O Estado de S. Paulo, Narciso Kalili, Ex-editor. Eles já encontraram ali o deputado federal Aírton Soares, MDB-SP, e o líder do partido da oposição na Assembléia Estadual, Alberto Goldman. Chegaram depois o senador Orestes Quércia e os deputados estaduais Robson Marinho, Del Bosco Amaral e Horácio Ortiz, todos do MDB.

**"O jornalista Vladimir Herzog foi sepultado ontem de manhã no Cemitério Israelita do Butantã, durante uma cerimônia simples e rápida, assistida por uns 600 repórteres, redatores, editores, cinegrafistas, radialistas, artistas, estudantes, deputados e senadores. Não houve nenhum incidente durante o enterro, com exceção da indignação de familiares pela pressa com que foi feito: a mãe de Vlado, como ele era chamado, chegou à quadra número 28 do cemitério quando seu filho já havia sido enterrado no túmulo 64. A cerimônia de sepultamento durou apenas 15 minutos, e não as duas horas que costuma durar, quando observados todos os rituais e preceitos judaicos. O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns compareceu ao Hospital Albert Einstein, onde o corpo de Vladimir estava sendo velado desde a tarde de domingo, quando foi liberado pelo Departamento de Operações Internas**

**do II Exército, em cujas dependências ele morreu sábado passado.**

**O cardeal estranhou a ausência de rabinos no velório: foi recebido por colaboradores da Chevrah Kadisha ou "Santa Sociedade", organização que se encarrega de cumprir o ritual fúnebre previsto pela religião judaica. Entrou no velório em companhia do senador Franco Montoro e cumprimentou os familiares do jornalista, que delicadamente - "para evitar emoções dolorosas" - lhe pediram pra não fazer qualquer pronunciamento público. O cardeal orou em silêncio durante alguns minutos, confortou os amigos de Vladimir e saiu, sempre em companhia do senador e vários deputados federais e estaduais que o acompanhava. O clima, enquanto isso, era de extrema expectativa, mais por causa dos agentes armados que passaram a madrugada no hospital, que logo cedo foram substituídos por fotógrafos e cinegrafistas que não pertenciam ao sindicato ou a qualquer órgão de imprensa: houve casos de desmaios e as crises de choro eram frequentes. As 10.30 horas, quando mais de 600 pessoas se avolumavam no hospital, o caixão negro contendo a urna lacrada em que o corpo de Vladimir foi encerrado pelas autoridades, foi transportado ao carro funerário." (Jornal da Tarde, 28/10, terça-feira).**

Os fotógrafos e cinegrafistas desconhecidos não perdem nenhum detalhe no Cemitério Israelita de Vila Borges, um subúrbio do Butantã, que acordou logo cedo na segunda-feira com o barulho de sirenes, de C-14 inspecionando a área, deixando agentes em pontos estratégicos. O clima do enterro foi por demais denso. Desde o velório, porém, o clímax do nervosismo que percorreu todos os presentes foi a chegada sucessiva de 4 dos jornalistas que estavam presos desde antes de Vladimir - dois deles citados na nota oficial do II Exército como acareados com Vlado, horas antes de sua morte. A notícia da chegada do primeiro deles, Paulo Sérgio Markun, ainda no hospital, despertou em todos os presentes a curiosidade sobre o que teria acontecido nas 8 horas que Vladimir Herzog passou dentro das dependências do DOI.

Durante o enterro, George Duque Estrada e Anthony Christo ficaram numa elevação, ao sol, encostados num túmulo. Rodolfo Konder e Paulo Sérgio Markun estavam separados. A preocupação em vê-los, examiná-los, ou ouvir algum pedaço de conversa, era geral. Mas os 4 apenas choravam e a única informação que deram foi: tornariam a se apresentar no DOI às 8 horas da manhã seguinte. A liberação deles tinha sido excepcional, apenas para acompanhar o enterro do amigo, assim como dias antes o próprio Paulo Sérgio havia sido liberado para assistir ao batizado da filha.

O mais abatido era Christo. Amigos comentavam que ele estava uns dois quilos mais magro. De uma forma geral,

todos os presentes respeitaram a dor dos 4 jornalistas envolvidos na tragédia.

Havia também o medo de que alguém pudesse se exaltar à beira do túmulo. Mas não houve provocações. O presidente Audálio Dantas foi o último a falar, citando Castro Alves: "Senhor Deus dos desgraçados / Dizei-me vós, Senhor Deus / Se é delírio ou se é verdade / tanto horror perante os céus". A multidão ainda ficou parada alguns minutos, em silêncio. Depois, desfez-se devagar, até que um comunicado passou de boca em boca: às 6 da tarde, todos no Sindicato.

**"O Caso Herzog**

**Há muitos anos - para sermos precisos: há 21 anos - um suicídio, guardadas as proporções, não provocava reação de tanta uniformidade traumatizada no Congresso Nacional, quanto o do jornalista Vladimir Herzog.**

**Esperavam-se sessões tumultuadas, no Senado e na Câmara dos Deputados.**

**Mas o que se viu, nas duas Casas do Legislativo, foi um plenário perplexo, atento e respeitoso, como em velórios.**

**Desde cedo, os líderes arenistas não ignoravam que o MDB levantaria o caso Herzog. Por isso, trataram de colher informações complementares, para fazer face à situação agitada que se prenunciava. O debate veio e o grande público, que, por coincidência inexplicável, lotava as galerias, primeiro da Câmara, depois do Senado, mal o percebeu, pois os líderes dos dois partidos abordaram a delicada questão quase sem alterar a voz, uns e outros igualmente emocionados.**

**De seu gabinete o líder José Bonifácio, da maioria, preferiu acompanhar pelos alto-falantes o registro da morte de Herzog, feito pelos vice-líderes emedebistas Fernando Lira e Freitas Nobre, bem como os esclarecimentos prestados a seguir, em nome do governo, pelo deputado João Linhares. Por isso, quando o telefone da liderança soou, e o próprio Bonifácio o retirou do gancho, o Ministro da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva ouviu, em primeira mão, a notícia de que apesar dos pesares - e nunca uma expressão se ajustou melhor à realidade - a sessão estava correndo tranquila." (Folha de S. Paulo, 28/10, terça-feira).**

O Centro Nervoso do caso Herzog, na tarde de segunda-feira, porém, era a sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo. Ali, diretoria e associados iam deliberar sobre os próximos passos quanto à morte de Vladimir e cuidar da segurança dos jornalistas citados no bilhete atribuído a Vlado e reproduzido pelo comunicado do II Exército: Marco Antonio da Rocha, editorialista do *Jornal da Tarde*, e Luiz Weiss, redator de *Veja* e dirigente do Sindicato. Os outros citados e envolvidos no caso, George Duque Estrada, Rodolfo Konder, Anthony Christo, Paulo Sérgio Markun, também preocu-

pavam o Sindicato, pois voltariam a se apresentar no DOI na manhã seguinte.

Uma hora antes da reunião do Sindicato, o presidente Audálio Dantas e toda a diretoria são convocados ao Quartel General do II Exército, pelo Chefe de seu Estado-Maior, General Antônio Ferreira Marques. O Comandante do II Exército, General Ednardo D'Ávila Mello, tinha viajado para Brasília, onde participaria, no dia seguinte, da reunião do Alto Comando. Mas, preocupado com a situação em São Paulo, mantinha uma linha direta de comunicação aberta com o seu Chefe do Estado-Maior.

A reunião entre os jornalistas e os militares foi longa e por isso atrasou a outra, da classe. Quando a diretoria voltou, os 300 jornalistas presentes à sede viram nos seus rostos o clima do encontro. Os Generais Ferreira Marques e Ariel Pacca (Comandante da 2ª Região Militar) e o Coronel Paes, chefe do Serviço Secreto do Exército (2ª Seção) criticaram o discurso de Audálio Dantas durante o sepultamento de Vladimir, e a primeira nota do Sindicato, cujo tom, segundo as autoridades, levantava suspeição sobre a versão de suicídio. Os militares mostraram também muita preocupação sobre a reunião que se realizaria no Sindicato logo a seguir.

A diretoria do Sindicato também estava muito preocupada. Preocupada com o que ouvia no QG, com o clima de tensão entre os jornalistas e com a presença de dezenas de estudantes que vinham hipotecar solidariedade pela morte de Vlado. E então, fez o que pode.

Ouvindo durante horas dezenas de propostas e sugestões desencontradas que refletiam, porém, a grande disposição de luta dos jornalistas. Antes de se retirar para redigir seu segundo comunicado após a morte de Vlado, ouviu pelo menos dois depoimentos marcantes:

**- O que decidirmos aqui, será a matéria-prima política que o país vai discutir.**

**- Estamos discutindo aqui qual a garantia que eu tenho de continuar trabalhando. Se eu morro amanhã ou não.**

A nota do Sindicato deu a tônica do comportamento político do país durante toda a semana. Ninguém mais, nenhuma das forças envolvidas nos acontecimentos correria o risco de avançar um passo sequer:

**"A diretoria do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo informa que esteve ontem em contato com os Generais Ferreira Marques, Comandante do Estado-Maior do II Exército, e Ariel Pacca da Fonseca, Comandante da 2ª Região Militar, e com o Coronel Paes, Chefe da 2ª Seção do II Exército, para solicitar maiores informações sobre as condições em que morreu o jornalista Vladimir Herzog e a situação dos jornalistas que continuam presos no Departamento de Operações Internas (DOI).**

**Quanto à morte de Vladimir Herzog, as autoridades forneceram cópias do laudo pericial de "causa mortis", assina-**

## DO LOCAL

Corresponde a um prédio de dois pavimentos, construído nos fundos do imóvel nº 1030 da rua Thomaz Carvalho, dotado de várias seções e ocupado pela organização DOI/CODI.

Ofereceu particular interesse, no presente caso, a cela especial nº 1 localizada no 2º pavimento desse prédio que é vedada por uma porta metálica de folha única e guarnecida por dispositivo de segurança própria para essa finalidade.

O seu interior, assoalhado, possui uma janela de caixilho de metal envidraçado ("vitreaux") e é dotada de grade, também, de metal.

Próximo dessa janela, dispostos no assoalho, achava-se dois colchões sobrepostos e junto à porta havia uma cadeira escolar, sobre a qual encontrava-se uma prancheta com papéis e uma caneta esferográfica. Esparsos no piso e em correspondência com a mencionada cadeira notavam-se vários fragmentos de papel rasgado e manuscritos à esferográfica.

## DO CADÁVER

Junto à janela dessa cela, em suspensão incompleta e sustido pelo pescoço, através de uma cinta de tecido verde, foi encontrado o cadáver de um homem, de cutis branca, apontado como sendo o de Vladimir Herzog, de 38 anos de idade, que se achava com a sua língua ligeiramente procidente.

Seu traje, normalmente disposto, compunha-se de macacão verde de tecido igual ao da referida cinta e de

## PERÍCIA: ENCONTRO DE CADÁVER

Secretaria da Segurança Pública  
Instituto de Polícia Técnica

1975 -

nº 13.967

Acompanha peças de exame

Natureza da Perícia: Encontro de cadáver (Suicídio)

Dia: 25-10-75, local: Cela da DOI/CODI

Vítima: Vladimir Herzog

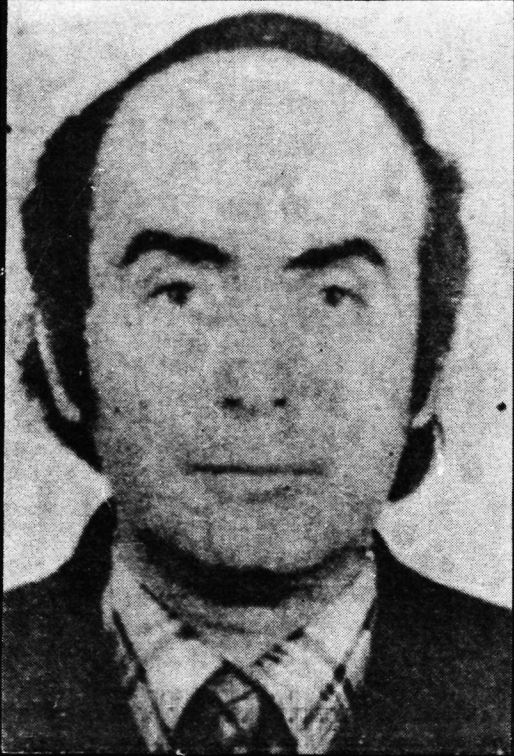
Req. Capitão Ubirajara do DOI/CODI

Relator: Perito Criminal Motoho Chiota.

Dependencia: Divisão de Criminalística.

As 18,10 horas do dia vinte e cinco de outubro do ano em curso, o Capitão Ubirajara, comunicando a ocorrência de encontro de cadáver no DOI/CODI, à rua Thomaz Carvalho, nº 1030, solicitou o concurso de perito a fim de proceder ao levantamento de praxe.

Para a realização do aludido exame, foi designado pelo Diretor desta Divisão, Bel. João Milanez da Cunha Lima, o Perito Criminal Motoxho Chiota que, após ultimado o seu trabalho e conferenciado com o seu colega, segundo signatário, apresenta este **RELATÓRIO.**





# "VLADO ERA O BODE EXPIATORIO!"

do pelos médicos Arildo Viana e Harry Shibata; exame grafológico, assinado pelo perito Antônio Armindo Camilo e perícia de encontro de cadáver, assinada pelo perito Motoho Chiota.

Quanto à situação dos demais jornalistas presos no DOI, o General Ferreira Marques informou o seguinte:

1 - Rodolfo Konder, Jorge Duque Estrada, Paulo Sérgio Markun e Anthony de Christo, que hoje foram autorizados a comparecer ao sepultamento de seu colega, jornalista Vladimir Herzog, dormiram em suas casas, com o compromisso de se apresentarem novamente hoje ao DOI, às 8 horas. Os quatro jornalistas voltarão àquele Departamento para concluir seus depoimentos e, segundo informa o General Ferreira Marques, há possibilidade de serem liberados amanhã mesmo. Cumprida essa etapa, eles aguardarão em liberdade intimação do DOPS para a formalização de seus depoimentos em cartório.

2 - O jornalista Luís Paulo Costa, correspondente do "O Estado de S. Paulo" em S. José dos Campos, que sofre de osteomielite e se encontrava doente, foi libertado por volta das 18 e 30 de hoje.

3 - A jornalista Marinilda Marchi, presa em Brasília e trazida para São Paulo, está ainda em fase de depoimento.

4 - Quanto a Sérgio Gomes da Silva, José Vidal Pola Galé, Ricardo de Moraes Monteiro e Frederico Pessoa da Silva, o General Ferreira Marques disse que no momento não dispunha de informações, mas prometeu solicitá-las e transmiti-las ao Sindicato.

O Coronel Paes, Chefe da 2ª Seção do II Exército, informou também à diretoria do Sindicato que, a partir do próximo sábado, as visitas a jornalistas e demais pessoas presas no DOI, poderão ser feitas às terças, quintas e sábados, em grupos de seis por dia.

Até agora as visitas eram limitadas a uma por dia da semana.

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas comunicou também aos Generais Ferreira Marques e Ariel Pacca da Fonseca a grande intranquilidade e insegurança que provocaram, em todas as redações de São Paulo, as condições em que são efetuadas as prisões e, principalmente, a morte, na prisão, do jornalista Vladimir Herzog.

O Sindicato comunica também a seus associados e em especial às famílias dos jornalistas detidos que está contratando novos advogados para lhes prestar toda a assistência jurídica necessária.

Todas essas informações foram transmitidas aos jornalistas que se encontravam à noite, na sede do Sindicato, aguardando o resultado das gestões da diretoria do QG do II Exército." (O Globo, 28/10, terça-feira)

Ao marcar a realização do culto ecumênico na sexta-feira, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo também marcou a hora e o palco da cena máxima da crise

política armada antes, durante e após a morte do jornalista Vladimir Herzog: sexta-feira, 16 horas, Catedral da Sé.

**AGUARDEM:** a apresentação ao DOI de mais 2 jornalistas; a liberação de outros 2 jornalistas; a greve na Universidade de São Paulo; a visita do Presidente Geisel a São Paulo; a solidariedade do País aos jornalistas paulistas, e o avanço da liberdade de expressão para os jornais diários.

Antes, porém, o depoimento de uma mulher corajosa, a viúva do jornalista morto, Clarice Herzog. Depoimento ao Ex-editor Narciso Kalili, no dia 31/11:

"Acho que a barra começou a ficar pesada desde a hora que ele entrou para o Canal 2 e com as denúncias do Cláudio Marques. Foi um negócio que estava amolando bastante, irritando, aquela pressão toda. E a gente de início não estava dando muita importância à coisa. Sabíamos perfeitamente que ele devia estar envolvido com grupos, mas a gente estava tranquilo. A chegada de Vlado ao Canal 2 foi um negócio muito legal, o Vlado o que quer fazer é televisão... eu estou falando tudo no presente ainda, sabe? Eu ainda não assumi a morte do Vlado. Eu realmente não assumi a morte de Vlado, como se a qualquer momento ele entrasse aqui dentro. Eu não enfrentei a morte ainda. E o que realmente o Vlado queria fazer era televisão. Televisão, cinema, ele começou com cinema. Mas não havia condições em televisão... acho que a consciência de televisão nasceu em Londres, quando nós fomos lá. Ele se entusiasmou com o alto nível da televisão inglesa, com a possibilidade de um trabalho sério com televisão. Possibilidade de você realmente comunicar, na medida em que cinema ainda é para minoria. Fazer um trabalho decente; o que é uma TV educativa? Uma televisão boa, uma boa televisão, uma televisão que informa.

Ele sempre foi muito crítico com a programação que tinha, os programas todos. E quando apareceu o negócio do Canal 2 - ele começou antes no Canal 2, na época do Fernando (Fernando Pacheco Jordão, ex-diretor de telejornalismo da TV-Cultura, Canal 2 - NR), depois saiu, e agora nessa possibilidade, quer dizer, foi um dos momentos de maior felicidade dele. E ele estava preparando um filme sobre Canudos.

Nesse mês que demorou a contratação, ele foi investigado, a informação que eu tenho, a informação que ele tinha, era de que ele tava sendo investigado, tinham tirado ficha do Vlado em tudo quando é lugar, Deops, SNI, tudo. Essa investigação foi pedida por uma ala do Governo Paulo Egydio, etc.

Quando ele começou a trabalhar, começaram os problemas, no dia que ele começou a trabalhar, quarta-feira, saiu aquele programa, aquele negócio sobre o Ho Chi-minh, e o Cláudio Marques em cima, inclusive o programa foi feito pelo remanescente da equipe anterior

(dirigida por Walter Sampaio - NR). Ai começou um desgaste, tava difícil, falta de equipe, o Vlado trabalhava das 8 da manhã às 10 da noite. Botava inclusive o programa no ar, realmente a barra tava pesada. Mas havia sempre uma possibilidade, possibilidade de contratação, de fazer coisas.

Na sexta-feira em que o Markun foi preso (18/10, NR), ele era chefe de reportagem de lá, nós ficamos sabendo no sábado pela manhã. Ficamos muito chateados, não sabíamos exatamente o quê, as informações que a gente teve foi através dos jornais. Mas, na segunda-feira, o pai do Markun veio aqui de manhã em casa. Contou que o Markun saiu pro batizado da filha e que... uma conversa estranha, mas tinha falado o nome do Vlado, o Vlado seria preso. Mas preso por quê? E o pai dele, "não sei". O Vlado então pegou o pai do Markun e levou à Secretaria de Cultura para que ele repetisse o que falou a ele, com o Mindlin. (José Mindlin, secretário de Cultura de São Paulo - NR) Não chegou a ser recebido. Quer dizer, uma semana antes, o Vlado já sabia que ia ser preso.

Continuamos a viver normalmente. Aliás, como diz o coronel Erasmo (Secretário de Segurança Pública de São Paulo - NR), quem não deve não teme e fique tranquilo. Me arrependo muito desta postura, mas ainda continuo com ela. É um negócio incrível! Sabe aquela sensação de segurança, de que nada pode acontecer com você, de que nada pode mexer com você, você é inviolável? Eu não sei. Em nenhum momento eu realmente senti medo, como não sinto medo ainda. Sinto muita raiva, mas medo eu não sinto. Bom, continuamos vivendo normalmente.

Na sexta-feira (o Vlado se apresentou no sábado), eles estiveram aqui às oito e meia. Eu falei que o Vlado estava na TV, eles entraram aqui, quer dizer, entrou só um. Nós íamos passar o fim de semana fora, num sítio que temos em Bragança. Eu ia apanhar o Vlado na TV e íamos embora. Quando chegaram aqui, eu percebi pela cara, pelo jeito, pela conversa... Eles queriam que o Vlado fizesse uma reportagem. Eu argumentei que o Vlado não trabalhava como free-lancer, não tinha condições. Ele insistiu e eu disse que se ele quisesse falar com ele poderia entrar pra telefonar pra televisão. Ele não quis e saiu. Ai eu liguei pro Vlado avisando o que estava acontecendo. Apanhei as crianças e fui pra TV. O Vlado, o Chico Falcão, estavam conversando com dois agentes. Depois de muito argumentar, conseguimos que Vlado se apresentasse no dia seguinte. Fiquei tranquila. Eu sabia que ele ia apanhar, levar choque, mas voltaria pra casa.

Os homens se retiraram e chegaram o presidente (Rui Nogueira - NR) o Fleury (encarregado da Segurança da TV-2 - NR) e o Paulo Nunes (jornalista credenciado junto ao II Exército - NR). O presidente pediu ao Paulo Nunes que acom-

panhasse o Vlado até o DOI, no dia seguinte. Ele respondeu que não precisava, que não tinha problemas, que era só o Vlado ir lá e se apresentar. O presidente insistiu, alegando que ele era setorista da TV-Cultura, subordinado de Vlado, e deveria leva-lo até o DOI. Paulo Nunes concordou e como a mulher não estava em São Paulo, resolveu ir dormir lá em casa. Arrumei uma cama pra ele e fomos deitar por volta de uma, uma e meia da manhã.

No dia seguinte, o Vlado levantou tão tranquilo, tão tranquilo, que tomou banho, fez a barba. Eu o beijei como se ele fosse sair para trabalhar.

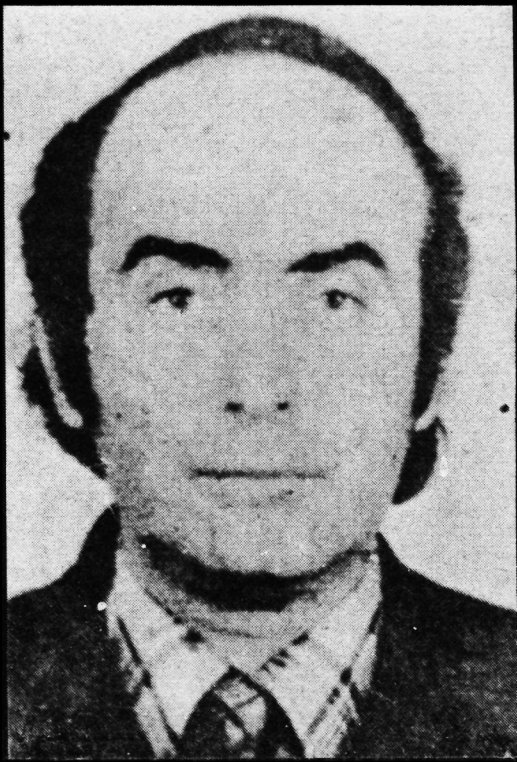
Sobre o que estava acontecendo, nós não discutimos só naquela noite. Estávamos falando a semana inteira. Estávamos prevendo que era uma briga de áreas políticas e que o Vlado estava sendo usado como bode expiatório. Era só ver as notícias do Cláudio Marques.

Bom, no sábado o Paulo Nunes me ligou aqui umas três horas, mais ou menos, dizendo que não queria ser muito otimista, mas que "não há nada lá", que "acho que o Vlado vai sair hoje mesmo", não sei o quê, "o negócio é simples, não fique preocupada, há uma possibilidade remota de que ele saia hoje mesmo". É claro que eu não estava acreditando nisso: nenhum deles que entrou tinha saído. E o Paulo Nunes terminou: "vou te deixar sossegada neste fim-de-semana, só volto a te ligar na segunda-feira".

Por mais tranquila que eu estava - meu marido estava preso, na certa sendo torturado, então eu estava com uma certa ansiedade. Inclusive tive de avisar a mãe do Vlado que ele tinha sido preso pra ela não ficar sabendo pelos jornais no outro dia, isso às seis e meia da tarde, quando Vlado já estava morto. Eu avisei, ela ficou desesperada: "agora, com essa campanha anti-sionista, vão matar meu filho". Aquela conversa toda. Ai eu disse pra ela não se preocupar, que os tempos eram outros, só iam tomar o depoimento dele e ele ia voltar pra casa. Achei tranquilizando-a e voltei pra casa.

Comecei a ficar nervosa, havia um cansaço físico, eu me troquei, tomei banho, nove e meia estava na cama. Ai começaram uns telefonemas estranhos pra casa, procurando o Paulo Nunes, que o Paulo Nunes estaria aqui em casa. Tentava identificar as pessoas, mas nada. Dizia que o Paulo Nunes não estava, não tinha ficado de vir, de voltar, pelo menos não me falou nada. Três, quatro telefonemas, inclusive o Chico Falcão me ligou procurando o Paulo Nunes aqui. Comecei a achar estranho e mais estranho ainda quando o Rui Nogueira ligou pra cá e me disse: "vou tomar a ousadia de lhe visitar em casa". Eu disse é claro, pode vir a hora que quiser.

Passei uma hora na espera do Rui Nogueira. Estava ficando desesperada. Saía fora, entrava, não sei. De repente me deu um negócio que eu comecei a



cuecas brancas. Seus pés calçavam meias e sapatos de couro, ambos pretos.

A referida cinta, conforme mostra a foto nº 2, anexa, estava na grade metálica, com um nó simples, a uma altura de 1,63 metros. A outra extremidade dessa peça formava a laçada de nó corrediço que constringia fortemente o pescoço, no esse situado na parte posterior do lado esquerdo do mesmo (vide pormenores na foto nº 3, anexa).

Removida a laçada, denotou-se, no pescoço, um sulco enegrecido, descontínuo, oblíquo e relativamente profundo, cuja largura possuía correspondência com a mencionada laçada (vide pormenores na foto nº 4, anexa).

Do que ficou exposto, depreende-se que o fato possuía um quadro típico de suicídio por enforcamento.

## DO MANUSCRITO

Recolhidos os mencionados fragmentos de papel e recompondo-os através de colagem num suporte, também, de papel, conforme evidência a foto nº 6, anexa, verificou-se os seguintes dizeres.

"Eu, Vladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971 ou 1972, tendo sido aliado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em fins de 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luiz Weiss, Anthony de Christo, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Morbun (ou Markun) enquanto trabalhava na revisão "Visão".

Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal "Voz Operária" uma vez pelo correio na revista "Vi-são" e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas após acareações e diante das evidências confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado em participar de qualquer militância político-partidária. a) ilegal.

O original deste documento acompanha o presente trabalho.

Nada mais foi dado a observar no local e no cadáver que pudesse despertar interesse de natureza técnica. Era o que tinha a relatar.

Este relatório, datilografado no anverso de quatro (4) folhas deste papel, vai devidamente rubricado e assinado. Ilustram-no seis (6) fotografias, legendadas e igualmente rubricadas. S Paulo, 25 de outubro de 1975

a) Motoho Chiota

## EXAME DE CORPO DE DELITO

Secretaria da Segurança Pública  
Instituto Médico-Legal do Estado de São Paulo  
Del. de Ordem Política e Social - DOPS.  
Registrado em 27 de 10 de 1975 sob nº 54.620. a) Maria



# "SOMOS O GOVERNO DO ESTADO!"

achar aquilo... Liguei pruma amiga, disse que viesse pra cá, que eu achava que tinha acontecido alguma coisa pro Vlado. Nesse exato momento, entra aqui em casa o Rui Nogueira, o Paulo Fleury, o Armando Figueiredo (assessor de imprensa da Secretaria de Cultura de São Paulo - NR) e uma pessoa que eu não sei quem é. Na hora que esses quatro caras entraram aqui em casa eu pressenti o que havia acontecido. Eles me comunicaram que Vlado estava morto e inclusive me deram a versão de que ele tinha se suicidado.

Eu, em nenhum momento acreditei nisso. Eu tinha certeza que ele tinha morrido torturado. E aí começou. Eu queria, queria ver o corpo, mas eu mesma não tinha muitas condições. Estava preocupada com a mãe de Vlado. Não fui ao IML, mas pouco antes do corpo ser liberado, fui buscá-lo e levei-o ao hospital. Ali começou a discussão do que eu poderia fazer. Eu queria uma nova autópsia. Queria que ele fosse examinado novamente. Os advogados, porém, me deram dois caminhos: pedir ao IML novo exame - isso ia demorar três dias e acabar concluindo que as evidências muito fortes de suicídio desaconselhavam uma nova autópsia - ou então deixar que enterrassem o Vlado e depois pedir uma investigação sobre sua morte. Resolvi deixar enterrar.

Eu vi o corpo. Só o rosto, quando abriram o caixão pra fazer aquelas cerimônias judaicas. Foi muito rápido mas deu pra ver que a fisionomia de Vlado estava tranquila, o que aumentou minha convicção. Ele não tinha se matado". (Trabalhei com o Vlado durante pouco tempo. Não posso dizer que éramos amigos. E Clarice vi duas ou três vezes, ligeiramente. Fui procurá-la muito emocionado e ouvi as palavras de uma mulher enraivecida e impotente. Mas com uma coragem e uma força que fariam Vlado orgulhar-se. Nada pode justificar o que aconteceu aos dois. Narciso Kalili)

- Pelo amor de Deus! Me poupe!  
Paulo Nunes nervoso, mãos trêmulas, camisa de seda azul com bolas brancas, pede ao Ex-editor Hamilton Almeida Filho (dentro da redação do telejornal da TV-Cultura), que faça como todos os jornalistas e omita o seu nome da história da morte de Vladimir Herzog.

- Eu só participei no caso a pedido da direção da televisão. Não tinha nada a ver com a história, além de ser colega do Vlado. Podia ser chamado até de bravo por ter ido sozinho acompanhá-lo ao DOI, não sendo presidente de sindicato nem nada. Agora, você fala com o Chico Falcão, ele acompanhou tudo, pode lhe contar. Minha mulher está grávida, não quero que ela leia nos jornais. Tô velho, 54 anos, me poupe, tá?

Jornalista sempre ligado a assessorias de empresas de órgãos oficiais, eis a lembrança que o Ex-editor Hamilton Almeida Filho tem de Paulo Nunes desde os mais remotos tempos de profissão, 1961:

"Paulo Nunes é há longo tempo credenciado junto aos órgãos de Segurança. Na TV-Cultura, trabalhava como setorista de II Exército, junto ao QG. O próprio Vladimir Herzog vinha, como diretor do telejornalismo, providenciando sua efetivação nos quadros da emissora, já que Paulo Nunes recebia em forma de cachê. Sua participação, nos acontecimentos que em menos de 20 horas tiraram a vida de Vlado, foi da maior importância, conforme nossa própria matéria demonstra. Com esse nível de participação, é inexplicável que não seja o primeiro a sentir a necessidade do total esclarecimento da morte de seu colega de profissão. A justificativa por ele apresentada e aceita pela maioria da classe que não noticiou o seu nome, perde sentido para mim, diante da dor da família de Vlado, da nossa falta de segurança para trabalhar e a possibilidade, para nós da Imprensa, de ver a totalidade dos fatos para sempre encoberta". (Hamilton Almeida Filho).

A única notícia que a TV-Cultura levou ao ar sobre a morte de Vlado foi a leitura da nota oficial do II Exército, no jornal do meio-dia da segunda-feira, no mesmo momento em que se realizava o enterro. A decisão foi tomada diretamente pelo Governador Paulo Egydio e comunicada ao Presidente da Fundação, Rui Nogueira, e seu assessor Fernando Faro, em reunião na noite de domingo. Paulo Egydio cuidava pessoalmente do caso, uma vez que o Secretário da Cultura, José Mindlin, participava de um congresso nos EUA. O ambiente da reunião, que contou com a presença de outros assessores do governador, mostrava claramente que a chamada "Crise da TV Cultura", com a morte de Vlado tinha atingido o próprio Paulo Egydio. Tal como Clarice Herzog, várias pessoas no Palácio Bandeirantes se perguntavam: "Como foi possível isso, se o nome dele passou pelo SNI?"

No dia seguinte, ao transmitir as ordens do governador à abatida equipe do telejornal da TV Cultura, Fernando Faro deixava transparecer uma pista do perigo maior, caso aquele departamento desse cobertura sobre os acontecimentos.

- Nós "somos" o Governo do Estado. O secretário defende os jornalistas e a TV Cultura.

O secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia, José Mindlin, gostaria de ficar em silêncio, mas decidiu ontem defender a equipe de jornalismo da Fundação Padre Anchieta - TV Cultura - acusada de fazer propaganda comunista em seus noticiários.

O secretário ficou em silêncio enquanto as denúncias estavam restritas às colunas de um comentarista de um jornal de anúncios, "tratando apenas de vagas críticas". Agora as denúncias chegaram ao plenário da Assembleia e, embora José Mindlin considere que "enquanto não forem apontados os fatos concretos, não há motivos para

preocupação". resolveu que já é hora de esclarecer o assunto.

José Mindlin disse que a equipe de jornalismo da TV Cultura lhe parece séria e objetiva, não merecendo as suspeitas e críticas que têm sido levantadas. Sobre o chefe do departamento de jornalismo, ele garante:

- O jornalista Vladimir Herzog é um sujeito sério, que merece a confiança da Fundação Padre Anchieta.

O secretário não concorda com a observação feita pelo deputado Wadih Helu, que foi quem levantou o assunto na Assembleia (ontem ele falou de novo), de que a TV Cultura faz propaganda do comunismo, ao invés de promover o governo do Estado

(...) Os programas "comunizantes", segundo o deputado Wadih Helu, são as aulas de geografia nº 48 e 49, do curso supletivo (madureza), transmitidas nos dias 2 e 7. Tema: "Países Socialistas". E ainda uma aula de história sobre a Revolução Russa. Todas aprovadas pela censura federal". (Jornal da Tarde, 9/10, 16 dias da morte de Vlado)

Deixando de lado o deputado ex-presidente do Corinthians, temos o prazer de apresentar o colunista de jornal de anúncios, citado nota acima.

"A infiltração (a essa altura não é infiltração, é domínio total, ou quase...) da esquerda contestatória no sistema e na democracia, em vários escalões, só não vê quem é conivente ou burro. O caso da TV-Viet Cultura extrapolou. E muito. Chegou a atingir a figura do próprio secretário José Mindlin, o que, de certa forma, é contra-senso. Mas não se pode negar que "a pesada" da esquerda militante tentou montar lá esquema após a saída de vários elementos que mantinham razoável (eu não diria ótimo) nível de rendimento administrativo e jornalístico. Houve até uma frase de um "camarada" esta semana: "Deixa a Coluna Um serenar que a gente contrata o pessoal todo!" É parece que na lista já estão alguns nomes bem conhecidos... O que me parece cretino é comunista sendo subvencionado pelo dinheiro do Estado. Emprego existe no paraíso soviético. Ou então em Portugal, lá no "República", na "Rádio e TV Portuguesa", onde NÃO são admitidos profissionais que não sejam incriitos e militantes do PC. Eu não exijo atestado ideológico de jornalista, nem quero fazer o jogo de fascistas. Mas é cretino se admitir o domínio total do PC nos jornais, revistas e TVs. Detalhe: outro dia, um enviado especial de Brasília, entre acreditar em informações que me diziam um "exagerado", preferiu ligar o Canal 2. Estavam exibindo a vida de Suvanna Phuma e os feitos do "Khmer Vermelho". O homem desligou com um sorriso significativo..." (Shopping News, seção Coluna Um, de Cláudio Marques, 28/9, alguns dias depois de Vlado ter assumido a direção do telejornal da TV Cultura).

Cláudio Marques, 36 anos, não é só um colunista do semanário dominical

Shopping News. E também o "Arauto da Província", segundo a TV Bandeirantes, que o emprega como comentarista político diário, sob o patrocínio da Construtora Adolpho Lindenberg, de propriedade do diretor-tesoureiro da Tradição, Família e Propriedade, a famosa TFP. No Boletim Semanal nº 77 da TV Bandeirantes, de julho último, pode-se ter uma idéia de como o próprio Cláudio Marques se vê:

- "Bem, quando o meu amigo Paulo Egydio quer revelar alguma coisa importante, mas delicada, ele não procura um informante meu. Ele me diz pessoalmente. É a confiança que eu infundo neles, são esses anos todos de trabalho regular e criterioso. No começo comi grama, pastei mesmo. Mas agora já posso desfrutar de uma situação tranquila".

- Mora numa bela casa no Morumbi, é diretor-superintendente do Consórcio Brasileiro de Imprensa, um grupo que reúne cerca de 90 jornais do Estado de São Paulo; possui um escritório de advocacia com o irmão. Viaja frequentemente para o exterior, possui um dos maiores acervos de arte de São Paulo e comprou há pouco uma Porsche, "realmente fantástica".

- "Tenho a consciência de que sou uma exceção no jornalismo brasileiro. Acho um crime o que acontece entre nós. O profissional é mal pago e não tem condições de se aprimorar e, afinal de contas, o jornalista é o formador da opinião pública. Eu me considero um formador da opinião pública. Sei que em várias cidades do interior sou líder de audiência no horário. Araras é uma delas. Mas sou uma exceção. Nasci rico. Casei com uma mulher rica. Pude cultivar as minhas amizades".

- "Tenho uma cara bonitinha, fotografo bem na televisão. Sei que isso leva uma boa parte do público feminino a assistir ao meu programa. Não tenho medo de dizer: sinto-me orgulhoso por isso."

- "Sou contra as atividades políticas nas universidades, hoje no Brasil. E também não acredito na participação dos estudantes na via partidária."

Cláudio Marques começou a trabalhar na TV Bandeirantes há 3 anos. Quando passou a fazer campanha contra a TV Cultura, chegou uma vez a usar seu programa de televisão para ampliar seu raio de difamação. Antes que a reação dos jornalistas da casa se manifestasse, a diretoria já o tinha obrigado a limitar sua campanha às colunas que mantém nos 3 jornais do grupo "Diário Comércio e Indústria". No domingo em que o corpo de Vladimir Herzog era devolvido a seus familiares, Cláudio Marques chegava à desfaçatez de classificar o local onde uma dezena de jornalistas encontravam-se presos, de "Tutóia Hilton" (uma referência à rua onde localiza-se o DOI). Na mesma nota, ele atingia com a delação a imprensa universitária; praticamente chamava a polícia para acabar

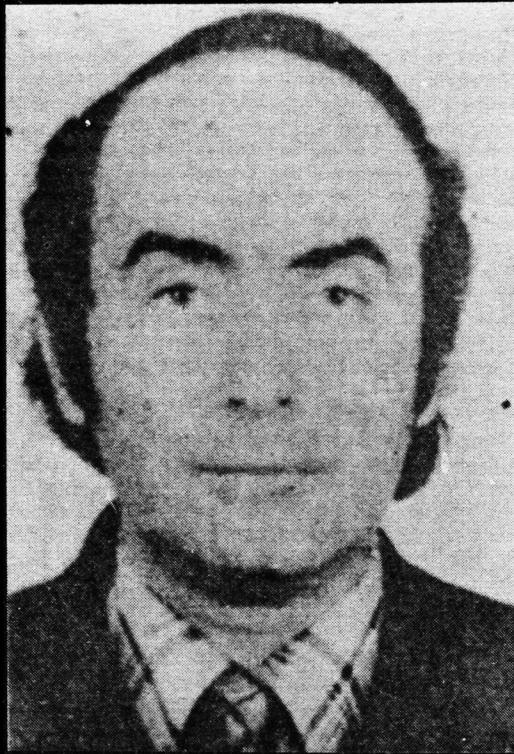
## Horn. Laudo de Exame de Corpo de Delito Exame Necroscópico.

Aos vinte e cinco de outubro de mil novecentos e setenta e cinco, nesta cidade de São Paulo, a fim de atender à requisição do doutor os infra-assinados doutores: Arildo de T. Viena e Harry Shibeta, médicos legistas, foram designados pelo doutor Arnaldo Siqueira, diretor do Instituto Médico-Legal do Estado, para proceder a exame de corpo de delito em o cadáver de Vladimir Herzog e responder aos quesitos seguintes:

Primeiro - Houve morte?  
Segundo - Qual a sua causa?  
Terceiro - Qual o instrumento ou meio que a produziu?

Quarto - foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio ou cruel? (Responda especificada)

Realizada a perícia, passagem a oferecer o seguinte laudo: Examinamos hoje, no Necrotério do Instituto Médico-Legal, um cadáver que nos foi a portado como sendo o de Vladimir Herzog, masculino, branca, trinta e oito anos, casado, brasileiro naturalizado, jornalista, filho de Zigmundo Herzog e Zora Herzog, residia na Rua Oscar Freire, número dois mil duzentos e setenta e um - REFERÊNCIA: - Ecaminhado do DOPS (II Exército) com a história de que teria praticado suicídio, burlando a vigilância dos policiais. VESTES: - Calça marrom de malha com etiqueta "Old Engrand" camisa fantasia etiqueta "Jean Paton", cueca branca, blusão azul etiqueta "Correa", Pull-ver azul de lã. Sapatos e meias pretas. REALIDADE DA MORTE: - Evidenciada



pelos clássicos sinais tanatológicos de certeza. EXAME EXTERNO: - Cadáver de indivíduo adulto, do sexo masculino, cor branca, aparentando trinta e oito anos, estatura pequena, biotipo, normolíneo, olhos verdes escuros, dentes naturais; rosto triangular, fronte ampla, calvície corohária, cabelos cantanhos, ondedos, supercílios unidos no centro, nariz reto, barba por fazer e costeletas crescidas. Pescoço e tórax simétricos. Abdome, membros e genitais sem alterações. As pálpebras encontra-se semi-abertas, a língua protusa, com mucosa ressecada. Cianose da face e dos pavilhões auriculares. Pescoço: sulco semi-circular, interrompido ao nível da mastóide direita, localizado na porção alta do pescoço e inclinado para a direita, ao longo do mesmo a pele está apergamionhada; acima do sulco: cianose; abaixo: palidez. Hipóteses no dorso e nádegas. Hipóteses no escroto e penis em semi-ereção. Cianose das unhas, pés e mãos. EXAME INTERNO: - Praticada incisão bimestóide vertical e rebatido o couro cabeludo, encontramos o epicrânio liso, sem sinais de traumatismo. Aberta a caixa craneana, o encéfalo apresenta-se com discreto adema, sem demais alterações. Praticada incisão sub-manto-pública e aberta a cavidade tóraco-addominal encontramos os pulmões armados e o coração em sístole. A Superfície pelural visceral apresentava as típicas manchas de Tardiau. Fígado e demais órgãos cevitários congestos, sem outras alterações de interesse a esta perícia. A dissensão do pescoço revelou sufusões de tecido celular, sub-cutâneo ao longo do sulco descrito. O estudo das artérias carótidas, bilateralmente, não demonstrou



# "MEU JORNAL TEM 5 OU 6 COMUNISTAS"

com o jornal **Dois Pontos**, da Escola de Comunicações e Artes da USP, que estava em seu 2º número.

No clima de indignação e dor que se seguiu à morte de Vladimir Herzog, a diretoria do Sindicato ouviu, em todas as reuniões, dezenas de propostas para que Cláudio Marques fosse expulso da entidade. O adjetivo mais brando para qualificá-lo era "dedo-duro".

Sexta-feira, 31/10; faz duas horas que 8 mil pessoas deixaram a catedral da Sé, após o culto ecumênico em homenagem à memória de Vladimir Herzog. Cláudio Marques, sem saber, tem encontro marcado com o Ex, nos estúdios da TV Bandeirantes. São 20.45 horas.

Quando o repórter Edison Brenner se aproximou da porta, tentando aparentar tranquilidade e demonstrando claramente que ia entrar, que já estava empurrando a porta de madeira e vidros duplos, que já tinha entrado e a porta já estava sendo decididamente empurrada para fechar novamente, o guarda-costas entrou também. Cláudio Marques está sentado à frente e de uma mesinha preta e de costas para um cenário dentro do cenário principal: parece que ele está de costas para um elegante estante de livros em um escritório luxuoso.

Com o gesto largo de sempre, Cláudio Marques está no ar, mostrando ao telespectadores que seu relógio de mostrador negro, caríssimo, informa que está na hora de "Fechar Aspas". O repórter pensou que havia chegado a hora de cumprir sua missão - entrevistar Cláudio Marques. Um fato inesperado: de repente, o personagem principal começa a tirar sua gravata, rapidamente, enquanto se dirige para a porta, ao mesmo tempo em que informa aos operadores:

- Enquanto vocês preparam aí, eu vou trocar eu vou trocar de gravata e de lenço.

Acontece que sexta-feira Cláudio Marques grava em vídeo-tape seu programa de sábado. Por isso a necessidade de trocar de gravata e lenço - para os telespectadores tem-se que dar a impressão de que ele mudou de roupa, no dia seguinte.

Relógio vai, "Abre Aspas", relógio vem, "Fecha Aspas" e Cláudio Marques é abordado, na saída do estúdio:

- Boa noite, Cláudio, será que você pode bater um papo comigo?

Foi então que ele se deu conta, pela primeira vez, da presença do personagem inesperado. Um leve susto, rápido, pequena hesitação.

- Ah, sim, sim, claro. Mas vamos ali que eu preciso tirar essa maquiagem do rosto.

Sala ao lado do estúdio, pequena, equipada com cadeira de barbeiro, espelhos, muito iluminada, um armário e cosméticos. Um ou dois novos personagens que só entram na história para cumprir ordens de Cláudio, "vê um colírio pra eu acalmar a irritação dos olhos",

"me dá o creme". Passa o creme de limpeza no rosto.

- Vamos lá.

- Cláudio, você não me conhece mas eu conheço você. Eu sou do jornal Ex e estou aqui a propósito do que aconteceu com o Vlado. Você está sendo acusado de dedo-duro, de ter movido uma campanha contra o Vlado, que está sendo encaráda...

O repórter vai registrando e, mais tarde, procurou reproduzir o mais fielmente possível as palavras textuais de Cláudio:

- E, eu sei, mas é uma campanha sacana que um profissional como eu, com 20 anos de profissão, não merece. Olha aqui... como é teu nome? Eu te conheço, sim, mas sabe como é...

- Meu nome é Edison. Vou fazer uma matéria isenta, entende? Tudo o que você disser, eu vou registrar.

- Olha aqui, da morte do rapaz eu não vou falar. Seria um absurdo dizer qualquer coisa. Nada que eu dissesse ou fizesse mudaria o fato de que ele morreu. Agora, sobre a minha posição, eu não mudo nada. Não tem sentido. Só faltava eu dizer agora, que ele está morto, "olha aí pessoa, não é nada disso, não aconteceu nada na TV Cultura". Não, eu mantenho tudo o que disse na minha coluna porque é aquilo que eu penso e eu assino embaixo. Eu sou assim mesmo e acho que o comunismo não é a solução para o Brasil, eu defendo isto e vou defender isto sempre.

Creme no rosto, lenço de papel Yes:

- Agora veja bem, isto é uma coisa. Eu nunca fiz campanhas pessoais na minha vida. Em minha coluna sempre defendi idéias. Aliás não fui eu quem levantou o assunto da TV Cultura nem o comunismo. O da TV Cultura foi o Estadão, e o do comunismo foi o Presidente Geisel no dia 1º de agosto. Então, é isto. Eu nem conhecia o rapaz, nunca fiz campanha pessoal contra ele. Minha atuação foi sempre em torno de idéias, nunca pessoal.

Começa a operação colírio.

- Agora, veja bem, eu também fiquei sabendo que disseram que eu fiz a campanha, porque queria o lugar para mim. Ora, pense bem, eu ganho muito bem, sou diretor de 3 jornais, sendo que o Diário Comércio e Indústria é meu. Ora veja só. Eu nunca quis na minha vida ser funcionário público. Podem dizer o que quiserem, que eu sou filha-da-puta, tudo, enfim, tudo que quiserem, mas eu não tenho emprego público, nunca ganhei dinheiro nessa base, entende? Veja bem, se eu um dia quisesse ser funcionário público, eu ia lá no Paulo que é meu amigo há 10 anos e até meio parente, até, e pegava uma diretoria do Banco do Estado, entende?

Não há mais vestígio de maquiagem no rosto de Cláudio; o último lenço Yes já foi para o lixo:

- Eu quero que você fotografe bem esse quadro que eu vou dar agora. Foto-

grafa bem isso: eu nunca fiz campanha pessoal contra ninguém, mesmo quando sei que o cara é comunista. O maior exemplo disto é a redação dos meus jornais, onde eu emprego e dirijo quase 50 profissionais, entre os quais há mais ou menos 5 ou 6 que são de extrema-esquerda. Se o cara é comunista, bicha, sacana, veado ou o que for, não me interessa. (...) Então, é por isto que eu quero que você fotografe bem este quadro: essa campanha é indecente porque eu nem conhecia o rapaz. Sabe, eu nem vejo a TV Cultura. Eu escrevi uma nova há 2 meses, e foi só. E veja o que foi acontecer. Veja bem, podia ter sido um cara lá do Recife, de outro lugar qualquer, enfim de qualquer lugar, mas não. Foi ser logo um cara da Cultura que eu, por acaso, tinha escrito uma nota. E então deflagram a campanha contra mim. Olha, eu até recebi vários telefonemas de colegas se solidarizando comigo. O Samuel Wainer mesmo foi um. Outro foi o José Carlos Bithencourt. (Que também levantava suspeitas contra a TV Cultura, na Última Hora PAULISTA: - NR) Então, eu não aguentei e escrevi uma carta ao Sindicato, contra essa campanha de difamação. Nesta carta, que deve estar com o Audálio, eu digo o mesmo que estou dizendo a você.

Um personagem secundário entrega o peletó azul para Cláudio, o repórter aproveita e pede um cigarro. Uma elegante cigarrreira de couro preto coloca um Pall Mall à disposição, fato que leva outros personagens secundários a aproveitar o lance, enquanto Cláudio termina:

- Veja que situação difícil. Eu hoje não fui à missa para não ser mal interpretado. Olha, eu vou te pedir uma coisa, perde mais um tempo e lê esse artigo, e a minha coluna que vai sair no domingo. E isto que eu penso sobre o caso:

(...) "O fato de estarmos sofrendo uma campanha insidiosa e constante e de solapamento, ou por elementos interessados, por estarem diretamente envolvidos nesse processo. O fato de que o Estado tem por obrigação agir contra esse tipo de agressão é, por si só, justificável. O que não parece absurdo é que, tendo à disposição todo um instrumental de ordem legal, tenha o Estado que ultrapassar, de maneira despropositada, os limites desse instrumental. E ultrapassá-lo a ponto de ser visualizado como autor dos métodos, sistema e práticas, que ele próprio (o Estado) condena. E em cujo combate justifica uma série de medidas de ordem política e administrativa.

O direito de defesa, o direito do amparo à lei, o direito à assistência moral, negado peremptoriamente nos países onde o fascismo vermelho detém o poder, não pode absolutamente ser negado entre nós! Não fora só pela tradição cristã e brasileira, mas pelos princípios mesmos que motivaram, justificaram e deram a vida a março de 64.

(...) Por outro lado, o intenso e conti-

nua trabalho que vem sendo desenvolvido nas universidades e nos meios culturais, desde há muito, tem por intuito o convencimento da opinião pública de que o Brasil nega, desde 1964, a plena liberdade de expressão e acesso às fontes de conhecimento científico, político e artístico. E, igualmente óbvio que esse trabalho de proselitismo é orientado segundo um vazo gauche, que preferimos não discutir em minúcias. Mesmo porque não é o caso. A ninguém - ao que me conste - foi limitada ação pessoal e profissional neste país, pelo fato de estar íntima e convictamente ligado a ideologias de esquerda." (...) City News, 2/11, domingo, Coluna Um de Cláudio Marques.)

A sexta-feira amanheceu tranquila, céu cinza. Havia poucas interrogações no ar, pois tudo, ou quase tudo, relacionado com o culto ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog na praça da Sé, havia sido decidido.

A Operação Gutenberg, (Gutenberg, inventor dos tipos móveis, patrono da imprensa), mobilizando 500 agentes à paisana e todos os efetivos da Polícia Militar de São Paulo, estava em andamento.

A Polícia de Trânsito havia montado 385 pontos de estrangulamento nas principais vias da cidade, para impedir que as 20 mil pessoas previstas ("uma multidão incontrolável") chegassem à Catedral.

O presidente Geisel, na cidade desde a véspera, conferenciara rápida mais decididamente com políticos da Arena e MDB.

O Sindicato dos Jornalistas, os 30 mil estudantes da USP em greve desde o dia anterior, já tinham decidido o seu comportamento na solenidade.

A palavra de ordem em todos os escalões com alguma influência era: maturidade, serenidade.

Somente a "massa" esperava - ainda tensa e perplexa - acontecimentos anormais. Mas tudo saiu conforme o previsto.

Folha de S. Paulo: "Nenhum incidente no ato religioso ou depois dele. O suspiro de alívio de milhares de peitos formou uma brisa leve, como aquelas aragens que prenunciam bom tempo".

Jornal da Tarde: "As 18 horas de ontem, os meios políticos de Brasília já tinham trocado o estado de tensão por um clima de euforia mal contida. As principais lideranças partidárias davam por findas suas ligações telefônicas com São Paulo - que se prolongaram pela manhã e à tarde - sendo seguramente informadas: o ambiente na cidade permaneceu tranquilo, antes, durante e depois do culto ecumênico pela morte do jornalista Vladimir Herzog, celebrado na Catedral da Sé; e o presidente Geisel recebeu calorosa acolhida em todos os locais que visitou".

Na Catedral da Sé, os primeiros participantes começaram a chegar às 15 horas, e até as 18, quando terminou o ato religioso, 8 mil pessoas tinham conseguido furar o bloqueio montado pela polícia de trânsito.

Na sacristia da Catedral, os celebrantes do culto - D. Paulo Evaristo Arns, cardeal

alterações macroscópicas visíveis. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: - 1) Ausência de sinais de violência em toda a extensão do tegumento cutâneo. 2) Hipóstases ainda não fixadas completamente, acima do sulco cervical, no dorso, nas nádegas e nos genitais externos. 3) Protusão de língua. 4) Sulco produzido por laço em posição alta, inclinado para a direita e interrompido ao nível da mastóide (local onde deveria estar o nó). 5) Ligeiras sufusões hemorrágicas no tecido celular sub-cutâneo, nos músculos pré-tiróideanos, ao longo do sulco descrito. 6) Manchas de Tardieu na superfície pulmonar, indicando sofrimento respiratório. Globalmente o estudo de conjunto destas lesões indica o quadro médico-legal clássico de asfixia mecânica por enforcamento. RESPOSTAS AOS QUESITOS: - ao primeiro - sim; ao segundo - Asfixia Mecânica; ao terceiro - enforcamento; ao quarto - não. Obs: Colhido material (sangue + estômago e conteúdo) para exame Toxicológico. Nada mais havendo, encerramos o presente laudo. São Paulo, 27 de outubro de 1975  
a) Dr. Arildo de T. Viana e Dr. Harry Shibata.

## PERÍCIA: EXAME DE DOCUMENTO

Secretaria da Segurança Pública  
Divisão de Criminalística

1975 - nº 14.001

Natureza da Perícia: Exame de Documento

Data: 27-10-75

Requisição do Capitão Ubirajara do DOI/CODI

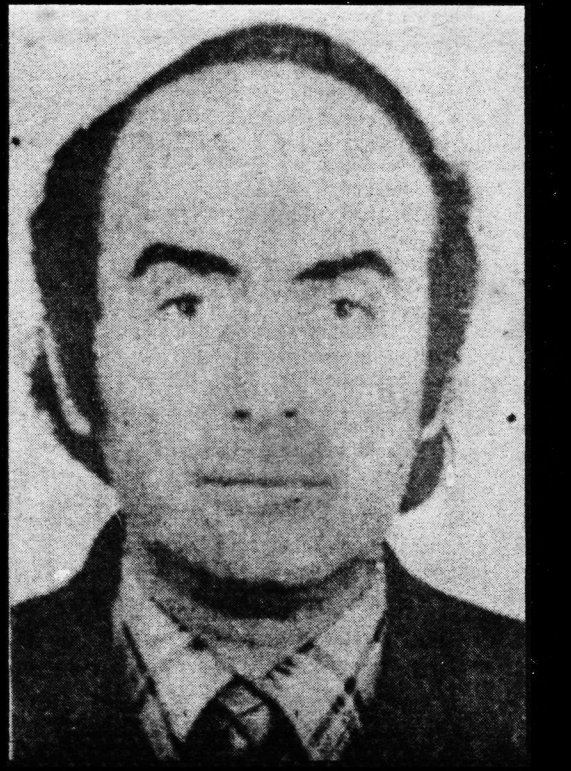
Relator: Antonio Armindo Camillo - Perito Criminal R.E. Nº 4194/75.

### LAUDO DE EXAME DE DOCUMENTO

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de 1975, nesta Capital - São Paulo e na DIVISÃO DE CRIMINALÍSTICA do Departamento Estadual de Polícia Científica da Secretaria da Segurança Pública, de conformidade com o disposto no artigo 178 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941, pelo Diretor Dr. JOÃO MILANEZ DA CUNHA LIMA, foram designados os peritos criminais ANTONIO ARMINDO CAMILLO e CARLOS PETIT, para proceder ao exame grafotécnico adiante especificado, a fim de ser atendida a requisição do CAPITÃO UBIRAJARA, do DOI/CODI.

### PEÇA DE EXAME

Constitui peça motivo da presente perícia a "declaração" manuscrita, que se vê reproduzida na foto anexa de número 1, e cujo original, em que se apoiou a presente perícia, se encontra anexado ao laudo de exame em local de encontro de cadáver, emitido pela seção competente desta Divisão de Criminalística sob número 13967 e subscrito pelo perito Motoho Chiota.





# "NÃO SENTI MEDO, NÃO SINTO AGORA!"

de São Paulo; Henry Sobel, rabino da Congregação Israelita Paulista - esperavam a chegada do reverendo Jaime Wright, das Igrejas Evangélicas. Ali, 5 minutos passados da hora marcada, o Ex-editor Hilton Libos tem uma surpresa. Um participante inesperado está sendo apresentado ao rabino Henry Sobel: D. Helder Camara. O bispo de Olinda e Recife acaba de voltar de uma viagem de 10 dias por 4 países europeus, que culminou em Londres, onde recebeu o Prêmio Mundial da Paz "Victor Gollancz Humanity Award".

- Meu filho, conte aí que eu ganhei o Prêmio da Paz. No Brasil, ainda ninguém deu.

- Qual o programa do senhor em São Paulo?

- Meu filho, eu só vim assistir à missa e volto pra Recife.

- Alguma declaração?

- Para que falar em voz alta, meu filho, se todos nós estamos conversando em silêncio?

É fim de tarde, o frio aumenta na Praça da Sé. Os órgãos de Segurança, com dezenas de fotógrafos e cinegrafistas estrategicamente colocados nos prédios em volta da catedral - já filmaram e fotografaram exaustivamente a multidão tensa, silenciosa e insegura que o frio e uma garoa fina, agora, quase 1 hora depois de terminado o ato, começa a dispersar.

Nas escadarias da catedral, com a praça de fundo, um repórter da TV Alemã se prepara para fazer o boletim de abertura de sua reportagem filmada, quando percebe que entre os presentes a sua volta, uma moça entende o que ele está dizendo para a câmera. Para, interrompe o trabalho e antes de um ponto isolado da praça se justifica, em alemão:

- Numa situação como essa, não dá pra confiar em ninguém. Não tenho segurança para trabalhar.

Os jornalistas libertados, durante a semana, informaram agora que o tratamento havia melhorado muito, desde segunda-feira última, lá dentro do DOI-CODI.

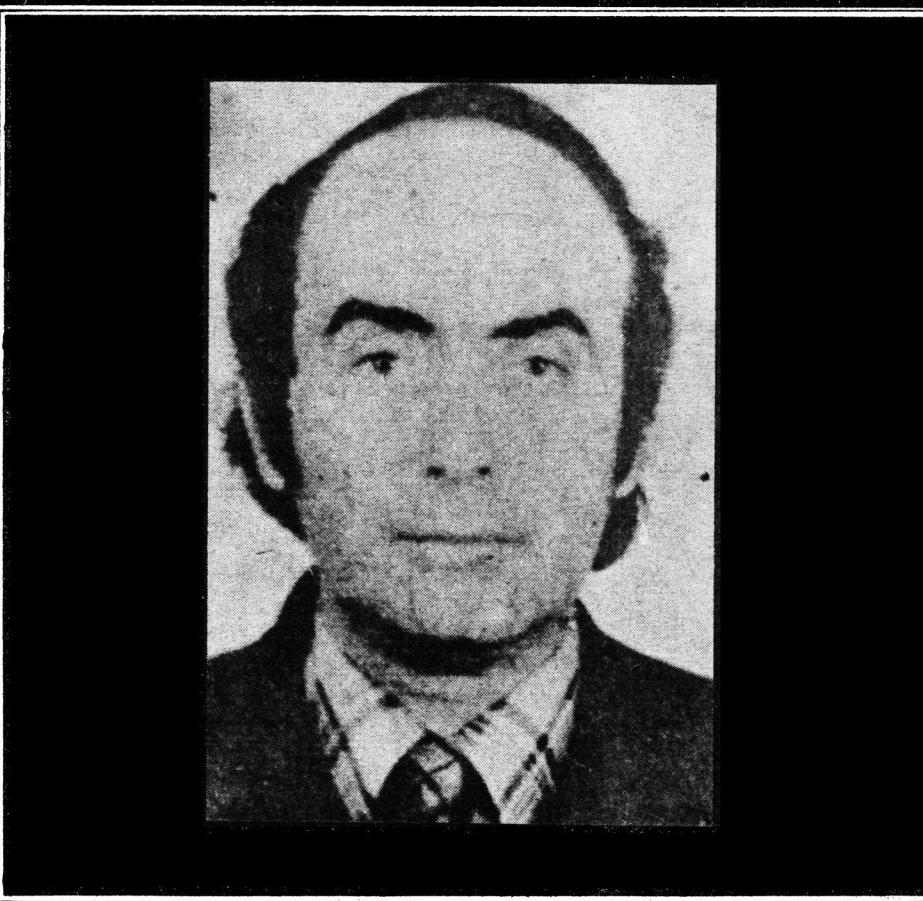
E outros fatos da semana mostrariam que as coisas melhoravam para os jornalistas acusados:

1 - Luis Weiss, diretor do Sindicato e redator de *Veja*, se apresentou às autoridades, acompanhado de Mino Carta e José Roberto Guzzo, diretor a redator-chefe da revista, além de Audálio Dantas, na manhã de terça-feira.

"A apresentação foi previamente anunciada ao General Ferreira Marques, Chefe do Estado-Maior do II Exército. Luis Weiss apresentou-se ao Coronel Paes, chefe da 2ª Seção do II Exército, a quem o presidente do Sindicato, na ocasião, voltou a comunicar o clima de intranquilidade e insegurança entre todos os jornalistas em consequência das prisões e da morte de Vladimir Herzog". (Nota oficial do Sindicato de Jornalistas, de 28/10, terça-feira).

Luis Weiss ainda ficou detido.

2 - Marco Antonio da Rocha, jornalista do *Jornal da Tarde*, teve melhor sorte. Apresentou-se na manhã de quarta-feira, acompanhado pelo presidente Audálio Dantas e pelo jornalista Ruy Mesquita, diretor-proprietário de *O Estado de S. Paulo*. Foi recebido pelo General Ferreira Marques e pode prestar



todo o seu depoimento (encerrado no dia 3/11) em liberdade, em dependências da 2ª Seção, no QG do II Exército. Ia pela manhã, espontaneamente, e era liberado por volta das 16 horas, diariamente. Almoçava em casa.

Realmente, a situação de tensão se aliviou entre os jornalistas. E, depois da "maturidade" do ato ecumênico por Vlado, os jornais passaram a refletir, em suas páginas, a alegria da classe política. A palavra de ordem voltou a ser distensão. Nem a proibição da censura às televisões sobre o noticiário da missa, nem a rigidez da "censura prévia" com os semanários - não deixando nem mesmo o nome de Vladimir Herzog - chegou a perturbar o novo cenário das ações. Em pauta, entraram diversos assuntos "políticos".

"O debate que vinha sendo evitado, não apenas pelo receio compreensível de deflagrar o incontável, mas pelo desconhecimento mais amplo da realidade sobre a ação dos órgãos de Segurança, seus excessos e métodos de atuação, em desenvoltura que não se ajusta às determinações da lei, mesmo da abundante legislação excepcional vigente, agora está em pauta. Quebrou-se o "tabu" da inviolabilidade, ante a brutalidade dos acontecimentos ocorridos em São Paulo e as trágicas consequências da misteriosa escalada de violência (...).

O outro (problema) é a reformulação do governo, com mudanças profundas no ministério, em escala mais ampla do que as anunciadas nas frustradas especulações anteriores. No gênero, como ninguém desconhece, os desmentidos não

querem dizer nada. São peças do jogo. O governo está sendo trabalhado internamente para não esperar passivamente por uma nova crise. Precisa aproveitar a oportunidade para agir. Pois ela pode ser a última (Villas Boas Correa, *O Estado de S. Paulo*, 1/11, terça-feira)

E, realmente o cenário das ações havia mudado. Com a contra-ofensiva da distensão, as notas preparadas diariamente pelo Sindicato de Jornalistas de São Paulo sobre os presos políticos, que até o final da semana haviam ganho espaço e importância entre o noticiário político do País, passaram para o seu antigo lugar - junto com as outras informações de presos, sem qualquer destaque:

"Chega ao fim greve de fome em Itamaracá."

(...)

Jornalistas

O Sindicato de Jornalistas de São Paulo divulgou nota informando que a situação dos jornalistas era a seguinte no fim da tarde:

1 - Continuam detidos no DOI os jornalistas Luiz Weiss, José Vidal Pola Galé e Frederico Pessoa da Silva.

2 - Continuam detidos no DEOPS, os jornalistas Sérgio Gomes da Silva e Marilda Marchi, sendo que esta última deverá ser transferida pra o Rio de Janeiro;

3 - Foram libertados os jornalistas Paulo Sérgio Markum, Rodolfo Konder e George Duque Estrada;

4 - O jornalista Marco Antonio Rocha, que se apresentara dia 29, foi liberado, depois de concluir depoimento.

5 - O jornalista Anthony de Cristo está em liberdade desde o dia 30". (Página 18, 2 colunas, *O Estado de S. Paulo*, 4/11, terça-feira)

Na sala de espera da Cúria Metropolitana de São Paulo, na elegante avenida Higienópolis, Regina Maria Fonseca Gadelha, caminha nervosamente, em silêncio. Mais 4 mulheres sentadas num estofado esperavam a vez de serem ouvidas: 2 delas eram de Campinas, onde um parente foi preso na noite anterior, quando estacionava o carro na garagem do prédio. As outras 2 pessoas queriam falar do irmão que já estava desaparecido há 9 dias, e não tinham notícias. Alguns policiais armados se identificaram como do DEOPS, invadiram a casa da família do rapaz desaparecido, na Vila Maria, remexeram tudo ("até na lancheira das crianças", disseram as moças) e o levaram para "ter uma conversa rápida". Regina Maria, enquanto as moças contavam seu caso, preencheu um requerimento pedindo a intercessão do Cardeal Arns no caso de seu marido Antônio, preso desde 8/10, nas dependências do DOI-CODI, incomunicável.

- Estou com medo, medo mesmo. Porque os jornalistas, estudantes e advogados tem, de certa maneira, proteção dos seus órgãos de representatividade. E os outros?

Na sala onde Regina falava ao EX, dezenas de pessoas passaram toda a semana. A relação da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, que funciona ali, tinha 95 nomes de estudantes, profissionais liberais, operários e professores recolhidos, principalmente ao Departamento de Ordem Interna - o DOI-CODI -, e ao DEOPS. Mas o que mais impressionou o repórter Hilton Libos foi a reação da pessoa encarregada dos trabalhos da Comissão de Justiça e Paz da Cúria (embora os jornais diários tivessem falado livremente), porque sentia-se ameaçada.

- Estou com medo das reações deles.

Se os jornais e o cenário político nacional não refletiam mais esse clima de insegurança, na entrada do mês de novembro, nem todos os jornalistas estavam seguros quanto ao futuro. Um diretor de redação de São Paulo, no dia de Finados, traçava um quadro de tintas carregadas.

- A história dos últimos 11 anos mostra que esse sistema só entra em crise por causa de dois fatores: o econômico e o sucessório. Como não há informação palpável do que está acontecendo, como saber que tudo mudou?

4 de novembro de 1975, terça-feira, 16 horas.

Clarice Herzog, junto com os editores do EX, examina o seu depoimento a essa reportagem. Passados 10 dias, Clarice mostra a mesma clareza de raciocínio e coragem com que lutou desde o velório:

- Eu vou ser convocada para depor no inquérito que investiga como meu marido morreu. Pode ser que não adiante nada. Mas eu, meus filhos e o Vlado merecem que eu tente. Com a Ordem dos Advogados, com a Comissão de Justiça e Paz da Cúria, com o Sindicato dos Jornalistas, ou sozinha. Eu, realmente, não assumi a morte do Vlado. Não senti medo, não sinto agora.

## OBJETIVO DA PERÍCIA

Nos termos da requisição do exame, é a presente perícia para verificar se é autêntica ou não a assinatura "V. Herzog", que se vê ao pé do documento questionado, em face das homógrafas verdadeiras existentes às fls. do prontuário sob R.G. nº 1992614, do Arquivo do DICC, três das quais se vêem reproduzidas nas fotos anexas de números 2 a 7.

Após realizarem as pesquisas que se fizeram necessárias lançando mão de parelhamento óptico adequado, os peritos designados e infra-assinados passam a se desincumbir dos mistérios e inferecendos os resultados a que chegaram, através da presente.

## CONCLUSÃO

É autêntica a assinatura "V. Herzog" que se vê ao final da "declaração" questionada.

Essa conclusão os peritos a estabeleceram em face das convergências gráficas observadas entre a assinatura questionada e as homógrafas de confrontação constantes de fls. do prontuário sob R.G. nº 1992614, em nome de "Vlado Herzog".

Assim é que, conforme ilustram as fotos anexas de números 5 a 8, e a assinatura questionada apresenta traçado veloz, isento de indecisões ou artificialismo, reproduzido, portanto, a mesma qualidade gráfica das referidas como termos de comparação, do prontuário nº 1992614. Além dessa concordância há, entre a assinatura objeto de exame e suas homógrafas de confrontação, convergências no que respeita à construção e

desenvolvimento do grafismo (vide assinalamentos nas fotos anexas de números 5 a 8), que fundamentalmente a presente conclusão, e dentre as quais, sobressaem o ataque, desenvolvimento e remate do conjunto inicial "V.H.", a ligação "H-e", a construção do "z" e do "g" final.

Ante o exposto julguem os peritos plenamente arrazoadas a conclusão expedida, dando a assinatura "V. Herzog" do final do documento questionado, como procedente do mesmo punho que exarou as homógrafas do prontuário R.G. nº 1992614, do arquivo do DICC.

Este laudo, datilografado no anverso de quatro folhas deste papel, foi redigido por seu primeiro signatário, a quem coube, também a realização dos exames, após os quais conferenciou com o segundo, que nada teve a objetar. Acompanham-no oito fotografias, legendadas e autenticadas pelos peritos.

São Paulo, 27 de outubro de 1975.

a) Antonio Armino Camillo, Carlos Petit. (mais a assinatura do Diretor da Divisão Criminalística).

**ex-16**  
**DOCUMENTO**

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DIVISÃO DE CRIMINALÍSTICA  
SÃO PAULO

5) pormenor da lapçada (seccionada para possibilitar a relação do corpo)

DESIGNAÇÃO: 7338-5  
Caso nº: 7338-5  
Chapas de nº: 7338-5  
Técnica: Fotográfica

Interpretado o uso desta foto, mantendo-se de respectiva fidelidade do Instituto de Polícia de Estado.

Rua Quilô de Andrade, 135 - Fone: 22-4121